ORGANIZADORES
Fernando da Silva Cordeiro
Edvaldo Balduino Bispo

Língua em USO

funcionalismo linguístico e outros olhares teóricos

UFRN | PPG Pró-Reitoria de Pós-Graduação
pimenta cultural

ORGANIZADORES
Fernando da Silva Cordeiro
Edvaldo Balduino Bispo

Língua em USO

funcionalismo linguístico e outros olhares teóricos

UFRN | PPG Pró-Reitoria de Pós-Graduação | São Paulo | 2025 | pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L755

Língua em uso: funcionalismo linguístico e outros olhares teóricos / Organização Fernando da Silva Cordeiro, Edvaldo Balduino Bispo. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-407-0

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0

1. Linguística. 2. Funcionalismo linguístico. 3. Linguística Funcional Centrada no Uso. 4. Gramática de Construções. I. Cordeiro, Fernando da Silva (Org.). II. Bispo, Edvaldo Balduino (Org.). III. Título.

CDD 410

Índice para catálogo sistemático:
I. Linguística
Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

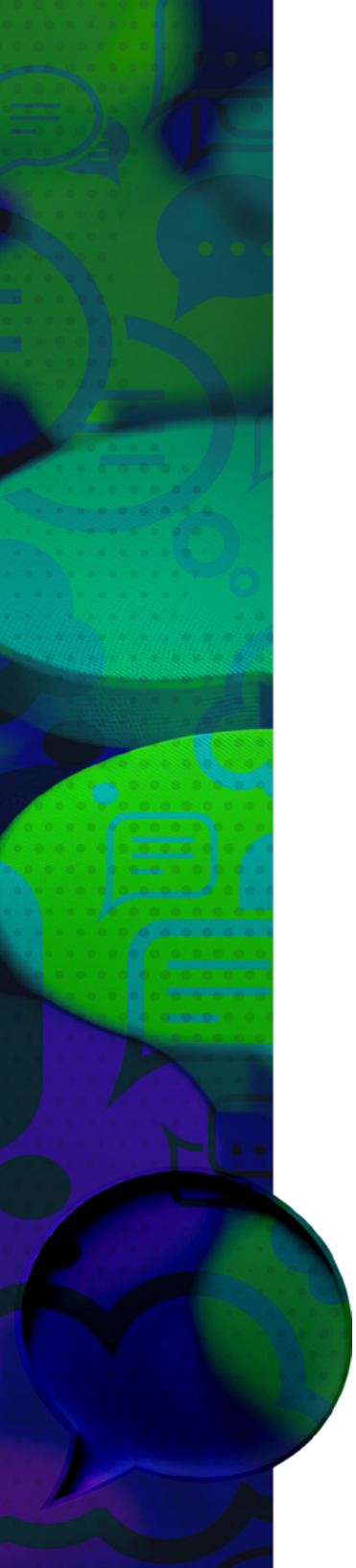
Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<https://creativecommons.org/licenses/>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Creative_hat, macrovector, studioworkstock, xadartstudio - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Abril Text, Belarius Poster, Dazzle Unicase
Revisão	Maria Clara Lucena de Lemos
Organizadores	Fernando da Silva Cordeiro Edvaldo Balduino Bispo

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2025



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoras

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadétte Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

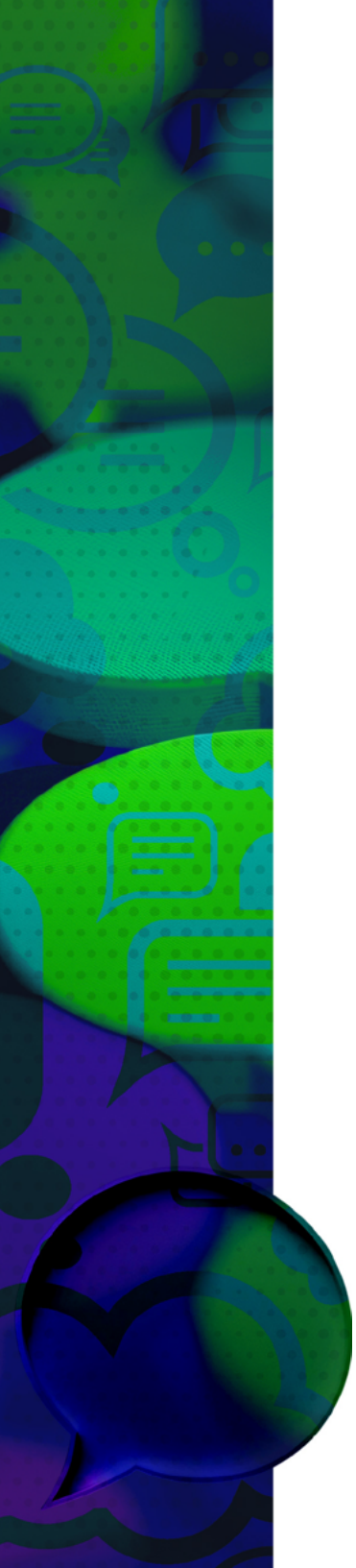
Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil



Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leyltton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

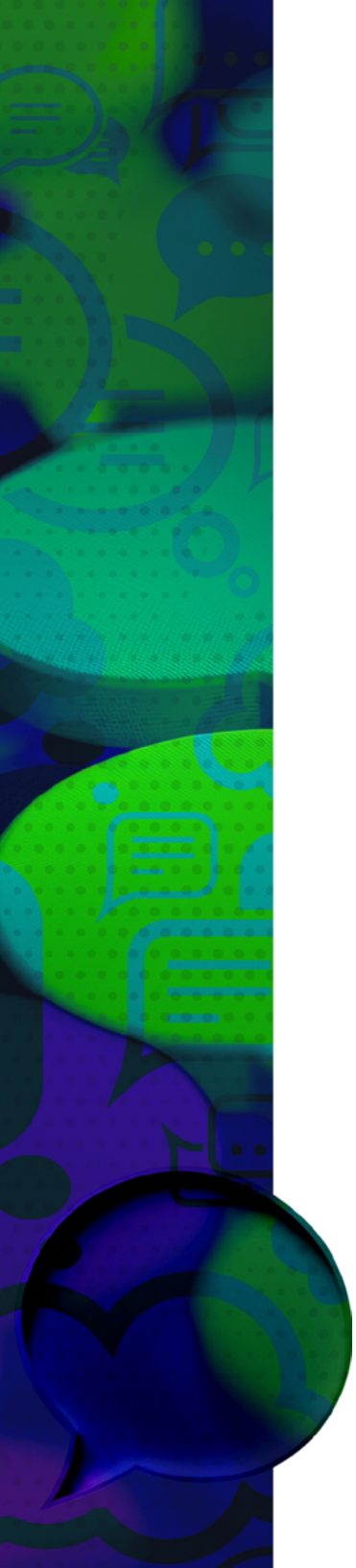
Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil



Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

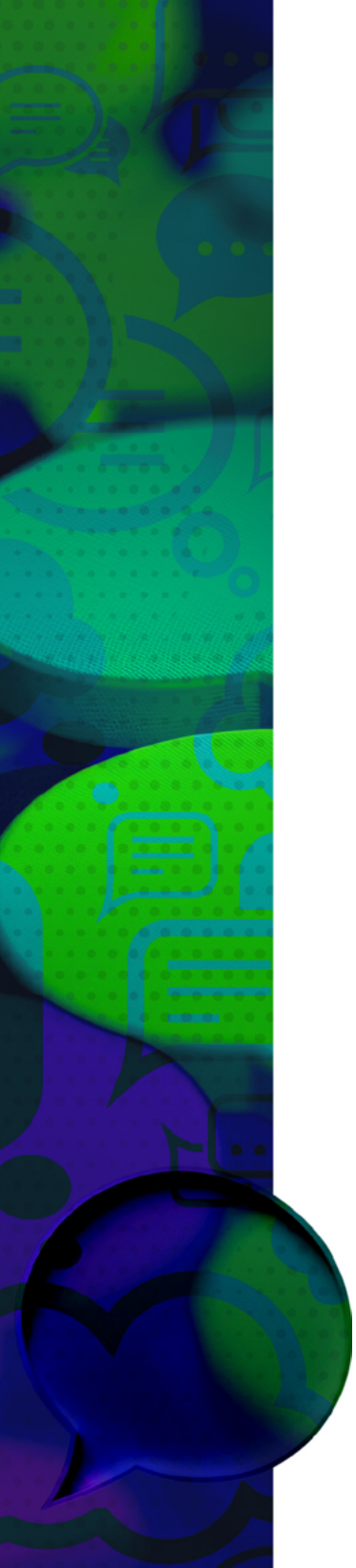
Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

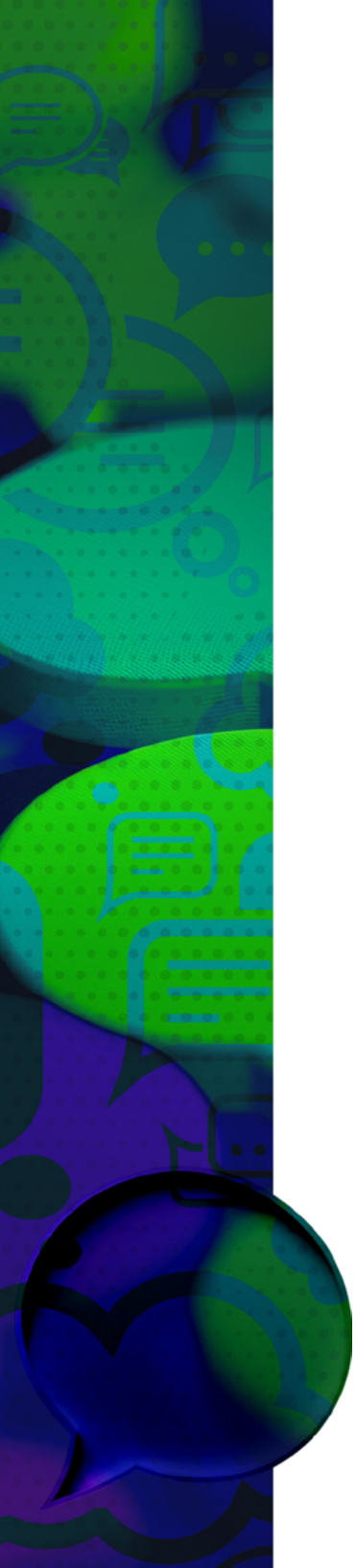
Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



SUMÁRIO

Apresentação **10**

CAPÍTULO **1**

Mizilene Kelly de Souza Bezerra (UFRN)
Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) - in memoriam
A construção transitiva com verbos de percepção auditiva: uma abordagem funcional-construcionista **14**

CAPÍTULO **2**

Manoela Amstalden Ambiel (UFRJ/CNPq-PIBIC)
Leyla Ely (UFRJ/CAPES)
Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq/FAPERJ)
Uma análise comparativa entre as construções [se P, (então) Q] e [supondo que X] à luz da linguística funcional centrada no uso **38**

CAPÍTULO **3**

Lydsson Agostinho Gonçalves (UFJF)
Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto (UFJF)
Construções com a partícula *se* no português brasileiro: uma proposta de rede hierárquica no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso **60**

CAPÍTULO **4**

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)
Sávio André de Souza Cavalcante (UECE)
Márcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)
A conceptualização de temporalidade por aspectualidade na expressão de estado de coisas **87**

CAPÍTULO **5**

Roberto de Freitas Junior (UFRJ)
Priscilla Mouta Marques (UFRJ)
Ana Clara Figueiredo Gonçalves (UFRJ)
João Paulo da Silva Nascimento (UERJ)
Contribuições da LFCU para a análise de fenômenos gramaticais no âmbito da educação:
uma discussão sobre aquisição e ensino **122**

CAPÍTULO **6**

Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq/FAPERJ)
Miguel de Assis Bomfim (UFRJ/FAPERJ-IC)
Linguística na Licenciatura em Letras:
o ensino dos planos discursivos figura e fundo **145**

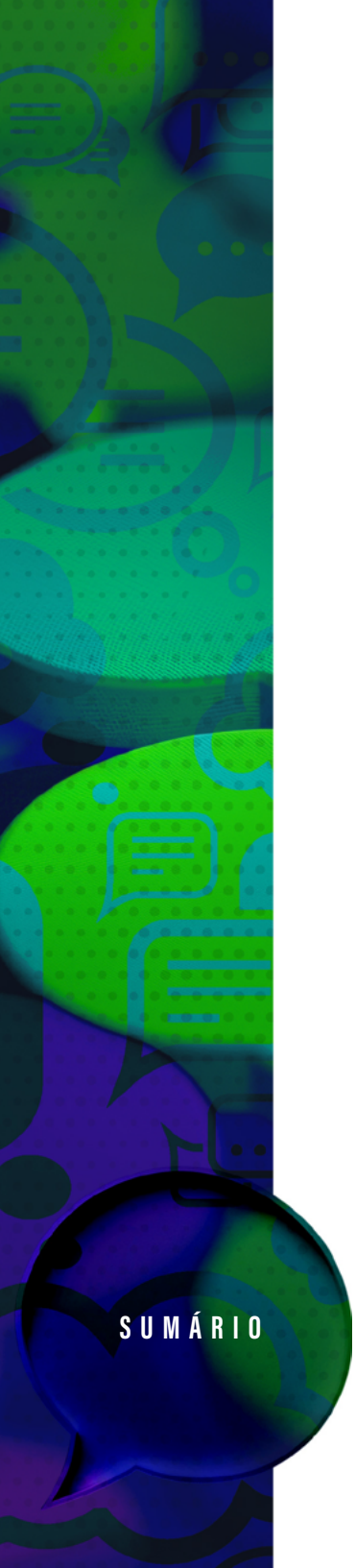
CAPÍTULO **7**

Éccia Alécia Barreto (UFS)
Iasmin Brito da Silva (UFS)
Letícia Rocha Farias Lima (UFS)
Letícia Lorrany Santos de Santana (UFS)
Mecanismos de coesão textual:
uma análise em redações no projeto "Oficinas de Redação no CODAP/UFS" **167**

Sobre os organizadores **189**

Sobre os autores **190**

Índice remissivo **197**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Pesquisas linguísticas que tomam o uso efetivo da língua como referência desvelam não apenas características da organização interna do sistema linguístico e de sua manifestação nas práticas interacionais, mas também aspectos semânticos, cognitivos e discursivo-pragmáticos implicados nessas práticas (Bispo, 2014). Nessa direção, acompanhando Schiffrin (1994), entendemos que diversas correntes dos estudos linguísticos que se baseiam no uso real da língua podem ser consideradas, grosso modo, como funcionalistas em oposição às perspectivas formalistas.

Nesse contexto, este livro reúne trabalhos que discutem temas diversos, considerando a língua posta em funcionamento. Os três primeiros capítulos examinam fenômenos linguísticos particulares sob o viés da Linguística Funcional, quer de forma exclusiva, quer na interface com outra(s) vertente(s) teórica(s), como é o caso da Linguística Funcional Centrada no Uso, que incorpora contribuições do modelo da Gramática de Construções. O quarto capítulo articula Sociolinguística à Gramática de Construções para o escrutínio de um padrão construcional específico. O quinto e o sexto capítulos contemplam a relação entre Funcionalismo linguístico e ensino de língua. O último capítulo se assenta na Linguística Textual para a discussão de dados gerados por meio de um projeto de extensão levado a cabo em sala de aula da Educação Básica.

No primeiro capítulo, "A construção transitiva com verbos de percepção auditiva: uma abordagem funcional-construcionista", Mizilene Kelly e Angélica Furtado da Cunha examinam propriedades semântico-morfossintáticas da construção transitiva com os verbos *ouvir* e *escutar*. Sob o viés da interface Funcionalismo norte-americano e Gramática de Construções, as autoras verificam,

em seus dados, que (i) o argumento externo desses verbos não se realiza lexicalmente, sendo, mais frequentemente, zero morfológico, e, do ponto de vista semântico, assume o papel de agente; (ii) o argumento interno objeto direto apresenta diferentes configurações morfossintáticas (sintagma nominal lexical, sintagma nominal pronominal, oração, morfema zero) e, mais frequentemente, o papel de tema.

O segundo capítulo focaliza a construção [supondo que X], em comparação à [se p, (então) q], à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Além de uma análise comparativa entre essas construções, Manoela Amstalden, Leyla Ely e Maria Maura Cezario apresentam, ao final do capítulo, uma proposta de atividades de descrição linguística voltadas para estudantes de graduação em Letras. Na análise empreendida, são considerados os seguintes parâmetros de condicionalidade: causalidade, não assertividade da construção, predição, distância epistêmica e espaços mentais, além de proteção de face. Por fim, as autoras apresentam sugestão de exercício sobre análise de condicionais com *supondo que* para aplicação em turma da graduação em Letras.

"Construções com a partícula *se* no português brasileiro: uma proposta de rede hierárquica no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso" é assinado por Lydsson Agostinho Gonçalves e Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto. Os autores analisam diferentes contextos de instanciação da partícula *se* com base em dados reais de fala de dois *corpora*: o Projeto NURC/RJ e o Projeto Mineirês. Como resultados, os autores identificaram um esquema/macroconstrução, quatro subesquemas e doze microconstruções envolvendo a partícula *se*.

No quarto capítulo, Marcos Wiedemer, Sávio André e Márcia Machado focalizam usos de expressões para codificar delimitação temporal, a exemplo de "no iniciar do século XXI" e "com o passar dos anos", as quais carreiam valor aspectual. Segundo os autores, essas expressões instanciam uma construção por eles denominada Construção de Realce Temporal de Fase Aspectual. Fundamentada

na abordagem socioconstrucionista, a análise traz como resultados uma correlação entre uso das preposições, duratividade/pontualidade e unidade de tempo (UT) envolvida. Conforme os pesquisadores, ao articular duratividade e pontualidade, a construção examinada pode, por um lado, tornar um fato mais preciso, restringindo seus limites temporais e determinada fase aspectual, e, por outro lado, retratar tempo/aspecto de modo mais difuso.

Roberto Freitas, Priscilla Mouta, Ana Clara Figueiredo e João Paulo Nascimento assinam o quinto capítulo, intitulado "Contribuições da LFCU para análise de fenômenos gramaticais no âmbito da educação: uma discussão sobre aquisição e ensino". Os autores desenvolvem uma discussão sobre aquisição de L1 e L2 e ensino de uma segunda língua. Para tanto, analisam dados de produção linguística escrita de anglófonos aprendizes de português brasileiro como segunda língua sob o viés da LFCU conjugada à Gramática de Construções Diassistêmica. Consideram usos divergentes da construção nominal, formada por especificador, núcleo e elemento opcional, [(ESP] N (X)], organizando-os em cinco tipos: problemas de concordância nominal, inserções motivadas, inserções aleatórias, apagamentos indevidos e trocas categoriais. Segundo os autores, a análise desenvolvida possibilita ao docente identificar e entender os problemas na produção dos aprendizes de L2 associados à formação, ainda subespecificada e neutra, de diaconstruções, além de, por consequência, auxiliar na proposição de abordagens e metodologias de ensino de L2 mais eficazes.

Em "Linguística na Licenciatura em Letras: o ensino dos planos discursivos figura e fundo", Maria Maura Cezario e Miguel de Assis Bomfim apresentam, de forma didática, a futuros professores de língua portuguesa, a codificação linguística de Figura e de Fundo em textos orais e escritos. Além de introduzir as categorias de Figura e de Fundo, o capítulo contempla um exercício de aplicação dessas categorias. Os autores concluem o capítulo destacando a relevância da reflexão proposta para a prática docente nos níveis fundamental e médio por parte de futuros professores de língua portuguesa.

SUMÁRIO

Em "Mecanismos de coesão textual: uma análise em redações no projeto 'Oficinas de Redação no CODAP/UFS'", os autores analisam redações de dois alunos do Ensino Médio de um Colégio de Aplicação à luz da Competência 4 do Exame Nacional do Ensino Médio. Assentados na Linguística Textual, os pesquisadores focalizam a trajetória de desempenho desses alunos em suas cinco produções escritas, com foco no desenvolvimento da referida competência. Como resultados, os autores pontuam que um dos alunos conseguiu utilizar os mecanismos de coesão sequencial, de maneira adequada, em diversos contextos e em diferentes propostas temáticas. O outro aluno, porém, ao recorrer a modelos prontos de redação, não conseguiu desenvolver satisfatoriamente a competência atinente ao uso de mecanismos de coesão.

Os textos que integram esta obra permitem ao leitor não apenas o conhecimento de premissas e postulados básicos de vertentes da linguística que consideram o estudo da língua em funcionamento, como também possibilitam observar a aplicação desses modelos à investigação de fenômenos linguísticos particulares, além de sua potencial contribuição para o ensino, seja de língua materna, seja de L2. Fica registrado, então, o convite à leitura, que, esperamos, seja produtiva.

REFERÊNCIAS

BISPO, E. B. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas**, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2014.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to Discourse**: language as social interaction. Oxford/ Cambridge : Blackwell, 1994.

Edvaldo B. Bispo (UFRN/CNPq)
Fernando S. Cordeiro (UFERSA)
Organizadores

SUMÁRIO

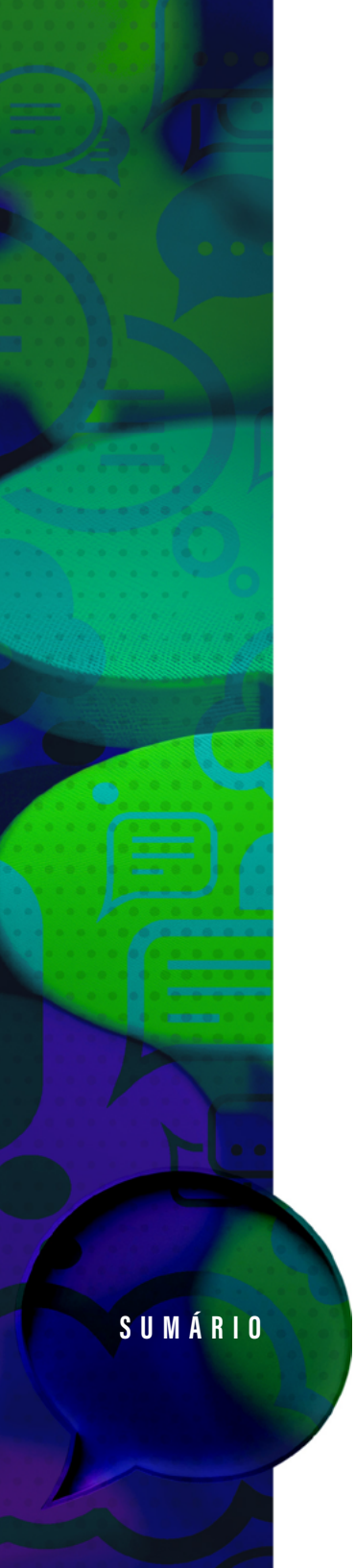
1

Mizilene Kelly de Souza Bezerra (UFRN)
Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) - in memoriam

A CONSTRUÇÃO TRANSITIVA COM VERBOS DE PERCEPÇÃO AUDITIVA:

UMA ABORDAGEM FUNCIONAL-CONSTRUCIONISTA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.1



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo focaliza a construção de estrutura argumental transitiva com os verbos de percepção auditiva *ouvir* e *escutar*[1]. Interessa investigar as propriedades semântico-morfossintáticas desses verbos em situações reais de usos do português. A análise se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016) alinhada à Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021).

Para atingir nossos objetivos, examinamos as relações estabelecidas entre os verbos *ouvir* e *escutar* e seus argumentos, entendendo que tais relações são configuradas pela construção de estrutura argumental que sanciona esses verbos, e não determinadas exclusivamente pelo verbo em si. Nesse contexto, a construção é entendida como um pareamento de forma-significado e as construções de estrutura argumental são uma subclasse especial de construções que fornecem os meios básicos de expressão oracional em uma língua (Goldberg, 1995).

Em termos metodológicos, o trabalho aqui apresentado é de natureza básica, reveste-se da abordagem de cunho quali-quantitativo (Cunha Lacerda, 2016) e é orientado pelo método dedutivo e indutivo. Classifica-se ainda como descritivo-explicativo e é de base bibliográfica. O material empírico se constitui de amostras extraídas de *blogs* disponíveis na *internet*, do ano de 2014, perfazendo um total de trezentas mil palavras, e está à disposição no site do projeto do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT/UFJF)[2].

1 Trata-se de um recorte da tese de doutorado em andamento de Mizilene Kelly de Souza Bezerra.

2 Projeto coordenado pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, a quem agradecemos a gentileza de socializar os *corpora*.

É importante mencionar que utilizamos o *software AntConc 3.5.9*[3] para otimizar a coleta das ocorrências, bem como o *software* de processamento de texto, *Word*, para organizá-las por verbo e registrar o exame de cada uma delas, com base nas categorias de análise selecionadas para a investigação.

No que se refere à sua estrutura, o capítulo contempla as seguintes seções: i) *A Linguística funcional-construcionista*, em que apresentamos os fundamentos teóricos sobre os quais alicerçamos nossas análises; ii) *A construção com os verbos ouvir e escutar*, em que aplicamos os princípios e as categorias analíticas selecionados, a fim de explicar os fenômenos observados; a iii) *Conclusão*, em que retomamos, de modo breve, a discussão empreendida aqui; e as iv) *Referências*.

2. A LINGUÍSTICA FUNCIONAL-CONSTRUCIONISTA

As teorias linguísticas baseadas no uso, ao longo das últimas décadas, ganharam projeção e se consolidaram no campo dos estudos da linguagem. Este trabalho fundamenta-se, pois, na recente tendência funcionalista praticada no Brasil, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Esse modelo analítico "resulta da aproximação entre Funcionalismo norte-americano, Linguística Cognitiva (LC) e Gramática de Construções (GC)" (Bispo; Lopes, 2022, p. i), correspondendo ao que se denomina na literatura americana de *Usage-Based Linguistcs* (Bybee, 2016). Vale mencionar que, no Brasil, essa corrente de estudos foi primeiro rotulada de Linguística Centrada no Uso por considerar a existência de "uma relação estreita

3 Disponível em: https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/. Para saber mais a respeito, sugerimos o canal do prof. Laurence Anthony no YouTube: https://www.youtube.com/@AntLabJPN.

SUMÁRIO

entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação" (Martelotta, 2011, p. 55-56), sendo, então, uma abordagem que analisa tanto os aspectos formais como as dimensões semânticas, pragmáticas e discursivas dos fenômenos focalizados.

Vários trabalhos em torno da LFCU podem ser identificados em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Rosário e Oliveira (2016), Oliveira e Cezario (2017), entre muitos outros. Assim como esses autores, assumimos "a concepção de língua como uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais" (Silva; Furtado da Cunha, 2022, p. 46).

Para a GC, a unidade básica da língua é a construção, um pareamento simbólico convencionalizado de forma e significado. Todavia, esse entendimento não é consensual, pois varia de acordo com o modelo de GC adotado ou da perspectiva do pesquisador. De acordo com Goldberg (1995, 2006), por exemplo, a construção compreende desde morfemas simples até estruturas oracionais complexas, já para Diessel (2019), a construção tem seu início no nível da palavra, ou seja, as construções monomorfêmicas não são consideradas. Outros autores como Östman e Fried (2005) falam em padrões textuais ao se referirem ao pareamento tipo (a forma) e gênero (a função) que um texto instancia. Adotamos, aqui, a visão apresentada por Goldberg.

Alguns princípios e categorias analíticas são utilizados nas investigações fundamentadas na LFCU, dentre os quais citamos a iconicidade, a marcação, a informatividade, os processos metafóricos e metonímicos, entre outros. Todavia, para este trabalho, destacamos estrutura argumental, *frame*, informatividade, projeção metonímica e subjetividade e intersubjetividade.

SUMÁRIO

Segundo a LFCU, estrutura argumental diz respeito à relação entre um verbo e seus argumentos. Essa relação ocorre nos níveis sintático, semântico, pragmático e cognitivo (Furtado da Cunha, 2006).

Para Castilho (2012, p. 263), argumentos são todos "os constituintes sentenciais dependentes de um predicador", o que implica que sujeito e objeto direto (OD) são identificados como argumentos do verbo. O referido autor defende também que o preenchimento dos lugares argumentais se dá por uma sentença, e esta pode ser comutada por *isso*, *disso* ou *para isso*, bem como reconhece que tal preenchimento, no português, pode ocorrer com uma "categoria vazia", já que esta é uma língua que dispensa o preenchimento dos argumentos sentenciais. Tomemos o seguinte excerto como ilustração[4].

(1) Minha primeira participação no Rotaroots! E o tema do mês de Abril é discos da minha vida! De imediato veio à mente vários discos *que eu ouvia* com meu irmão, pai e mãe A maioria que escolhi foram do final dos anos 80 e dos anos 90 (thanks Google!), sempre lembro com carinho quando meu pai apareceu em casa com um toca discos e eu adorava colocar a agulha nas faixas e trocar o lado do disco! Então PRE-PA-RA, tem de tudo nessa lista e segure sua vergonha alheia, rs (*Corpus blogs* 2014)

No excerto (1), temos o sujeito (*eu*) anteposto ao verbo *ouvir* e um OD pronominal (*que* = *vários discos*)[5]. A configuração de um verbo pode variar entre um, dois ou três participantes, mesmo mantendo seu significado básico. Nessa ocorrência, observam-se dois participantes lexicalmente realizados. Fica claro, portanto, que do ponto de vista sintático não existe uma estrutura argumental fixa para um determinado verbo, ou seja, a maneira com a qual ele se combina com os nomes é variável, conforme defende a LFCU. Essa ideia também se aplica, em menor escala, ao domínio das relações

4 Nas ocorrências apresentadas, o construto com o verbo de percepção está em itálico.

5 *Discos* é uma metonímia. O que se ouve são as músicas gravadas nos discos. Discutiremos sobre objetos diretos metonímicos mais adiante.

SUMÁRIO

semânticas estabelecidas entre os verbos e seus argumentos, uma vez que, dependendo do uso contextual de um verbo, seus argumentos podem assumir papéis semânticos diferentes, porém relacionados.

Há relações de sentido entre o verbo e seus argumentos (sujeito e complementos) e, ao estabelecer essas relações, o verbo designa funções específicas para cada argumento. Isso quer dizer que ele atribui um papel para cada um. São, então, essas funções que denominamos de papéis semânticos. Desse modo, observemos (2) e (3).

(2) Carrossel Eu não tinha esse disco mas lembro que sempre quando ia visitar meu primo (beijo Rodrigo!) *a gente escutava*. Gostava tanto da novela que assisti todas às reprises, sabia vários capítulos de cabeça e é claro que adorava todas as músicas, minha preferida era Amiga Professora. (*Corpus blogs* 2014)

(3) "One Direction" é uma grande febre do momento por lá. Na região onde fica o shopping Shibuya 109 *você ouve o hit "Story of My Life"* interruptamente e a boyband tem uma sala especial com fila na sua versão cera do museu Madame Tussauds. (*Corpus blogs* 2014)

Em (2), o referente do sujeito (*a gente*[6]) é intencional e tem controle sobre a ação, podendo escutar (*esse disco*) ou não e, portanto, desempenha o papel semântico de agente, ou seja, o instigador de uma ação, alguém que faz algo (Chafe, 1979). Por sua vez, o OD de *escutar* (Æ = *esse disco*) desempenha o papel semântico de tema. Já em (3), o sujeito (*você*) não detém o controle da ação e nem é intencional, mas, sim, alguém cuja disposição mental ou cujos processos mentais foram afetados pelo evento de ouvir, configurando-se, pois, como experienciador. O papel semântico do OD (*o hit "Story of My Life"*) corresponde ao de fenômeno experienciado pelo sujeito.

6 Consideramos *a gente* uma locução pronominal com valor de pronome pessoal *nós*.

SUMÁRIO

Direcionando a atenção para o estudo das construções de estrutura argumental, Goldberg (1995) compreende que o verbo sozinho não determina seus argumentos. Para ela, a construção é a responsável por definir as funções dos argumentos que, combinados com o verbo, compõem o significado da oração. Como dito antes, essa relação entre um verbo e seus argumentos é o que denominamos de estrutura argumental e argumento é qualquer elemento relacionado ao verbo. Vejamos a amostra.

(4) Vale dizer que shampoo a seco não é substituto pra boa e velha lavada, hein? Já *ouvi histórias tenebrosas* de meninas que ficam 15 DIAS sem ver água no cabelo, só dando jatos de spray para disfarçar, hahahaha! (*Corpus blogs* 2014)

Nesse exemplo, temos a estrutura argumental composta pelo argumento sujeito (Æ = *eu*), um predicador representado pelo verbo com sentido de percepção auditiva (*ouvir*), além do sintagma nominal OD (*histórias tenebrosas*). Quanto aos papéis semânticos atribuídos aos argumentos, o sujeito é experienciador, por ser o elemento que experimenta um fenômeno interno (Perini, 2010), e o OD é o fenômeno que desencadeia tal experiência.

Goldberg (1995) apresenta, então, um modelo de análise de construções de estrutura argumental, defendendo a tese de que as orações simples são instâncias de construções de estrutura argumental, pareamentos de forma-significado que não dependem de verbos particulares.

Trabalhamos, também, com o conceito de *frame* formulado na Linguística Cognitiva por Fillmore (1982). Para esse linguista, o *frame* é

> qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles você tem que entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma das coisas dessa estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas (tradução nossa)[7].

7 *"By the term 'frame' I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available"* (Fillmore, 1982, p. 111).

SUMÁRIO

É por isso que conseguimos atribuir sentido a termos a princípio desconhecidos no momento da enunciação.

Ainda de acordo com Fillmore (1968), um verbo tem sua descrição realizada com base na definição dos papéis semânticos dos argumentos com os quais ele se relaciona. Nessa perspectiva, os verbos envolvem significados que fazem referência a um *frame* estabelecido a partir do conhecimento de mundo dos falantes, daí essa noção sempre ser relacionada a *estruturas de expectativas* (Morato, 2010, p. 95, grifo da autora).

Os enunciados produzidos com verbos de percepção auditiva são compreendidos a partir dos *frames* acionados, e isso se dá até mesmo nas situações em que um ou os dois argumentos não estão neles expressos. Isso pode ser verificado no dado a seguir.

(5) aqui separei algumas músicas que eu ouço muito, mas tem muuuita coisa legal em ambos: para *ouvir* mais, confere os canais deles no youtube, só clicar nos hiperlinks! (*Corpus blogs* 2014)

O sujeito do verbo *ouvir* (pronome de segunda pessoa, podendo ser *tu* ou *você*) não está lexicalizado, e o OD é uma anáfora zero, de fácil recuperação devido ao contexto. A omissão dos dois argumentos, neste caso, não acarreta a incompreensão do enunciado, o que se sustenta pelo *frame* evocado pelos verbos de percepção auditiva.

É durante a comunicação que o locutor tanto busca informar algo, como também espera provocar alguma reação no interlocutor, valendo-se de recursos linguísticos (léxico-gramaticais) e extralinguísticos (gestos, expressões, dados da situação interacional) (Givón, 2001). O conteúdo informacional veiculado no contexto comunicativo é o que denominamos de informatividade. A identificabilidade de um referente tem a ver com aquilo que o falante assume que o ouvinte pode identificar. A ativação de um referente na mente do interlocutor se relaciona ao estado cognitivo corrente do ouvinte, o qual pode ser

SUMÁRIO

ativo, semiativo, inativo (Chafe, 1987). As suposições do falante sobre a ativação de conhecimento do ouvinte no momento do discurso se refletem nos elementos nominais, que podem ser classificados como informação dada, disponível, inferível ou nova (Prince, 1981). Vejamos o fragmento (6).

(6) A moda é cíclica e estamos cansadas de *escutar isso*, porém, vale ressaltar que uma tendência volta sempre de maneira diferente, inovada! (*Corpus blogs* 2014)

Em (6), o pronome *isso* é OD de *escutar*. Ao empregá-lo, o locutor utiliza uma quantidade pequena de informação, pois entende que aquilo a que ele se refere (*a moda é cíclica*) já está ativo no conhecimento do interlocutor, configurando-se, então, como uma informação dada.

Voltando a atenção para o conceito de projeção metonímica, ele nos permite acessar uma entidade por meio de outra. Essa projeção conceptual, assim como a metáfora[8], é um mecanismo de extensão semântica que, de acordo com Hopper e Traugott (2003), não acontece de modo aleatório, pelo contrário, é motivada por analogia e afinidade.

Segundo Cuenca e Hilferty (1999, p. 14), "a metonímia é um mecanismo principalmente referencial, através do qual remetemos a uma estrutura implícita por meio de outra de maior proeminência". É essencial esclarecer que esse mecanismo se dá dentro de um mesmo domínio, ao contrário da metáfora, por exemplo, que relaciona elementos de domínios diferentes. Vejamos, então, o exemplo.

(7) Culture Club: This Time – The First Four Years (Twelve Worldwide Hits) Eu tinha uns 4 anos e olhava pra capa e pensava comigo: "é um moço ou uma mulher?." HAHAHA!

8 "A metáfora é um recurso de pensamento (e, portanto, um aparato cognitivo) que nos permite estruturar conceitos a partir de outros, mais básicos e concretos, sendo nossa experiência direta do mundo – proporcionada por nosso corpo – a responsável pelo desenvolvimento desse processo" (Duque; Costa, 2018, p. 24).

SUMÁRIO

> Confesso que só fui associar a pessoa (Boy George) a esse disco uns tempos atrás! Quando vi logo lembrei que era o homem da capa do disco *que ouvíamos* em casa... Minha música preferida era Karma Chameleon. (*Corpus blogs* 2014)

Em (7), *disco* é usado metonimicamente, pois o que é ouvido pelo sujeito não é o disco (objeto em si), mas as músicas nele gravadas, assim o processo de metonímia (continente pelo conteúdo) se encontra presente. Conclui-se, portanto, que metonímia é a aproximação entre entidades de modo que é possível usar uma entidade para reportar a outra de mesmo domínio (Lakoff; Turner, 1989).

Analisar, pois, os aspectos envolvidos no ato comunicativo é fundamental. Por isso, todos os elementos que compõem uma cena comunicativa merecem ser levados em consideração: quem fala, quais os propósitos comunicativos, os interlocutores, enfim, tudo que for possível reconhecer como pertencendo ao contexto de uma situação de comunicação.

Entre os aspectos sociointeracionais, destacamos a subjetividade e a intersubjetividade. Enquanto a subjetividade é a expressão de pontos de vista, crenças e valores daqueles que falam ou escrevem (Oliveira, 2022), a intersubjetividade é a relação que ocorre entre os interlocutores e tem a ver com a atenção dispensada a eles. Devido a isso, são considerados mecanismos intercambiáveis (Traugott, 2010). As ocorrências apresentadas em (8) e (9) exemplificam, respectivamente, tais aspectos.

> (8) Ah, como é bom crescer e poder escutar N'Sync e Backstreet Boys sem rivalidade. Quando eu era adolescente eu NUNCA admitia que ouvia N'Sync, porque né, era inadmissível gostar de Backstreet Boys e de N'Sync ao mesmo tempo. I Want You Back foi uma das músicas *que eu* mais *escutei* na vida e dessa eu tinha até o clipe gravado. (*Corpus blogs* 2014)

SUMÁRIO

(9) Oioi! Aproveitando que todas as minhas bases estão no fim, eu ando vasculhando as farmácias atrás de algumas famosinhas que vi pelos blogs, e olha.. Não me decepcionei! Hoje vou mostras a Magic Nude da L'Oréal, que promete boa cobertura, durabilidade e acabamento aveludado. Na tampa ela pede para ser agitada antes do uso, e confesso para vocês que quando fiz, só *ouvia um barulho de água* lá dentro e fiquei meio desconfiada da cobertura dela. (*Corpus blogs* 2014)

A subjetividade fica evidenciada no exemplo (8) por causa da utilização da primeira pessoa do singular (*eu*), além das escolhas lexicais, como *bom* e *NUNCA*, este último em caixa alta, representando a ênfase/intensidade pretendida por quem escreveu a mensagem. Já em (9), o propósito comunicativo está voltado para o interlocutor, posto que a blogueira inicia com uma saudação e segue contando que vai mostrar a sua experiência com uma nova base para as suas leitoras. O trecho: "*e confesso para vocês*" identifica bem a existência de um contexto interlocutivo. Em razão de utilizarmos um *corpus* composto por *blogs*, e este se configurar como um espaço virtual em que existe tanto a expressão do ponto de vista de quem escreve quanto a presença de marcas da interação, a presença da subjetividade e da intersubjetividade se mostra saliente.

Realizada essa apresentação geral, empreendemos, a seguir, a análise com base em dados da sincronia atual do português brasileiro.

3. A CONSTRUÇÃO COM OS VERBOS *OUVIR* E *ESCUTAR*

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados, assim como os resultados aos quais chegamos sobre a construção de estrutura argumental transitiva com os verbos de percepção auditiva *ouvir* e *escutar*. Desse modo, explicitamos, na Tabela 1, o número de ocorrências desses verbos, coletados no *corpus* que serviu de fonte para este trabalho.

SUMÁRIO

Tabela 1 – Número de ocorrências dos verbos *ouvir* e *escutar*

Tipo de percepção	Verbo	Número de ocorrências	Percentual
Percepção auditiva	Ouvir	61	79%
	Escutar	17	21%
Total		**78**	**100%**

Fonte: Elaboração própria.

Foram obtidos 78 *tokens*, sendo 61 (79%) do verbo *ouvir* e 17 (21%) do verbo *escutar*, o que indica predominância do uso do verbo *ouvir* em relação a *escutar*. Para ilustrar, vejamos os seguintes excertos.

(10) O metrô e o ônibus são tão cheios quanto no Brasil, porém, *você* não *ouve um pio*! Todo mundo quietinho descansando ou mexendo no celular, sem incomodar os outros (no final de semana as pessoas ficam mais falantes). (*Corpus blogs* 2014)

(11) gostei tanto que fui procurar mais há poucos dias quando soube que o álbum já tava sendo lançado.
ouvi todas as músicas e, desde então, todos os dias *escuto esse álbum*, do início ao fim! (*Corpus blogs* 2014)

Como (10) mostra, *ouvir* é utilizado de forma que o referente do sujeito (*você*) percebe e entende os sons pelo sentido da audição, sendo *um pio* o som ouvido. Em (11), *escutar* também expressa que o referente do sujeito (*eu*) percebe ou entende os sons pelo sentido da audição, no caso, escuta *esse álbum*. Aqui, *álbum* é usado metonimicamente (continente pelo conteúdo).

É possível que a recorrência de *ouvir* se justifique pelo fato de, no plano cognitivo, esse verbo não requerer intenção e atenção, ao contrário de *escutar* que requer esses aspectos. Outra possibilidade é que *ouvir* compartilha a mesma raiz lexical (*ouv-*) de ouvido, órgão responsável pela percepção auditiva. Logo, é mais fácil para o falante recorrer a *ouvir* do que a *escutar*.

SUMÁRIO

Dito isso, passamos a examinar os elementos linguísticos considerados como argumentos – sujeito e OD – desses verbos de percepção auditiva, assim como as formas que eles assumem nas várias instanciações, as quais veremos adiante nas amostras de (12) a (24).

O sujeito, argumento externo do verbo transitivo, tem as seguintes configurações morfológicas no nosso *corpus*, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Tipo do sujeito dos verbos *ouvir* e *escutar*

Argumento dos VPERC	Configuração do sujeito	Número de ocorrências	Percentual
Sujeito	Zero	55	70%
	Pronome	21	27%
	Substantivo	2	3%
Total		**78**	**100%**

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a Tabela 2, o zero é a configuração morfológica mais comum para o sujeito (55/70% ocorrências). Registramos também 21 (27%) ocorrências em que o sujeito é um pronome, podendo representar a primeira, a segunda e a terceira pessoas do discurso. E ainda 2 (3%) ocorrências em que o sujeito assume a forma de substantivo, próprio ou comum.

Posto isso, em termos sintáticos, foi possível encontrar 29 (37%) ocorrências em que o sujeito está anteposto ao verbo.

Na Tabela 3, apresentamos o papel semântico do sujeito.

Tabela 3 – Papel semântico do sujeito dos verbos *ouvir* e *escutar*

Argumento dos VPERC	Tipos semânticos	Número de ocorrências	Percentual
Sujeito	Agente	40	51%
	Experienciador	38	49%
Total		**78**	**100%**

Fonte: Elaboração própria.

SUMÁRIO

Em termos de papel semântico, a frequência maior é de sujeito agente, com 40 (51%) ocorrências, ao passo que em 38 (49%) dados o sujeito é experienciador. Embora haja uma diferença quantitativa entre os papéis semânticos, esta não é expressiva.

Vejamos, agora, as seguintes amostras.

(12) Pra não perder o costume, começo o post com uma dica de "entretenimento"... No primeiro indiquei uma música, no segundo um filme e neste volto a indicar uma canção, que se tornou meu mais novo vício!!
Desde que *escutei a música "We Are Here"*, da Alicia Keys, fiquei encantada!!
Primeiro porque sou super fã da cantora!! Para mim, além de incrivelmente talentosa, tocar vários instrumentos, ela é dona de uma das vozes mais lindas da atualidade!! (*Corpus blogs* 2014)

O sujeito, em (12), refere-se à primeira pessoa do discurso (*eu*), não lexicalizado, mas recuperado da flexão do verbo. Desempenha o papel de agente, pois entendemos haver intencionalidade e controle por parte do referente do sujeito, uma vez que se trata de um post de fã, e fãs costumam aguardar ansiosamente pelos lançamentos musicais dos seus ídolos. Certamente, quem escreveu a mensagem não escutou a música por acaso, sendo necessário acionar algum dispositivo que a fizesse tocar. A subjetividade é evidenciada, nessa ocorrência, por meio do uso da primeira pessoa do singular (*eu*), do pronome possessivo (*meu*) e da escolha lexical *encantada*.

Em (13) apresentamos outro dado.

(13) Pra *ouvir as outras playlists* que eu criei é só acessar meu perfil lá no Rdio. (*Corpus blogs* 2014)

O sujeito zero do verbo *ouvir*, em (13), refere-se à segunda pessoa do discurso (*tu* ou *você*). No tocante ao papel semântico, é agente, pois para ouvir as músicas contidas na playlist é necessário que o referente do sujeito entre no perfil do blogueiro(a) na plataforma indicada, o que denota agir com intenção e controle da ação.

SUMÁRIO

É possível observar em (13), o mecanismo da intersubjetividade, pois os propósitos comunicativos do escrevente são voltados para o interlocutor, posto que, ao utilizar o verbo *ouvir*, ele guia a atenção do interlocutor para o que vem depois, o foco de atenção: *as outras playlists*, OD do verbo *ouvir*.

A subjetividade e a intersubjetividade são aspectos sociointeracionais presentes nesta investigação em razão de utilizarmos um *corpus* composto por *blogs*, espaço virtual em que existe tanto a expressão do ponto de vista do falante quanto a presença de marcas da interação, como observamos, entre falante e interlocutor.

Dando sequência à discussão, temos (14).

(14) Como nem todo mundo estava lá para *ouvir a história*, como prometi nesse post, vou compartilhar o texto aqui no blog também. (*Corpus blogs* 2014)

Em (14), o sujeito do verbo *ouvir* é um zero anafórico (= *todo mundo*) e, semanticamente, tem papel de agente.

Apresentamos, a seguir, o exemplo (15).

(15) Dia desses ganhei o CD com as músicas do filme e adorei. São bem gostosas para *ouvir* durante o trabalho (fiz o teste ontem). (*Corpus blogs* 2014)

Na ocorrência (15), o sujeito de *ouvir* não está lexicalizado e não pode ser identificado com exatidão, já que pode se referir à primeira pessoa do discurso (*a gente*) ou à segunda pessoa (*tu* ou *você*). O papel semântico do sujeito é de agente, pois, para ouvir as músicas, é preciso que o sujeito coloque o CD para ser reproduzido, logo, tanto há intenção quanto controle da ação.

Vejamos as amostras de (16) a (18).

(16) #1 We've Got It Goin' On – Backstreet Boys
Essa foi simplesmente a primeira música dos Backstreet Boys *que eu escutei* e marcou a minha infância/adolescência.

SUMÁRIO

(17) *Você* já *ouviu uma garota dizer que está numa friend zone?*

(18) Como a maioria das crianças, o Quim tinha um apelido carinhoso, e eu nem sei bem dizer como ele surgiu. Do dia para noite ele virou um Dinossauro. Nunca perguntei se ele gostava de ser um Dinossauro, mas *ele* sempre *ouvia* de forma muito "atenciosa" *quando o chamávamos assim*. (*Corpus blogs* 2014)

Em (16), o sujeito de *escutar* está representado por um pronome da primeira pessoa do discurso (*eu*); já em (17), o pronome da segunda pessoa do discurso (*você*) representa o sujeito de *ouvir*; e, em (18), *ouvir* tem como sujeito um pronome da terceira pessoa do discurso (*ele*). Em todos os casos, o pronome está anteposto ao verbo e tem papel semântico de experienciador.

Em seguida, os dados (19) e (20).

(19) O *Dr. Marco escutou tudo* o que eu tinha a dizer e, com base nos meus objetivos e restrições, montou minha primeira dieta!! (*Corpus blogs* 2014)

(20) Gonzagão, Elba, Fagner, canções que pra mim ainda tem uma emoção especial porque eram as músicas da minha infância *que meu paizinho cearense ouvia* nas tardes de sábado e nas nossas viagens de carro ♥ (*Corpus blogs* 2014)

O sujeito pode ainda ser um substantivo, próprio ou comum, como em (19) e (20). No primeiro, *Marco*, anteposto ao verbo, é o sujeito do verbo *escutar*. Semanticamente é agente, visto que agiu intencionalmente e com controle da ação. Em (20), o sujeito de *ouvir* é codificado pelo SN *meu paizinho cearense*, cujo núcleo é um substantivo comum, *paizinho*. Está anteposto ao verbo e tem papel semântico de agente.

Concluída a análise do sujeito, voltamo-nos ao argumento objeto direto. Nos dados coletados, o OD pode ter as seguintes configurações apresentadas na Tabela 4.

SUMÁRIO

Tabela 4 – Configuração do objeto direto dos verbos *ouvir* e *escutar*

Argumento dos VPERC	Configuração do objeto direto	Número de ocorrências	Percentual
Objeto direto	Sintagma nominal lexical (SNL)	39	50%
	Sintagma nominal pronominal (SNP)	18	23%
	Zero	17	22%
	Oração	4	5%
Total		**78**	**100%**

Fonte: Elaboração própria.

Como se verifica na Tabela 4, o OD assume, predominantemente, a forma de um sintagma nominal lexical (SNL), tipo preferido pelos usuários dos *blogs* observados, como em (21), correspondendo a 39 (50%) ocorrências, podendo ser ainda um sintagma nominal pronominal (SNP), como em 18 (23%) amostras, a exemplo de (22).

(21) Roberto Carlos: 1993
Esse é um disco que me lembra MUITO minha mãe (os do Amado Batista também, rs), lembro dela limpando a casa de tarde e *ouvindo o Robertão*, ela sempre foi fãzona e é claro que eu ouvia por tabela! (*Corpus blogs* 2014)

(22) Raul Seixas: Metamorfose Ambulante
Esse é um disco que lembra MUITO meu pai, *a gente escutava ele* várias vezes no dia. Gostava de todas as músicas mas em especial Gîtâ. (*Corpus blogs* 2014)

Em (21), o OD de *ouvir* é o SNL *o Robertão*, cujo núcleo é um nome próprio. Em (22), o OD de *escutar* é um SNP, expresso pelo pronome pessoal *ele*, que retoma *disco*. Já dissemos, anteriormente, que a metonímia é um mecanismo ligado à extensão de sentidos, a partir do qual é possível acessar uma entidade por meio de outra pertencente ao mesmo domínio cognitivo. Sendo assim, nas ocorrências apresentadas, o OD é metonímico, uma vez que ele possibilita a compreensão de que o referente do sujeito ouve as músicas cantadas por Roberto Carlos, em (21), e escuta as músicas gravadas no disco, em (22). Sobre essas ocorrências, ainda é possível comentar

SUMÁRIO

que, mesmo o OD possuindo natureza morfológica distinta, não existe diferença entre o uso de *ouvir* e *escutar* porque nos dois casos ele se refere a *discos*.

O OD é zero anafórico em 17 (22%) ocorrências, conforme podemos observar na amostra seguinte.

(23) Até eu que não assisti ao filme (#sinceridades) reconheci a música quando *escutei* e aí descobri que era da Christina. Ah e um fato legal: ela escreveu a música especialmente para o filme! (*Corpus blogs* 2014)

Em (23), o verbo *escutar* possui um ODZERO do tipo anafórico, pois seu referente é dado no cotexto imediatamente anterior: *a música*. Vimos antes que, devido ao fato de o português ser uma língua de preenchimento não obrigatório dos constituintes, as posições argumentais podem ser vazias, por isso a existência de ocorrências como (23). Observamos, nesse caso, que tanto o sujeito (*eu*) quanto o OD (*a música*) são omitidos. Tal omissão dos argumentos não compromete a compreensão do enunciado devido ao *frame* evocado pelo verbo *ouvir*.

Além de o OD poder ser expresso por um SNL, por um SNP ou ser zero, ele assume também a forma de uma oração (ODOR), a qual corresponde a 4 ocorrências (5%) dos complementos desse tipo. Para exemplificar, temos (24), em que a oração *que não podia cantar rap* é o OD de *ouvir*.

(24) Iggy começou a cantar aos 14 anos e entre suas referências no mundo da música estão Tupac e Missy Elliott, nada mal, rs. Mas cansada de *ouvir que não podia cantar rap* por ser branca e australiana, se mudou para Miami e foi morar na casa de um amigo que conheceu na internet. (*Corpus blogs* 2014)

Passemos, agora, à identificação dos padrões de estrutura argumental em que os verbos analisados podem ser usados. Com base nos dados do *corpus blogs* 2014, identificamos duas configurações semânticas para os argumentos desses verbos de percepção auditiva:

SUMÁRIO

a. SUJEITO$_{AGENTE}$ – VERBO DE PERCEPÇÃO – OBJETO DIRETO$_{TEMA}$ [S$_{AG}$ VPERC OD$_{TEMA}$];

b. SUJEITOEXPERIENCIADOR – VERBO DE PERCEPÇÃO – OBJETO DIRETO$_{FENÔMENO}$ [S$_{EXP}$ VPERC OD$_{FEN}$].

Ao considerar essas configurações, vemos que os argumentos dos verbos *ouvir* e *escutar* podem desempenhar os papéis semânticos de agente ou experienciador, para o sujeito, e tema ou fenômeno, para o OD. Além disso, os argumentos de cada um dos verbos analisados não desempenham, exclusivamente, um ou outro dos dois papéis semânticos, embora *ouvir* seja usado, principalmente, com a configuração [S$_{EXP}$ V$_{PERC}$ OD$_{FEN}$] e *escutar* com [S$_{AG}$ V$_{PERC}$ OD$_{TEMA}$].

A Tabela 5 mostra a distribuição dos dados cujos verbos analisados instanciam o padrão [S$_{AG}$ V$_{PERC}$ OD$_{TEMA}$], o qual concentra o maior número de ocorrências, num total de 43, ou seja, 55% dos 78 dados analisados; e o padrão [SEXP VPERC ODFEN], que soma 35 ocorrências, as quais correspondem a 45% do nosso *corpus*.

Tabela 5 - Padrão de estrutura argumental instanciado por VPERC do tipo auditivo

Padrão	Verbo	OD$_{SNL}$	OD$_{SNP}$	OD$_{OR}$	OD$_{ZERO}$	Número de ocorrências	Percentual
[S$_{AG}$ V$_{PERC}$ OD$_{TEMA}$]	*Ouvir*	10	7	0	12	29	37%
	Escutar	7	3	0	4	14	18%
	Subtotal	**17**	**10**	**0**	**16**	**43**	**55%**
[S$_{EXP}$ V$_{PERC}$ OD$_{FEN}$]	*Ouvir*	22	6	3	1	32	41%
	Escutar	0	2	1	0	3	4%
	Subtotal	**22**	**8**	**4**	**1**	**35**	**45%**
	Total	**39**	**18**	**4**	**20**	**78**	**100%**

Fonte: Elaboração própria.

Evidencia-se, na Tabela 5, que os verbos *ouvir* e *escutar* abrem dois lugares argumentais, quais sejam: o de sujeito, cujo referente desencadeia uma ação ou experiencia um fenômeno; e o de OD, cujo referente desencadeia algo no referente do sujeito [ODTEMA] ou o fenômeno experienciado por este referente [ODFEN]. Por conseguinte, as variações ocorrem tanto na natureza semântica do elemento que funciona como sujeito – agente [SAG] ou experienciador – [SEXP], como também na codificação do elemento que funciona como OD, o qual pode ser um sintagma nominal lexical [ODSNL] ou pronominal [ODSNP], uma oração [ODOR] ou um objeto direto zero [ODZERO].

Isso posto, observemos as amostras de (25) a (30)[9].

(25) Sim! E não é só pelo nosso post não, tá. É que com certeza, durante o sucesso do último filme da saga Crepúsculo (acho que era no Amanhecer parte 1), *você escutou a música A Thousand Years*, que fez parte da ótima trilha. (*Corpus blogs* 2014)

(26) Raul Seixas: Metamorfose Ambulante
Esse é um disco que lembra MUITO meu pai, *a gente escutava ele* várias vezes no dia. Gostava de todas as músicas mas em especial Gîtâ. (*Corpus blogs* 2014)

(27) Adoro conhecer novos canais no YouTube. É legal porque sempre que tô online acabo deixando o vídeo rolando em uma segunda aba no navegador e *ouço* enquanto trabalho. (*Corpus blogs* 2014)

(28) *Ouvi uma voz* gritar meu nome, abri a porta do banheiro e era minha mãe, o almoço estava pronto. (*Corpus blogs* 2014)

(29) Sinto falta dela dormindo de madrugada nas minhas costas ou na minha barriga, sinto falta dela me aquecendo, sinto falta dela correndo quando *escutava eu abrindo o pacote de chocolate*, do olhar doce dela, dos seus olhos azuis, da sua peraltice... (*Corpus blogs* 2014)

9 As ocorrências (26) e (30) foram utilizadas anteriormente, mas servindo a outros comentários.

SUMÁRIO

(30) Roberto Carlos: 1993
Esse é um disco que me lembra MUITO minha mãe (os do Amado Batista também, rs), lembro dela limpando a casa de tarde e ouvindo o Robertão, ela sempre foi fãzona e é claro que *eu ouvia* por tabela! As músicas que mais tenho lembranças são O Velho Caminhoneiro e Coisa Bonita. (*Corpus blogs* 2014)

Em (25), o verbo de percepção auditiva *escutar* tem como SAG o pronome (*você*) e como ODTEMA o SNL *a música A Thousand Years*. O SAG do verbo *escutar*, em (26), é o pronome (*a gente*), enquanto ODTEMA é SNP (*ele = disco*). Em (27), o SAG do verbo *ouvir* está representado pelo pronome (*eu*), que é recuperável da flexão verbal, e o ODTEMA é zero, remetendo ao *vídeo*, lexicalizado anteriormente. Já em (28), temos, com *ouvir*, o SEXP representado pelo pronome (*eu*), também recuperável da flexão verbal, e o ODFEN preenchido por um SNL (*uma voz*). No dado (29), o verbo *escutar* tem SEXP não realizado lexicalmente e ODFEN oracional (*eu abrindo o pacote de chocolate*). Por último, em (30), o SEXP de *ouvir* é o pronome (*eu*) e o ODFEN é zero.

Constatamos, então, a partir das Tabelas 5, que o verbo de percepção auditiva *ouvir*, o qual soma 61 (78%) ocorrências, tem sua estrutura argumental semântica representada pelo padrão [SEXP VPERC ODFEN] em 32 (52%) construtos, ao passo que a estrutura argumental do verbo *escutar*, com 17 (22%) ocorrências, é representada pelo padrão [SAG VPERC ODTEMA] em 14 (82%) orações. Em contrapartida, observando os dois verbos investigados em sua totalidade de ocorrências, concluímos que o padrão mais frequente é [SAG VPERC ODTEMA], instanciado em 43 (55%) dos dados, em detrimento do padrão, [SEXP VPERC ODFEN], que contabiliza 35 (45%) ocorrências do *corpus* analisado. A diferença entre um e outro padrão não é significativa, o que aponta para o fato de que a ampliação do *corpus* ou a consideração de outros tipos textuais pode alterar esses percentuais de ocorrência de cada padrão. Ademais, o quantitativo de *tokens* analisados (78) não nos permite afirmações conclusivas, apenas tendências de uso.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

4. CONCLUSÃO

Examinamos, neste capítulo, a construção de estrutura argumental transitiva com os verbos de percepção auditiva *ouvir* e *escutar* com o objetivo de investigar as propriedades semântico-morfossintáticas desses verbos.

A partir do exposto, verifica-se que, com relação ao argumento sujeito de *ouvir* e *escutar*, zero é a configuração morfológica mais frequente. Quanto à configuração semântica, a frequência maior é de sujeito agente. No que diz respeito ao argumento OD, este também apresenta diferentes configurações morfossintáticas, assumindo a forma de sintagma nominal lexical, sintagma nominal pronominal, de oração ou, ainda, não é lexicalmente realizado e desempenha o papel semântico de tema na maioria dos dados. Por fim, a construção transitiva com os verbos *ouvir* e *escutar* pode ser representada como [SN V SN] Û [Agente Vpercepção Tema] ou como [SN V SN] Û [Experienciador Vpercepção Fenômeno] em menor número.

REFERÊNCIAS

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, Natal, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/28489. Acesso em: 18 abr. 2023.

BYBEE, Joan. **Língua**, **uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAFE, Wallace L. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHAFE, Wallace L. Cognitive constraints on information. *In*: TOMLIN, Russell S. **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 21-51.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la Linguística Cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista LinguíStica**, Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 83-101, dez. 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440. Acesso em: 14 fev. 2023.

DIESSEL, Holger. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. Cognitivismo, corporalidade e construções. *In*: SOUSA, Ada Lima Ferreira de; DUQUE, Paulo Henrique. **Cognição e práticas discursivas**. Natal: EDUFRN, 2018. p. 18-41.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. *In*. BACH, Emmom; HARMS, Robert T. (eds). **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. *In*: The linguistic society of Korea (ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. p. 117-1137.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *In*: **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2. sem. 2006.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categórias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, v. 15, n. especial, p. 53-78, 2013.

GIVÓN, Talmy. **Sintaxe**: an introduction. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

SUMÁRIO

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: University Of Chicago Press, 1989.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Letras e Cognição, Rio de Janeiro, n. 41, p. 93-113, 2010.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura (org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. Niterói: Eduff, 2017.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Introdução à Linguística Funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022. p. 92-127.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam. (eds.). **Construction grammars**: cognitive grounding and theoretical extension. Amsterdam: Benjamins, 2005.

PRINCE, Ellen F. Toward a toxonomy of given-new information. *In*: Code, Peter. (ed). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

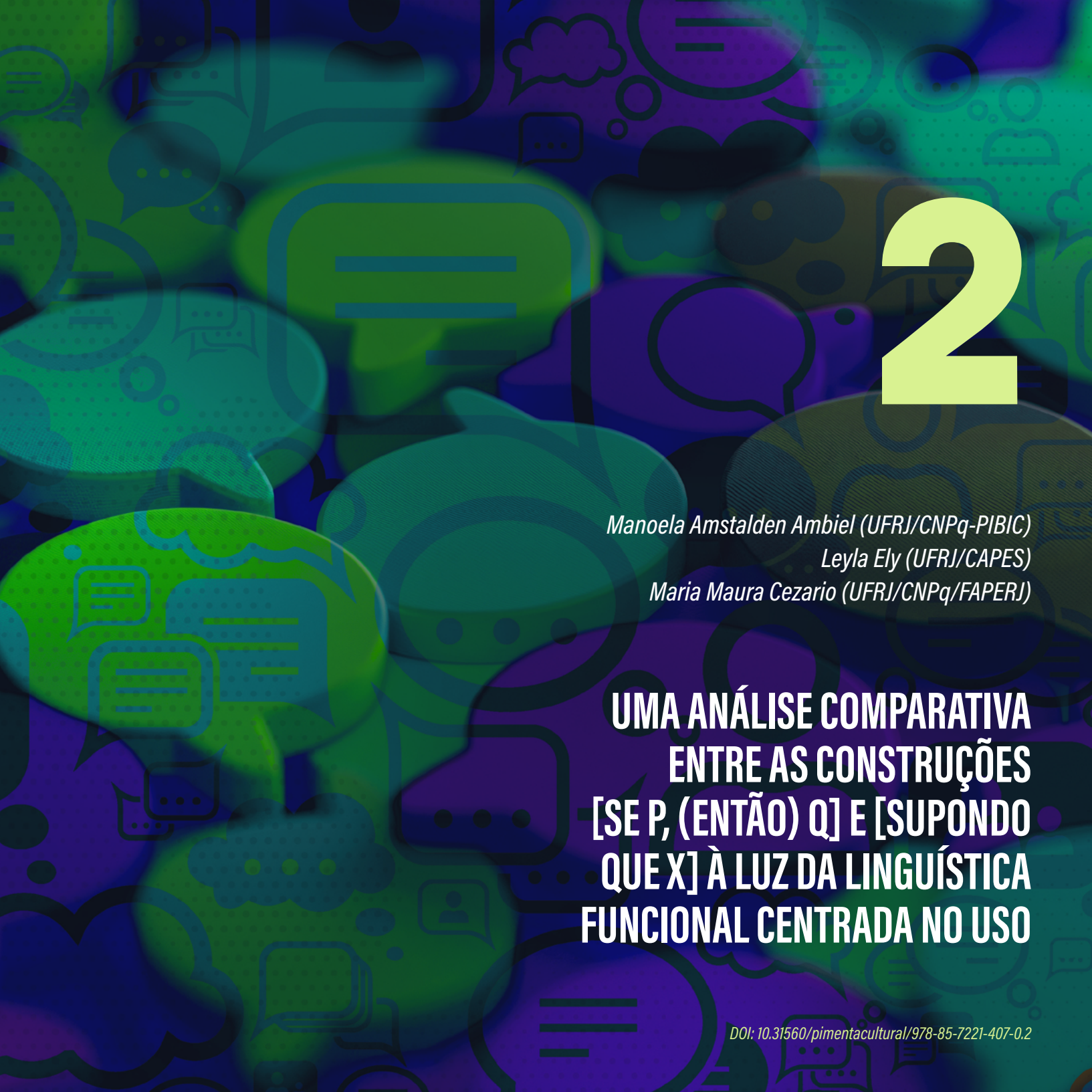
ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, maio/ago. 2016.

SILVA, José Romerito; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Transitividade e variação construcional. **Odisseia**, Natal, v. 7, n. esp., p. 43-65, jan./jun. 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. *In*: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert. **Subjectification**, **intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-74.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

SUMÁRIO



2

Manoela Amstalden Ambiel (UFRJ/CNPq-PIBIC)
Leyla Ely (UFRJ/CAPES)
Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq/FAPERJ)

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONSTRUÇÕES [SE P, (ENTÃO) Q] E [SUPONDO QUE X] À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.2

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Para a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a gramática é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais. Bybee (2010) destaca que a língua é um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica – constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas dos falantes.

Nesse viés, um dos principais objetivos de estudo da LFCU é a descrição das construções linguísticas em diversos contextos de uso (Bybee, 2010), com base no pareamento forma-função. Esse pareamento, segundo Croft (2001), apresenta correspondência simbólica entre propriedades formais (fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivas).

Pensando no pareamento entre forma-significado, a proposta deste capítulo é a descrição da construção [supondo que X], em comparação à [se p, (então) q], partindo do pressuposto teórico de que ambas pertencem ao domínio da condicionalidade (Dancygier, 1998). Vejamos:

(1) "**Se** eu for convocada pra mesaria de novo eu me jogo da sacada". (Twitter, 2022, grifos nossos).

(2) "**Supondo que** um dia eu fique muito rica, vou continuar indo ao norte shopping. simplesmente o meu shopping favorito de todos que eu já fui na vida". (Twitter, 2023, grifos nossos).

Grosso modo, a construção [supondo que X] se vincula à condicional prototípica [se p, (então) q] à medida que apresenta traços sintático-semânticos semelhantes a ela, como a dependência sintática e a relação semântica de causa-consequência entre *p* e *q*. Apesar de serem construções inseridas num mesmo domínio semântico, não há muitos trabalhados incluindo *supondo que* na lista

de construções condicionais. Os pesquisadores costumam se concentrar na condicional prototípica (Neves, 2000; Monteolío, 2000). A construção [supondo que X] recebe uma análise mais detalhada em Oliveira (2019), que a examina com base nos critérios de condicionalidade propostos por Dancygier (1998). Nesse contexto, além de descrevermos ambas as construções (sendo o foco em [supondo que X]), buscamos revisitar os trabalhos das autoras para oferecer, sob uma nova perspectiva, uma análise comparativa entre [supondo que X] e [se p, (então) q]. Ademais, ao final do capítulo, propomos atividades de descrição linguística voltadas para estudantes de graduação em Letras, acreditando que uma investigação fundamentada na LFCU proporciona novos *insights* e contribuições valiosas para o ensino de língua em qualquer nível de escolaridade. Optamos por elaborar exercícios para o nível superior devido ao caráter teórico do capítulo, que apresenta tanto uma revisão do fenômeno linguístico quanto a descrição de dados.

A metodologia adotada para a descrição dos dados envolveu a coleta de ocorrências escritas das construções [se p, (então) q] e [supondo que X], extraídas do Twitter (atualmente Rede X). A escolha dessa amostra se deve ao fato de a rede social oferecer um ambiente rico em contextos de linguagem informal e abordar temas diversos, como namoro, música e maquiagem, entre outros. A análise realizada é de natureza qualitativa e os parâmetros utilizados para a comparação entre as construções se baseiam nos trabalhos de Dancygier (1995) e Oliveira (2019). Esses parâmetros incluem causalidade, não assertividade da construção, predição (futuro potencial ou futuro passado), distância epistêmica e espaços mentais. Além disso, incorporamos o conceito de proteção de face (Ely e Cezario, 2023) por entendermos que esse conceito também está inserido no domínio da condicionalidade.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: primeiro, apresentamos, na seção *Conhecendo a construção*, os fundamentos teóricos que sustentam a análise de [supondo que X] e de [se p, (então) q],

SUMÁRIO

bem como uma breve explicação acerca da construção sob o viés da corrente LFCU; em seguida, na seção *O domínio condicional*, discutimos os parâmetros de condicionalidade a fim de entender como a construção em questão se encaixa na condicionalidade; expomos a análise das construções condicionais *se* e [supondo que X] na seção *A análise dos usos condicionais*; *em seguida*, *na seção Exercícios*, trouxemos propostas de atividades pedagógicas acerca das temáticas trabalhadas; e, por fim, trazemos as considerações finais do referido capítulo e suas referências.

1. CONHECENDO A CONSTRUÇÃO [SUPONDO QUE X]

Segundo Traugott e Trousdale (2013), um dos princípios fundamentais da perspectiva construcional, dentro da teoria da mudança linguística, é que a língua é composta por uma rede de construções — unidades linguísticas básicas organizadas em redes construcionais interconectadas. Nessa abordagem, entende-se que todo o conhecimento que o falante possui sobre a língua é mediado por construções, ou seja, pelo pareamento parcialmente simbólico entre forma e significado (Traugott e Trousdale, 2013).

A compreensão da língua como um sistema de construções interconectadas, conforme argumentado por Traugott e Trousdale (2013), permite explorar como essas unidades linguísticas básicas evoluem e se organizam. Nesse contexto, é relevante considerar a variabilidade interna das construções, que podem apresentar diferentes níveis de composicionalidade e de esquematicidade (Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013). Essa flexibilidade é essencial na criação de novas construções, as quais surgem quando expressões já existentes parecem ser insuficientes às necessidades comunicativas dos falantes, como apontam Furtado da Cunha e Chaves (2019).

SUMÁRIO

Exemplos como [dado que], [desde que], [contanto que] e [supondo que], analisados por Oliveira (2019), ilustram o processo de novas construções (neste caso, novos *chunks*). A construção [supondo que X], por exemplo, surge de um contexto de verbo mais oração completiva e, a partir de vários processos de mudança, passa a *chunk*, em que "supondo que" atua como conector condicional:

> (3) "**Supondo que** eu queira me vacinar contra covid no sábado depois das 14h, onde eu poderia ir?" (Twitter, 2023, grifos nossos).

Nesse caso, a construção [supondo que X] combina uma parte fixa ("supondo que") com uma posição aberta ("X"), formando a oração. Quanto à composicionalidade (Croft, 2001), observa-se que, embora a construção seja parcialmente composicional, sua função enquanto conector condicional já está convencionalizada, transcendendo o significado literal de suas partes. Isso a aproxima de outros conectores formados por um verbo e a partícula "que", como [visto que], [posto que] e [será que], reforçando seu papel no sistema construcional da língua. Nas palavras de Fonseca (2019), a frequência das sequências de unidades (como *verbo* + *que*) tem impacto direto em suas propriedades fonéticas, morfossintáticas e semânticas, de modo que logo elas passam a se configurar como única unidade – dando margem, assim, a um novo significado construcional (como [dado que], [supondo que] e [vai que], entre outros).

Nesse contexto, focamos especificamente na descrição das construções [se p, (então) q] e [supondo que X], esta última formada por diversos processos, incluindo a neoanálise[10], assim como os demais conectores mencionados. Como aponta Oliveira (2019),

10 De acordo com Oliveira (2019), a neoanálise dá conta de novas propriedades de uma forma emergente na língua, a partir da construcionalização e/ou da mudança construcional. No caso de [supondo que X], a autora aponta que uma neoanálise levou a uma ligeira mudança semântica do significado de *supor*. *Supor* perdeu a função de sintagma verbal para adquirir valor modal, o qual está ligado à crença/suposição do falante sobre algum evento. Além disso, do valor modal surgem os usos como modalizador de possibilidade (Ely e Cezario, 2023).

SUMÁRIO

o conector [supondo que] passou a expressar condição por meio de uma extensão metafórica, derivada de traços semântico-pragmáticos associados ao significado hipotético do verbo *supor*. No entanto, o objetivo deste capítulo não é traçar a história desse conectivo, mas compreender como a extensão metafórica, derivada de inferência contextual, se tornou convencional devido à alta frequência de uso, culminando na formação de um novo *chunk*.

2. O DOMÍNIO CONDICIONAL

A construção [se p, (então) q] é considerada prototípica no domínio das condicionais, incorporando todos os parâmetros da condicionalidade (Dancygier, 1998). No entanto, é importante destacar que construções condicionais podem assumir diferentes formas, variando de acordo com suas nuances específicas. Esses parâmetros incluem *causalidade*, *não assertividade da construção*, *predição* (futuro potencial ou futuro passado), *distância epistêmica e espaços mentais*, conforme os estudos de Dancyngier (1998) e Oliveira (2019). Neste capítulo, acrescentamos *proteção de face* porque acreditamos que seja um fator intrínseco às construções condicionais em determinados contextos discursivos.

1. *Causalidade*: existe uma base causal na relação entre as orações principal e hipotática, que emerge de uma sequencialidade de eventos descritos. Em outras palavras, é dizer que um evento ocorre por conta e posteriormente ao outro. Segundo Oliveira (2019), a função principal de uma oração condicionante é comunicar tal relação de causalidade não preenchida, que entrelaça dois enunciados e que, em última instância, pode ser interpretada como o domínio de *conteúdo*, *epistêmico*, de *atos de fala* e *metatextual*. Eles podem ser ligados metaforicamente, possibilitando a extensão dos significados de domínios físicos para domínios mental e social.

2. *Não assertividade da construção*: outra premissa de uma construção condicional é a de que as condições de felicidade não estão plenamente preenchidas. Dessa forma, entende-se que o conector condicional serve para marcar que um dos eventos não foi realizado, tomando-o como uma proposição não verdadeira ou um ato de fala como não assertivo. Segundo Dancygier (1998), acerca disso, o falante não tem embasamento suficiente para comprovar a veracidade de *p*, ou seja, ele não é capaz de denominá-la como factual, assim como pode não acreditar em sua verdade.

3. *Predição* (*futuro potencial ou futuro passado*): Esse parâmetro diz respeito à função que a conjunção condicional tem de projetar hipóteses e de fazer suposições quando se refere a uma situação futura, que ainda pode se realizar – *futuro potencial* – ou que poderia ter se realizado, mas que não é mais possível, quando o evento já é passado – *futuro passado*. Assim, a predição é uma marca da construção condicional e costuma ser marcada especialmente pelos tempos e modos verbais.

4. *Distância epistêmica*: esse parâmetro se refere ao posicionamento que o falante assume com relação à realidade do evento descrito em seu enunciado. O objetivo do enunciado condicional é comunicar uma hipótese ou suposição construída pelo falante, a qual se atrela fortemente a seus conhecimentos e visões de mundo. Tendo isso em vista, o falante pode apresentar *postura epistêmica neutra*, quando revela desconhecimento acerca da realidade da hipótese enunciada, ou *postura epistêmica negativa*, quando demonstra contrariar suas expectativas. Vale ressaltar que, nesse caso, os tempos e modos verbais também funcionam para indicar como a não-assertividade da condicional deve ser analisada.

SUMÁRIO

5. *Espaços mentais*: esse parâmetro concebe conectores condicionais como construtores de espaços mentais em um plano cognitivo. Em outras palavras, isso significa dizer que o expoente lexical se liga ao conectivo, o qual funciona como um construtor de espaços alternativos. Assim, cria-se um primeiro espaço de *fundação* e, a partir dele, um segundo espaço de *expansão*. Isso significa também dizer que o conector condicional atua como uma espécie de angulador do discurso, que cria condições de validação para o discurso subsequente.

6. *Proteção de face*: diz respeito à postura do falante perante um evento, isto é, a sua subjetividade ao embasar a crença de um evento. Nesse sentido, o falante quer convencer o leitor ou ouvinte a acreditar na argumentação de seu discurso, mas se isenta da responsabilidade quanto ao que está sendo dito no conteúdo da proposição *p* (Adelino; Nascimento, 2018), não se comprometendo quanto à realização e/ou veracidade dos fatos enunciados, como uma forma de proteger sua face (Ely; Cezario, 2023).

O último fator, discutido por Ely e Cezario (2023) no contexto da construção [vai que], é considerado relevante também para [supondo que X]. Entendemos que a proteção de face, assim como outros traços semântico-pragmáticos, pode ser estendida às condicionais de modo geral, uma vez que essas construções frequentemente envolvem nuances interpessoais que vão além de sua estrutura formal.

Com base nessa proposta, consideramos que as construções condicionais analisadas devem atender aos parâmetros estabelecidos por Dancygier (1998), revelando variações em suas formas e valores semânticos, como argumenta Oliveira (2019). No caso de [supondo que X], incorporamos a proteção de face à análise, reconhecendo que ela amplia nossa compreensão dos diferentes graus de condicionalidade. Esses graus variam entre exemplares mais

SUMÁRIO

próximos ao núcleo condicional prototípico, representado por [se p, (então) q] e outros mais distantes. Contudo, o objetivo deste capítulo não é explorar em profundidade os graus de condicionalidade das diferentes construções. Nossa intenção é apresentar os parâmetros que fundamentam as condicionais, oferecendo uma visão geral de seu funcionamento, para então focarmos na análise específica de [supondo que X].

A seguir, apresentamos a análise dos usos condicionais das construções condicionais [se p, (então) q] e [supondo que X].

3. A ANÁLISE DOS USOS CONDICIONAIS

Estabelecidos os critérios de preenchimento da zona de condicionalidade, apresentamos primeiramente a análise da construção condicional prototípica [se p, (então) q], que servirá de ponto de partida para a análise da construção [supondo que X].

3.1. A ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONDICIONAL PROTOTÍPICA *SE P, (ENTÃO) Q*

Como é sabido, a conjunção prototípica de uma construção condicional é *se*, sendo representada pela estrutura [se p, (então) q], em que *p* se refere à oração hipotática e *q* à principal. Abaixo, analisamos duas ocorrências retiradas do Twitter:

(4) "**Se** eu pegar TCC vou ter que comprar uma caixa de ritalina pra eu conseguir fazer esse trem" (Twitter, 2022, grifos nossos).

(5) "**Se** eu soubesse q meu dia ia ser assim eu nem teria acordado" (Twitter, 2022, grifos nossos).

SUMÁRIO

Em ambos os dados, há relação sintático-semântica causal entre as orações principais e hipotáticas, introduzindo uma condição que se dá pela conjunção *se*. Dessa forma, em (4), no nível sintático, a oração hipotática [se eu pegar TCC] se liga à oração matriz [vou ter que comprar uma caixa de ritalina]. No nível semântico, entende-se que o usuário terá de comprar uma caixa de ritalina caso pegue [sinônimo de escrever] o TCC (isto é, com a condição de). Em (5), identificamos a relação sintática na ligação da primeira proposição [se eu soubesse q meu dia ia ser assim] com a segunda [eu nem teria acordado], em que uma depende da outra. Dessa forma, infere-se semanticamente que o usuário não teria acordado, caso soubesse que seu dia teria sido assim (subentende-se como estressante).

A construção condicional introduzida pelo conectivo *se* também pode aparecer na ordem invertida, isto é, primeiramente a oração matriz e, posteriormente, a hipotática, como nos exemplos (6) e (7):

(6) "Minha vida seria mais fácil **se** eu tivesse um Steve Harrington ou um Jonathan Byers" (Twitter, 2022, grifos nossos).

(7) "O Iago não seria meu amigo **se** eu fosse uma minhoca 😭😭😭😭😭" (Twitter, 2022, grifos nossos).

Nas duas ocorrências, embora a oração hipotática condicional não esteja iniciando o período, ela ainda assim estabelece a condição necessária para a realização da oração matriz. Em (6), a proposição [minha vida seria mais fácil] só se realizaria se a hipotática [eu tivesse um Steve Harrington ou um Jonathan Byers] ocorresse. Logo, a vida do usuário seria mais fácil apenas se ele tivesse um Steve Harrington ou um Jonathan Byers. Da mesma forma, em (7), a realização da oração [o Iago não seria meu amigo] só seria possível dada a condição da hipotática [se eu fosse uma minhoca], que, neste caso, se refere a um fato contrafactual.

Retomemos os exemplos anteriores para a verificação dos parâmetros da condicionalidade, conforme Dancygier (1998):

SUMÁRIO

(8) "**Se** eu pegar TCC vou ter que comprar uma caixa de ritalina pra eu conseguir fazer esse trem" (Twitter, 2022, grifos nossos).

(9) "**Se** eu soubesse q meu dia ia ser assim eu nem teria acordado" (Twitter, 2022, grifos nossos).

(10) "Minha vida seria mais fácil **se** eu tivesse um Steve Harrington ou um Jonathan Byers" (Twitter, 2022, grifos nossos).

(11) "O lago não seria meu amigo **se** eu fosse uma minhoca 😭😭😭😭😭" (Twitter, 2022, grifos nossos).

Primeiramente, observamos o parâmetro da *causalidade*, visto que a proposição *q* depende da condição estabelecida pela proposição *p*, havendo relação de causa-consequência entre ambas as orações (Neves, 1999). Ou seja, a oração iniciada pelo conector *se* é causa para a consequência do evento da oração matriz.

Quanto à *não assertividade*, todas as ocorrências cumprem o critério de não-realização das condições de felicidade já que, em (8), o evento pode (ou não) vir a acontecer e, em (9), (10) e (11), são fatos não-realizados, os quais podem ser negados, inclusive. Mais especificamente, no caso de (8), o usuário terá de comprar uma caixa de ritalina, se se matricular na disciplina de TCC; em (9), a condição representa o fato de que o locutor na verdade não teve o conhecimento de como seria seu dia, pois, caso o tivesse, não acordaria; em (10), o locutor na verdade não tem um Steve Harrington ou um Jonathan Byers e, para ele, portanto, não há vida fácil; e a ocorrência (11) informa que como o locutor não é uma minhoca, a consequência é a amizade de Iago.

Como podemos perceber, os tempos e modos verbais estão intrinsecamente ligados ao critério da *não assertividade* devido à *predição*. Notamos que o exemplo (8) representa a marcação do futuro potencial na forma do *futuro do subjuntivo*; ao passo que os exemplos (9), (10) e (11) denotam o futuro do passado em *soubesse*, *tivesse* e *fosse*, representados pelo *pretérito imperfeito do subjuntivo*.

SUMÁRIO

No que diz respeito à *distância epistêmica*, entendemos que em todos os casos o usuário da língua estabelece sua postura de acordo com sua crença acerca dos eventos a que se refere. Assim, o locutor comunica uma hipótese construída por ele próprio, com base em seu conhecimento (ou desconhecimento) acerca dos conteúdos enunciados. Temos os casos de *postura epistêmica neutra* em (8), em que o fato é considerado incerto pelo falante, e casos de *negativa* nos exemplos (9), (10) e (11), nos quais as proposições demonstram ser contra a expectativa (isto é, há negação do fato apresentado) do usuário.

Já com relação ao parâmetro *espaços mentais*, as ocorrências descritas acima abrem um espaço mental hipotético, que é introduzido/aberto pelo conector *se* e reforçado pelo pareamento simbólico da construção, servindo de base ao discurso *irrealis*[11] do usuário.

Até aqui, analisamos casos em que a construção segue a estrutura de [*se p*, *(então) q*], na qual duas orações se inter-relacionam nos níveis semântico-pragmático e sintático. No entanto, existem situações em que o usuário omite a proposição *q*, que normalmente expressaria a consequência ou resolução da hipótese apresentada. Vejamos:

(12) "'**Se** as eleições fossem hoje' - a nossa Tv é um circo muito engraçado" (Twitter, 2022, grifos nossos).

Em (12), observamos uma estrutura condicional em que a oração hipotática [se as eleições fossem hoje] introduz uma hipótese, mas não é seguida pela proposição de consequência esperada. Em vez disso, a oração [a nossa TV é um circo muito engraçado] se apresenta de maneira independente, sem explicitar o que aconteceria caso a condição da hipotática se realizasse. Essa omissão

11 Leão (1961, p. 31-32) distingue três tipos de frases condicionais, que as define de períodos hipotéticos: período hipotético do real, do potencial e do irreal. O modo *irrealis* (ou período hipotético do irreal) é expresso por uma "condição contrária à realidade", ou seja, não pôde e nem nunca poderá se realizar (Gomes, 2011 *apud* Leão, 1961).

SUMÁRIO

da consequência tem um efeito importante na comunicação, pois o locutor não fornece uma resolução direta ou conclusiva para a hipótese proposta, o que sugere uma marcação de *proteção de face*.

A proteção de face ocorre aqui porque o locutor evita se comprometer diretamente com uma opinião ou julgamento sobre o que aconteceria caso as eleições fossem hoje. Ele lança a hipótese ("se as eleições fossem hoje"), mas não assume um posicionamento claro sobre a consequência, deixando em aberto a implicação ou a avaliação que poderia ser feita. Isso pode ser interpretado como uma estratégia para preservar a sua posição, evitando possíveis críticas ou desentendimentos sobre sua opinião. Contudo, vale destacar que esse fenômeno de *proteção de face* também pode ocorrer em outros casos, mesmo quando a oração matriz é explícita.

Dito isso, apresentamos, a seguir, as análises da construção [supondo que X].

3.2. A ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONDICIONAL [SUPONDO QUE X]

Nesta subseção, analisamos como a construção [supondo que X] se encaixa nos parâmetros de condicionalidade, comparando-a com a construção prototípica [se p, (então) q] (Neves, 2000). Para isso, consideremos o seguinte exemplo:

> (13) "Eu escolho não mais sofrer, **supondo que** tenha escolha". (Twitter, 2023, grifos nossos).

O dado (13) preenche o parâmetro da *causalidade*, uma vez que os eventos entre a oração principal e a hipotática se relacionam e (co)dependem um do outro para a sua realização. Ou seja, o locutor só deixaria de sofrer se tivesse a opção de escolha. No que diz respeito à *não assertividade* da construção e à *predição*, essas características são evidentes na projeção da hipótese futura, mediada pelo

SUMÁRIO

verbo "ter", que sugere um futuro potencial. Isso é reforçado pela *postura epistêmica neutra* do usuário. Além disso, é possível identificar os parâmetros de *espaços mentais* e *proteção de face*. O usuário cria um espaço mental contrafactual ao supor a possibilidade de escolha, projetando um evento hipotético no qual ele decide não sofrer mais. A proteção de face se manifesta na escolha feita pelo locutor, que atenua sua decisão ao questionar a real possibilidade de ter controle sobre seus sentimentos. A ordem das proposições também desempenha um papel importante nesse entendimento.

Diferente das ocorrências apresentadas com a construção *se p*, (*então*) *q*, verificamos que a construção [supondo que X] abrange maior número de dados interrogativos do que declarativos na nossa amostra de dados, como em:

(14) "**Supondo que** Jesus realmente seja um personagem fictício, **vocês** acham a história dele mais bem construída do que a do Darth Vader?" (Twitter, 2023, grifos nossos).

(15) "**Supondo que você** pudesse montar um país com apenas 5 estados brasileiros. Quais seriam?" (Twitter, 2023, grifos nossos).

Seguindo a análise dos parâmetros da condicionalidade, observa-se que, nos contextos interrogativos, todos os critérios continuam sendo preenchidos. Em (14), a pergunta proposta só pode ser validada em um contexto em que se considere Jesus um personagem fictício; e, em (15), os usuários-leitores só conseguem responder ao questionamento da oração matriz se supuserem a criação de um país com apenas cinco estados brasileiros. É interessante notar, nesse caso, que a relação sintática em (15) não ocorre por meio de vírgulas, como vimos até agora — incluindo nas comparações com a construção [se p, (então) q] —, mas sim por meio de ponto final. Embora as orações [Supondo que você pudesse montar um país com apenas 5 estados brasileiros.] e [Quais seriam?] se relacionem semanticamente, são sintaticamente independentes, o que nos faz

SUMÁRIO

considerar a oração iniciada por supondo que como insubordinadas (cf. Rodregues, 2024).

Quanto à *proteção de face*, destacamos que esta fica mais evidente nas construções com [supondo que X] porque o usuário não quer se comprometer com a realização ou não dos fatos, caso suas expectativas não sejam atendidas. Vejamos:

(16) "**Supondo que** seja sexta-feira à noite e **supondo que** eu esteja em casa E **SUPONDO** MAIS AINDA **que** eu esteja assistindo Travessia... como a atuação da Jade Picon melhorou, né??? Eu diria, bem no sigilo, que ela está bem boa..." (Twitter, 2023, grifos nossos).

(17) "**Vamos supor que** eu tenha interesse. — **Supondo que vc** tenha, deveria me chamar para saber **se** é recíproco. Quando vê é e **vc** tá aí, perdendo o tempo que poderia estar aproveitando comigo" (Twitter, 2023, grifos nossos).

Há *proteção de face* em (16), na medida em que o usuário expõe sua opinião sobre a melhora na atuação da atriz Jade Picon na novela Travessia, mas, com receio de não concordarem com sua ideia, utiliza repetida e marcadamente a construção [supondo que X], utilizando-se inclusive de letras maiúsculas como estratégia de reforço. Além disso, as expressões [bem no sigilo] e [bem de boa] contribuem para a *proteção de face* do usuário no dado (16).

Em (17), observamos esse mesmo fenômeno quando o locutor supõe o interesse do usuário-leitor e, hipoteticamente, dita que o interlocutor deveria chamá-lo para dizer se é recíproco por meio do reforço da construção [supondo que X] e, em seguida, da conjunção integrante *se*, a fim de deixar o discurso mais ameno, caso tenha uma resposta negativa e ocorra a quebra de sua expectativa. Além da *proteção de face*, observamos o processo sintático da *insubordinação* (Rodrigues, 2024) em (16), introduzido por [supondo que X], e no início de (17), introduzido por [vamos supor que X], em que não encontramos orações principal e hipotática vinculadas no mesmo período.

SUMÁRIO

Ao interagir com seu leitor, o falante imprime e expõe suas crenças no discurso, marcando nas construções condicionais *distância epistêmica*. Por exemplo:

(18) "**Supondo que** com rock **vc** quis dizer rock e metal, **eu acho que** no metal o Brasil se sobressai mais que no rock. É só citar por exemplo Crypta, Krisiun, Sarcófago, Sepultura, Angra, etc. Não dizendo que o rock brasileiro é ruim mas a maioria é superestimado (legião urbana cofcof)" (Twitter, 2023, grifos nossos).

Em (18), o locutor assume uma postura epistêmica positiva, visto que a opinião que ele está dando é pautada na suposição de que o locutor quis se referir de fato ao rock e metal. É a partir desse (pres)suposto que o locutor emite sua opinião de que o Brasil se sobressai mais no metal se comparado ao rock. A *proteção de face*, nesse caso, é marcada pela expressão *eu acho que* como forma de amenizar sua crença acerca dos estilos musicais.

Até aqui, discutimos, sobretudo, casos de orações iniciadas por [supondo que] e [se p, (então) q] que eram hipotáticas em relação às orações matrizes, todos no mesmo período. Contudo, como dissemos, há também casos de insubordinação, em que a oração com [supondo que X] aparece num período simples, sendo oração absoluta, como nos exemplos a seguir:

(19) "**Supondo que** a vida fosse um morango" (X, 2024, grifos nossos).

(20) "**Supondo que** falta apenas 48 pontos pra que eu seja aprovado em metodologia..." (X, 2024, grifos nossos).

Nos casos acima, o falante não emite explicitamente sua crença sobre a hipótese/suposição elaborada, deixando para seu interlocutor uma possível consequência para sua proposição. É o interlocutor que terá de criar o evento *q* para a abertura do espaço mental proposto por [supondo que X]. Essa interação com o interlocutor, como afirma Verhagen (2008), demonstra os graus de (inter)-subjetividade, mapeados através das intenções sociocomunicativas

SUMÁRIO

do usuário com o interlocutor. Dessa forma, o interlocutor toma seus próprios posicionamentos de acordo com sua visão de mundo, e não com as do locutor, necessariamente.

Com base no que foi discutido, trazemos alguns exercícios com dados reais das construções *se p*, *(então) q* e [supondo que X] para serem trabalhados em salas de aula de cursos de Letras e suas possíveis respostas:

4. EXERCÍCIOS

A seguir, trazemos alguns exercícios com dados reais para serem trabalhados em salas de aula de cursos de Letras, com as respectivas respostas:

1. Com relação às construções condicionais [*se p, (então) q*] e [supondo que X], cite as principais diferenças e semelhanças entre ambas, a partir do que leu neste capítulo.

Sugestão de resposta: SEMELHANÇA: Tanto [se p, (então) q] quanto [supondo que X] pertencem ao domínio condicional e compartilham fatores semântico-pragmáticos convergentes, como:

Causalidade: Ambas conectam eventos que se relacionam entre si de forma causal.

Não assertividade: As duas construções operam no âmbito do hipotético, descrevendo cenários que podem ou não se realizar.

Predição: Projetam eventos futuros ou situações contrafactuais.

Distância epistêmica: Indicam a posição do falante em relação à possibilidade de o evento ocorrer, variando entre crenças neutras, factuais ou contrafactuais.

SUMÁRIO

Espaços mentais: Criam cenários hipotéticos que dependem de uma condição/suposição inicial.

Proteção de face: Ambas podem mitigar posicionamentos do falante, seja por meio da construção condicional em [se p, (então) q] ou pela suposição aberta em [supondo que X].

DIFERENÇAS: Embora inseridas no mesmo domínio, apresentam características específicas:

Expressão da condição:
Em [se p, (então) q], a condição geralmente aparece de forma explícita e estruturada em duas proposições (hipotática e principal). Por outro lado, em [supondo que X], é mais frequente a ocorrência de insubordinação comparado à [se p, (então) q], ou seja, em alguns casos apenas a oração hipotática é expressa, sem uma oração matriz explícita[12].

Base conceitual:
O conector *se* está relacionado à condição, indicando um vínculo mais direto entre causa e efeito. Já *supondo que* está fundamentado na suposição, sendo mais especulativo e frequentemente utilizada para explorar possibilidades ou hipóteses sem necessariamente sugerir uma consequência.

Contextos de uso:
[Se p, (então) q] é mais comum em contextos que demandam explicitação da relação condicional entre dois eventos. Por outro lado, [Supondo que X] é mais flexível, utilizada em contextos intersubjetivos e discursivos, muitas vezes para envolver o interlocutor ou explorar cenários sem compromisso explícito com um desfecho.

2. Neste capítulo, apresentamos seis parâmetros condicionais que as construções *se p, (então) q* e [supondo que X] podem ter. A cada dado abaixo, identifique e justifique dois parâmetros.

12 Essas afirmações foram feitas com base na nossa amostra de dados, que totalizam 180 dados.

a. "**Se** não tivesse passado na faculdade não estaria com esse problema" (Twitter, 2022, grifos nossos).
Sugestão de resposta: Na ocorrência acima, identificamos os parâmetros condicionais de:
Causalidade: O evento da oração matriz depende do evento da oração hipotética para se realizar. Ou seja, o problema mencionado pelo usuário só ocorre porque ele passou na faculdade. Assim, a hipótese "[se não tivesse passado na faculdade]" é apresentada como a causa da ausência do problema.
Espaços mentais: A construção cria um espaço mental contrafactual, no qual o usuário imagina uma realidade alternativa onde não teria passado na faculdade. Esse espaço é ativado pelo uso do conector **se**, que projeta um cenário hipotético oposto à realidade.
Além disso, também podemos apontar:
Não assertividade: A oração condicional expressa um evento que não aconteceu, permanecendo no domínio do hipotético.
Predição: Está presente na forma verbal do pretérito imperfeito do subjuntivo ("tivesse passado"), marcando uma projeção contrafactual.
Distância epistêmica: Reflete a percepção do falante de que a hipótese não condiz com a realidade, uma vez que ele efetivamente passou na faculdade.

b. "**Supondo que** eu doe um orgao para alguém mas eventualmente essa pessoa morra. Eu posso ter esse órgão reeplantado?" (Twitter, 2023, grifos nossos)
Sugestão de resposta No exemplo acima, identificamos os parâmetros condicionais de:
Causalidade: A dúvida apresentada pelo usuário na oração matriz "[Eu posso ter esse órgão reimplantado?]" depende diretamente do cenário hipotético descrito pela construção "[Supondo que eu doe um órgão para alguém mas eventualmente essa pessoa morra]". A relação de causa e consequência entre os eventos é evidente.
Espaços mentais: A construção "[Supondo que X]" ativa um espaço mental de suposição no qual o usuário considera uma situação hipotética: doação de um órgão e a eventual morte do receptor. Essa estrutura permite que o falante explore possibilidades futuras e improváveis.

SUMÁRIO

Outros elementos também podem ser considerados:

Não assertividade: A hipótese "[supondo que eu doe um órgão]" não descreve um evento real, mas um cenário puramente especulativo.
Predição: Marcada pelo uso do *presente do subjuntivo* ("doe"), que projeta uma possibilidade futura e incerta.
Distância epistêmica: Demonstra a neutralidade do falante em relação à probabilidade de o evento acontecer, sendo o tempo-modo verbal uma marca importante para tal neutralidade.

3. Descreva o dado a seguir, com base no conceito de *proteção de face*.

a. "**Supondo que** eu não te perguntei nada, calcule o tempo médio que você deve ficar na sua." (Twitter, 2024, grifos nossos)
Sugestão de resposta: No exemplo, identificamos o uso da proteção de face quando o usuário-escritor cria uma situação hipotética para direcionar seu discurso ao usuário-leitor, "convidando-o" a refletir sobre a necessidade de "ficar na sua". Essa construção sugere que o escritor está incomodado com uma atitude do interlocutor possivelmente relacionada a uma intervenção feita sem seu consentimento. Ao empregar o conector [supondo que X], o escritor suaviza o tom da mensagem, utilizando a ironia para expressar sua insatisfação de forma menos direta. A hipótese "[supondo que eu não te perguntei nada]" sugere, na verdade, que nenhuma pergunta foi feita, mas que o leitor, mesmo assim, agiu de maneira que desagradou o escritor. Essa estratégia ameniza qualquer tom rude no discurso, transformando uma possível repreensão em um comentário mais atenuado e diplomático.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos aos estudantes de Letras (especialmente futuros professores de língua materna) uma análise de dados de duas construções condicionais, [se p, (então) q] e [supondo que X], à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Mostramos como essas construções se manifestam na interação no uso real da língua

SUMÁRIO

portuguesa, adaptando-se aos objetivos comunicativos dos falantes. Além disso, sugerimos exercícios para serem aplicados em cursos de Linguística, com o intuito de permitir aos alunos a observação e a descrição de dados provindos de usos reais, promovendo uma compreensão do método qualitativo para análise desses dados e a verificação de que novos conectores podem surgir nas línguas, dando conta de funções importantes para expressão da modalidade epistêmica.

REFERÊNCIAS

ADELINO, F. J. da. S.; NASCIMENTO, E. P. do. **O funcionamento semântico-argumentativo da modalização epistêmica quase-asseverativa**. Revista do GELNE, Natal, v. 20, p. 98-110, 2018.

BYBEE, J. **Language**, **usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: L&PM Pocket, 1970.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication** (**Cambridge Studies in Linguistics**). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ELY, L. CEZARIO, M. M. Vai que e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional. **Soletras**, Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLIN, Rio de Janeiro, n. 45, 2023b, p. 152-168. Jan-Abr./2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.73443>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FONSECA, G. D. F. da. **Uma Abordagem Cognitivo Funcional**: uma perspectiva sincrônica da competição pelo uso nas construções [xmente]. 2019. 17 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CHAVES, A. dos S. S. A construção SN+V+SNNU e o processo cognitivo de chunking. **Revista Odisseia**, [*S. l.*], v. 4, n. Esp., p. 62–88, 2019. DOI: 10.21680/1983-2435.2019v4nEsp.ID18217. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/18217>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SUMÁRIO

GOMES, G.; MONKEN, P. M. Postura epistêmica e parafraseabilidade diferencial em condicionais. **Revistaa de Estudos da Linguagem**, [*S. l.*], v. 19, n. 2, p. 127-140, dec. 2011. ISSN 2237-2083. Disponível em: <https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2566/2518>. Acesso em: 12 nov. 2024. doi:http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.19.2.127-140.

LEÃO, Â. V. **O período hipotético iniciado por se**. Tese de concurso. UFMG, Belo Horizonte, 1961.

MONOTOLÍO, E. **On affirmative and negative complex conditional connectives**. *In:* COUPERKUHLEN, E.; KORTMANN, B. (ed.). Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

NEVES, M. H. M. **Gramática do português falado**. Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999a. v. VII, p. 461-496.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, T. P. de. A construção [[supondo_que]CON. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [*S. l.*], v. 48, n. 1, p. 370–383, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i1.2372. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2372>. Acesso em: 17 set. 2023.

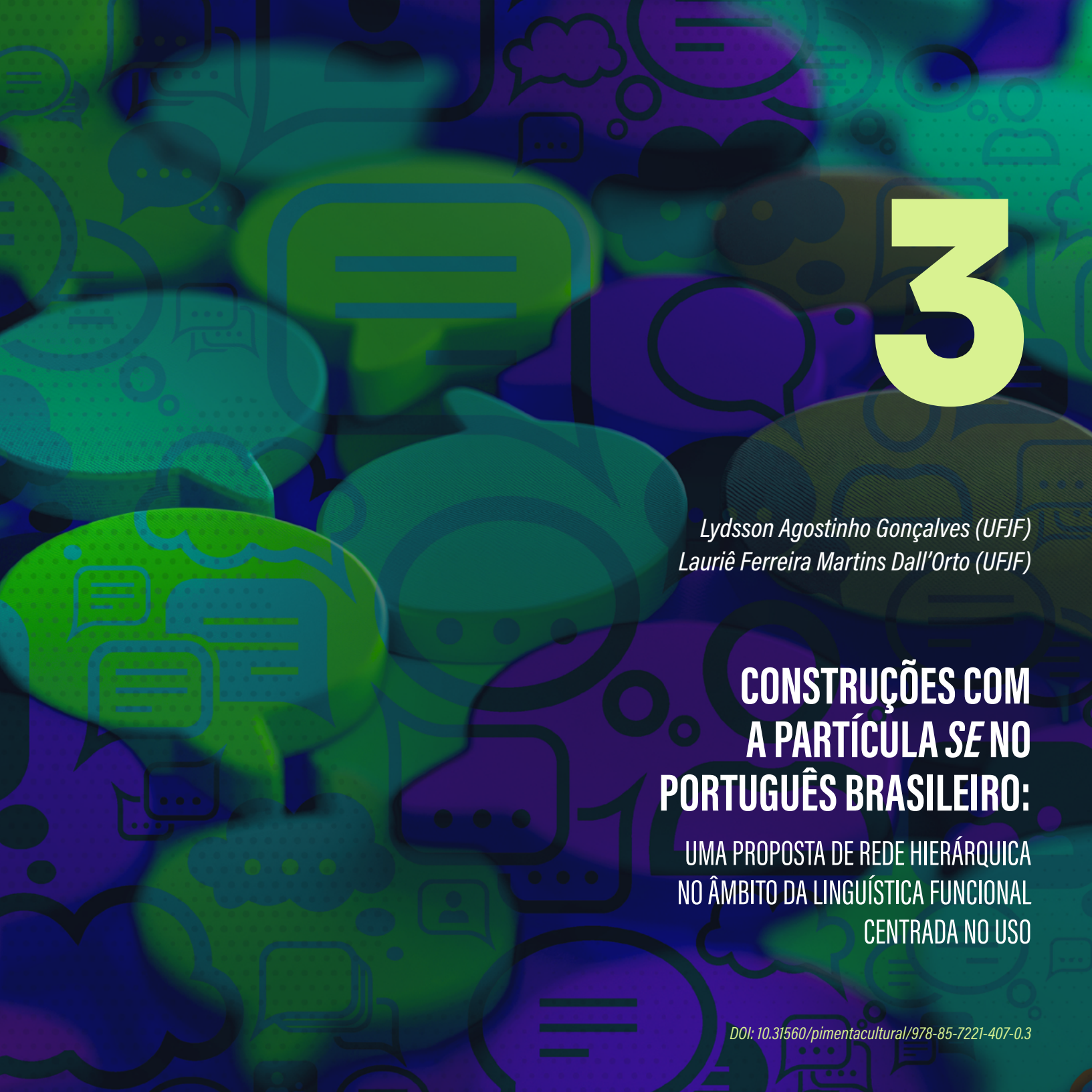
ROCHA LIMA, C. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31 ª ed. (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1992.

RODRIGUES, V. V. Cláusulas Insubordinadas no Português em Uso. *In:* CEZARIO, M. M. da C.; MARQUES, P. M.; CASTANHEIRA, D. **Pesquisas Funcionalistas e Aplicações ao Ensino Superior**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. Cap. 8. p. 212-238.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Construcional Change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VERHAGEN, A. Intersubjectivity and the architecture of the language system. *In:* ZATLEV, J. *et al.* (eds.). **The shared mind**: **perspectives on intersubjetivity**. vol. 12, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

SUMÁRIO



3

Lydsson Agostinho Gonçalves (UFJF)
Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto (UFJF)

CONSTRUÇÕES COM A PARTÍCULA *SE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

UMA PROPOSTA DE REDE HIERÁRQUICA NO ÂMBITO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.3

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

No português brasileiro contemporâneo, é encontrada uma partícula cuja atuação na língua parece não se limitar a uma única função – o *se*. Esse elemento, geralmente, é associado ao contexto reflexivo; mas as gramáticas tradicionais também reconhecem seu uso como partícula apassivadora e como índice de indeterminação do sujeito. Todavia, observando-se com cuidado os contextos em que tal forma aparece, pode-se notar que sua função se estende para muito além dessas descrições. Desse modo, neste trabalho, analisamos os diferentes contextos de instanciação da partícula *se* com base em dados reais de fala de dois *corpora*, a saber, o do Projeto NURC/RJ e o do Projeto Mineirês, a fim de propor uma rede taxonômica que relacione as construções com *se*, tomando como aporte teórico os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, também, LFCU).

Uma das concepções mais tradicionais de língua é a de que ela é uma amálgama entre formas e funções. Tal linha de pensamento remete até mesmo a Aristóteles, que já dizia que língua é "som com sentido", ou seja, uma forma sonora que transmite significados. Essa visão perdurou ao longo dos séculos e adquiriu suas feições modernas muito cedo dentro dos estudos linguísticos, já com Saussure e suas dicotomias, mais precisamente a estabelecida na formação dos signos, que seriam compostos de significante (a forma acústica) e significado (a ideia abstrata associada a ele). Tomando formas diferentes ao longo dos vários modelos teóricos (a Teoria Gerativa de Chomsky, por exemplo, estabelece componentes paralelos para lidar com os dois tipos de informação), a ideia sempre esteve muito presente.

A LFCU, abordagem de cunho funcionalista (Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha *et al*., 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Bispo; Silva, 2016; Rosário; Oliveira, 2016), vai além da ideia

de que cada forma linguística tem uma função e propõe que esses dois aspectos são em verdade indissociáveis; unidos, eles formam uma construção, que é a unidade mínima das línguas naturais. Dessa forma, a Linguística Funcional Centrada no Uso assume a correlação gramática e discurso, isto é, que estruturas linguísticas desempenham funções específicas nos contextos discursivos em que ocorrem. Logo, tal abordagem nos fornece as ferramentas necessárias para analisarmos a instanciação e a convencionalização de construções na língua a partir de uma perspectiva mais holística.

Nessa perspectiva, o presente capítulo se divide em quatro seções. Na primeira, apresentamos os pressupostos teóricos basilares da LFCU; na segunda, apresentamos o objeto de estudo mais detalhadamente e fazemos uma breve revisão de algumas propostas de descrição já existentes na literatura; na terceira, explicitamos nossa metodologia para a discussão dos dados, a qual se baseia em *corpora* e no método misto de equacionamento entre as análises quantitativa e qualitativa; por fim, na quarta seção, procedemos à análise propriamente dita. O capítulo se encerra com algumas considerações acerca dos achados do trabalho e com apontamentos para pesquisas futuras.

1. A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – (Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha *et al*., 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Bispo; Silva, 2016; Rosário; Oliveira, 2016), entende-se que a renovação do sistema linguístico não ocorre de maneira arbitrária, mas a partir de motivações internas e externas à língua.

SUMÁRIO

A LFCU integra aspectos linguísticos, processos cognitivos e fatores socioculturais para explicar a correspondência simbólica entre forma e função de uma construção e seu alinhamento a um esquema mais abstrato já fixado na língua.

A LFCU se baseia em três princípios fundamentais: (i) a reformulação da gramática da língua pelo uso; (ii) a investigação simultânea da gramática e do discurso; (iii) e a correlação entre estruturas linguísticas e suas funções discursivas no contexto comunicativo. A esses princípios são acrescidas as noções de *construção* e de *rede hierárquica*, desenvolvidas no contexto da Gramática de Construções (GC).

A construção é a unidade básica da língua, sendo um pareamento de forma e função convencionalizado (Goldberg, 1995, 2006, 2016). Croft (2001) propõe que qualquer estrutura gramatical, desde morfemas até padrões esquemáticos, constitui uma construção. O autor representa a construção como uma associação simbólica de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas (no polo da forma) e propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (no polo do sentido).

Tendo em vista a existência de construções mais específicas e outras mais abstratas na língua, o sistema linguístico é tomado como uma rede de relações entre essas construções, isto é, como um inventário de pareamentos forma-função que se relacionam em termos de esquematicidade. Traugott e Trousdale (2013) propõem uma rede construcional organizada em três níveis: microconstrução, subesquema e esquema. A microconstrução corresponde a uma construção individual que preenche *slots* dentro do subesquema. O subesquema agrupa microconstruções semelhantes entre si, enquanto o esquema corresponde à construção mais geral e abstrata.

Diante da necessidade de ser cada vez mais expressivo na situação discursiva, o falante negocia sentido com seu interlocutor,

SUMÁRIO

instanciando um novo pareamento na língua. Se esse novo uso se torna frequente entre os membros de uma comunidade linguística, uma nova construção é convencionalizada como uma microconstrução e integrada à rede hierárquica. Esse processo é denominado, por Traugott e Trousdale (2013), *construcionalização*.

Na construcionalização gramatical, o surgimento de uma nova construção de natureza mais procedural na língua ocorre gradualmente através de uma série de pequenos passos. Em contraste, na construcionalização lexical, a emergência de uma nova construção de natureza mais conceitual tende a ser mais imediata (Traugott; Trousdale, 2013).

Nesse contexto, Traugott e Trousdale (2013) identificam três propriedades construcionais: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Por esquematicidade, entende-se a capacidade de uma construção servir de modelo abstrato que abriga determinados usos de uma língua (o qual pode ser expandido à medida que os falantes analogizam a construção, de modo a gerar subesquemas e microconstruções). A composicionalidade está relacionada ao grau de transparência da contribuição das partes para o sentido da composição como um todo. A produtividade, enfim, diz respeito à capacidade de esta construção se expandir, abrindo caminho para novas análises e, a maior prazo, novas construções. Todas essas propriedades são gradativas, de modo que uma construção pode ser mais ou menos esquemática ou mais ou menos produtiva, e interagem entre si, formando uma rede complexa de desenvolvimento da língua.

Neste capítulo, apresentamos uma proposta inicial de rede hierárquica com construções com a partícula *se*, destacando o aumento de esquematicidade e produtividade e o decréscimo de composicionalidade. Observamos que construções mais frequentes tendem a se tornar mais esquemáticas e produtivas, mas menos composicionais, com significados que não correspondem ao significado da soma dos elementos constituintes. Em diferentes contextos,

SUMÁRIO

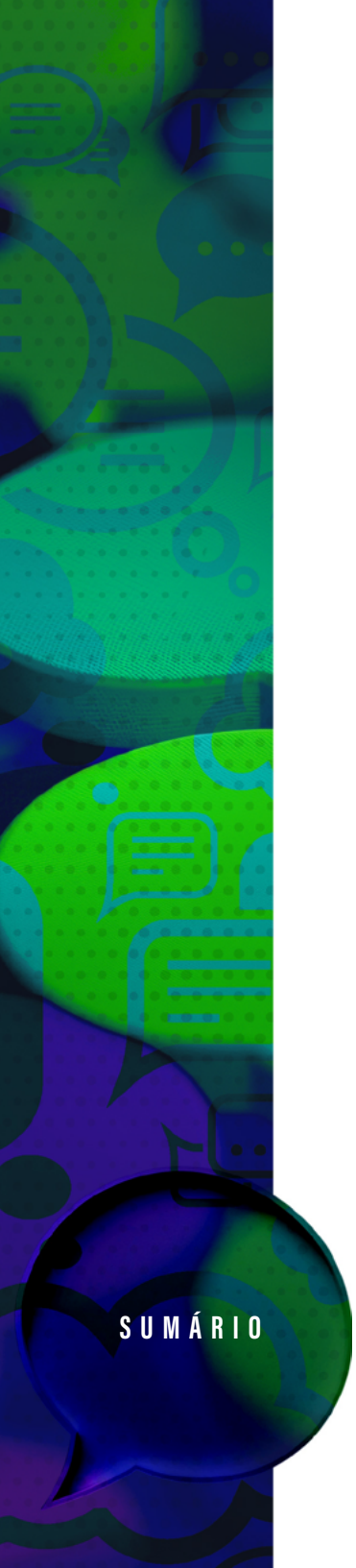
construções com a partícula *se* adquirem novas formas e funções para atender a novos propósitos comunicativos.

2. A DISTRIBUIÇÃO DA PARTÍCULA *SE* EM PORTUGUÊS: O QUE SABEMOS?

É amplamente reconhecido que a partícula *se* é encontrada em diversas situações comunicativas no português brasileiro (PB) – e, em verdade, também no português de Portugal, mas nos concentraremos, aqui, apenas nos usos do PB. As gramáticas tradicionais quase sempre trazem uma seção dedicada a esse objeto. Esses textos, porém, uma vez que não têm como objetivo uma abordagem reflexiva da língua, são limitados na maneira como tratam o fenômeno.

A *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara (2012), por exemplo, trata a questão de um ponto de vista sintático, rotulando a partícula simplesmente como um pronome e informando que pode aparecer em três funções: sujeito de orações infinitivas, objeto direto e objeto indireto (e oferece exemplos de cada uma, com breves definições). Acrescenta, ainda, que a partícula *se* pode se juntar a verbos que exprimem sentimento e movimento. A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (1985), é ainda mais sucinta (sem nenhuma explicação propriamente dita), embora apresente mais usos: objeto direto, objeto indireto, sujeito de infinitivo, pronome apassivador, símbolo de indeterminação do sujeito, palavra expletiva e parte integrante de certos verbos. Nesse caso, o *se* aparece, ainda, em "certos verbos" (nada delimitados) aparentemente sem motivo algum.

SUMÁRIO



SUMÁRIO

Por outro lado, estudos que abordam a língua para além de uma perspectiva normativa já apresentam algumas generalizações mais robustas. Lazzarini-Cyrino (2015) apresenta uma proposta formal para explicar o fenômeno e incorpora a ela observações oriundas de um ponto de vista semântico. O autor demonstra, através de uma pesquisa robusta, que o fenômeno visto com o *se* em português não se limita à nossa língua, encontrando paralelos em muitas outras (e não só em línguas românicas), e observa que, quando ocorre o sincretismo – isto é, o uso da mesma marca morfológica em diferentes contextos –, ele se dá ao menos entre o uso reflexivo e o passivo, podendo se expandir para outros domínios. Como tal, utiliza o termo Sincretismo Passivo-Reflexivo (SPR), nomenclatura que também adotaremos neste trabalho por questões de praticidade.

Para Lazzarini-Cyrino (2015), há quatro domínios principais no qual a marca de SPR em geral se manifesta: contextos reflexivos, médios, anticausativos e passivos[26]. Ele ainda propõe uma conceptualização semântica para explicar por que isso ocorre, defendendo que o que une todos esses domínios é o fato de que o sujeito sintático da oração de algum modo é afetado pela ação descrita pelo verbo. Nos contextos reflexivos, o sujeito age e a ação se volta para ele; nos médios, uma ação realizada pelo sujeito causa um efeito, o qual, por sua vez, direta ou indiretamente, o afeta; nos anticausativos, uma ação espontânea recai sobre o sujeito sintático; por fim, nos passivos, o sujeito sofre uma ação desencadeada por uma força externa. O autor propõe que esses níveis se organizam cognitivamente para o falante dentro de um *continuum*. Com isso, é possível que sejam demarcados outros contextos, intermediários, e é possível que o falante expanda o uso de um determinado marcador para todos esses contextos ou apenas parte deles. O ponto crucial é que, ao perceber um fio condutor comum entre essas ideias, o falante termina, por analogia, associando a mesma marca a elas. Nos termos do modelo que estamos utilizando no presente trabalho, isso significaria dizer que, a partir de um esquema, são estabelecidos subesquemas que, posteriormente, se realizam como novas microconstruções.

26 Exploraremos os domínios com maior rigor na seção de análise.

A hipótese parece encontrar algum respaldo na literatura. Sabemos que o marcador de voz passiva em latim, o morfema *-r*, se originou como um marcador de voz média e depois se expandiu para outros contextos (Faria, 1958; Grimal *et al*., 1986). O *se*, por sua vez, em latim só era encontrado em reflexivos. Na passagem do latim para o português, o que se viu foi o desaparecimento do *-r*, à medida em que o *se* ocupou os seus domínios. E, atualmente, vem sendo observado (Lima, 2006; Carvalho, 2016) que o próprio *se* vem desaparecendo de alguns contextos em alguns dialetos do português brasileiro, o que sugere uma espécie de ciclo de expansão e retração: por analogia, o uso da marca passa a se difundir para contextos subjetivamente vistos como próximos, até que seu escopo se torna tão amplo que a cognição do falante já não os distingue mais e a marca pode vir a cair. Se em algum momento um desses contextos ganha proeminência novamente, uma nova construção pode surgir para destacá-lo dos demais, recomeçando o processo.

Seria necessário um estudo diacrônico para averiguar com precisão qual foi o caminho percorrido por esse elemento. Contudo, o próprio Bechara (2012, p. 292), mesmo a partir de uma abordagem mais tradicional da gramática, citando Martinz de Aguiar, nos dá pistas de que a hipótese pode ser fundamentada, dizendo o seguinte:

> A construção reflexiva teve um destino importante em nossa língua; a evolução do reflexivo à passivo à indeterminador foi traçada pelo filólogo patrício Martinz de Aguiar: "1º (CASO) Pronome reflexivo – A função inicial e própria do pronome *se* é, como em latim, a de reflexivo, isto é: faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou. Ex.: O homem cortou-se. Indica, pois, ao mesmo tempo, atividade e passividade. O homem cortou, mas foi cortado, pois a si próprio é que cortou. Se penetrarmos bem na inteligência das diversas frases reflexivas, veremos que a passividade chama mais a nossa atenção, impressiona mais a nossa sensibilidade do que a atividade. Quando temos notícia de que alguém se suicidou, o primeiro quadro que se nos apresenta ao espírito é o do

SUMÁRIO

> indivíduo pálido, inerte, sem vida. Daí poder o pronome se vir a funcionar como: 2º (CASO) Pronome apassivador – É o segundo estágio de evolução. Sendo reflexivo, o pronome indica, como vimos, atividade e passividade, e esta nos impressiona mais do que aquela, pelo que pode chegar a ser índice de passividade. Ex.: Vendem-se casas. Fritam-se ovos."

Sendo assim, parece razoável pensar em uma ideia de expansão do uso da forma com base em associações de sentido, ainda que estes sejam relativamente abstratos. Portanto, parece-nos que tomar as quatro propostas de construção de Lazzarini-Cyrino (2015) como ponto de partida seja um bom começo. No português brasileiro, um olhar superficial revela imediatamente que todas elas são encontradas na língua. Os quatro domínios básicos do SPR no português brasileiro[27]:

(1) É aquilo, né, sempre se ouviu falar que a geração atual tinha que se sacrificar em prol da geração futura, né? → reflexivo (leia-se: a geração deveria sacrificar a si mesma em prol da futura).

(2) Ah, o senhor vai se encontrar com a minha esposa lá no aeroporto! → médio (note-se que a pessoa em questão não vai se encontrar consigo mesma; todavia, ela desempenha uma ação, no caso, deslocar-se até certo local, e essa ação, de certo modo, recai sobre ela, aqui na forma de um encontro).

(3) Agora, depois que eu saí de lá, a Tijuca se modificou completamente, né, muitos prédios foram construídos [...] → anticausativo (nesse caso, o *se* parece marcar a alternância de um verbo, que normalmente é transitivo, para uma forma intransitiva, na qual o evento ocorre naturalmente, ou sem causa explícita; pode-se observar que, ao contrário dos dois contextos anteriores, não há nenhum grau de agentividade no sujeito "Tijuca", que, de certo modo, "sofre" a ação).

27 Dados extraídos do *corpus* do Projeto NURC/RJ.

SUMÁRIO

(4) A greve pra mim é em última instância. Ela só deve se deflagrar quando não houver mais recurso nenhum. (aqui é possível fazer uma perífrase com a passiva analítica: a greve só deve ser deflagrada quando não houver outro recurso).

Naturalmente, essa classificação não cobre tudo o que sabemos estar relacionado ao *se* na nossa língua (por exemplo, o *se* impessoal, muito produtivo, não está na lista). Todavia, proporemos na seção de análise que esses outros usos estão relacionados aos quatro anteriores, estabelecendo com eles uma relação de micro-construção. Antes disso, porém, estabeleceremos nossa metodologia de coleta de dados e de análise.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, buscamos estabelecer uma rede hierárquica que relacione as diferentes construções com a partícula *se* no português brasileiro contemporâneo. Devido ao recorte realizado, deixaremos a investigação da trajetória do uso de *se* para pesquisas futuras. Sendo assim, nosso trabalho apresenta uma análise apenas sincrônica dos dados. Para tal, consultamos dois *corpora* diferentes: o do Projeto Norma Urbana Culta (NURC/RJ) e o do Projeto Mineirês. Ambos se constituem de dados reais de fala da modalidade oral (posteriormente transcritos) coletados, respectivamente, na década de 1990 e na década de 2000. O total de palavras de cada *corpus* é de 300 mil palavras.

Para analisar as ocorrências representativas de padrões construcionais com a partícula *se*, combinamos a análise qualitativa dos dados com o cálculo da frequência de uso. De um lado, registramos a quantidade de ocorrências de cada construção em termos absolutos, de modo a verificar quais são mais produtivas na língua; de outro, desempenhamos uma análise específica de cada

SUMÁRIO

ocorrência, a fim de estabelecer seu estatuto dentro da rede de construções relacionada à partícula *se*. O uso de um método misto, segundo Cunha Lacerda (2016), pode proporcionar uma análise mais detalhada dos dados e facilitar a organização da rede em esquema, subesquemas e microconstruções.

De acordo com Cunha Lacerda (2016, p. 89), o método misto permite ao analista: a) caracterizar o pareamento forma-função nos níveis das microconstruções, dos subesquemas e do esquema; e b) descrever os contextos de uso nos quais os construtos emergem na língua. Por outro lado, a análise quantitativa se refere à frequência de uso das construções, ajudando a identificar padrões de uso, bem como a analisar a extensibilidade e a produtividade desses padrões.

Em relação à frequência de uso, Bybee (2003) destaca a importância de dois tipos de verificação de frequência na investigação linguística: frequência *type* e frequência *token*. Segundo a autora, a "frequência *type* diz respeito à frequência de um padrão específico no dicionário [...]" (Bybee, 2003, p. 604, tradução nossa), enquanto a frequência *token* se refere "à frequência da ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, no texto" (Bybee, 2003, p. 604, tradução nossa). Dessa forma, os *types* se relacionam a padrões mais abstratos da construção, enquanto os *tokens* se referem às ocorrências empiricamente verificadas na interação. Para uma análise mais abrangente, adotamos, portanto, uma abordagem que equilibre a perspectiva do pesquisador (método qualitativo) com a avaliação numérica dos dados (método quantitativo).

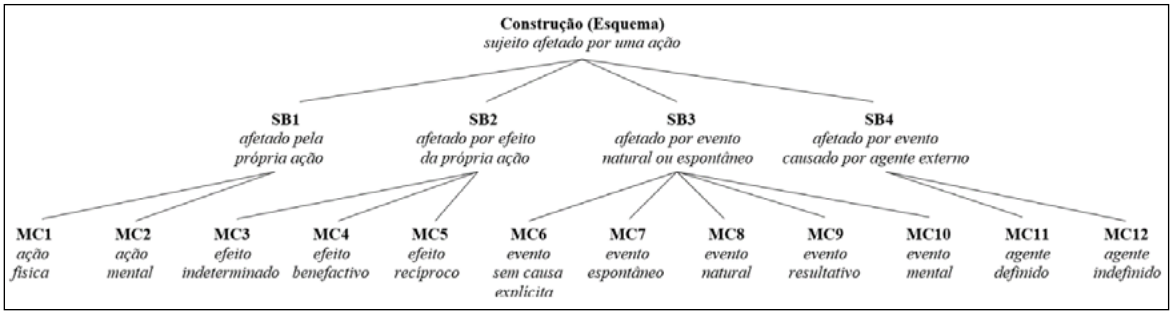
Nesse contexto, partimos do pressuposto de que há uma construção mais abstrata, ou esquema, que associa *se* à afetação do sujeito e que se divide em quatro subesquemas (os domínios básicos do SPR apontados na seção anterior). Estes, por sua vez, se expandem em doze microconstruções. Apresentamos as características formais e conceptuais gerais de cada uma delas.

SUMÁRIO

4. ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados do Projeto NURC/RJ e do Projeto Mineirês e a análise de acordo com o esquema de SPR proposto por Lazzarini-Cyrino (2015), averiguamos que sua proposta encontra respaldo nos dados. Como previsto também por sua análise, conseguimos identificar subdivisões em alguns dos domínios do SPR, chegando a um total de doze microconstruções. O diagrama abaixo ilustra nossa proposta inicial para a rede construcional com a partícula *se*:

Figura 1 – Representação da rede de construções com a partícula *se*[28]



Fonte: Os próprios autores.

Como a nomenclatura das diferentes microconstruções foi desenvolvida por nós para este capítulo, para fins de facilitação da compreensão, consideramos oportuno apresentar quais seriam, grosso modo, os seus respectivos correspondentes na tradição gramatical[29]. Como já estabelecido, SB1 engloba os reflexivos, com MC1 sendo os canônicos e MC2 sendo os encontrados como sujeitos de orações subordinadas. SB2 não encontra correspondente exato na gramática, mas entre seus membros estão alguns verbos considerados "naturalmente reflexivos" (isto é, dos quais a partícula simplesmente "faz parte") e alguns marcados quando há uma alternância

28 Em que SB = subesquema e MC = microconstrução.

29 Novamente, exploraremos os detalhes de cada microconstrução no decorrer da análise.

SUMÁRIO

transitiva[30]. MC3 e MC4 são construções desse tipo e MC5 é classificado na gramática como reflexivo recíproco. SB3 são os anticausativos por excelência, situações em que um verbo transitivo é inserido numa construção em que a causa do evento é indeterminada, espontânea ou alguma variação disso. As microconstruções de MC6 a MC9 não têm um estatuto que as diferencie na gramática, enquanto MC10 às vezes é encontrada como "verbos de sentimento"; por fim, SB4 engloba as construções passivas: MC11 é a passiva sintética e MC12, a passiva impessoal.

Poder-se-ia questionar se construções como o *se* impessoal, bastante produtivo, como mencionado anteriormente, não deveriam ser consideradas um subesquema, ao invés de uma microconstrução. Decidimos por classificá-la como micro devido ao fato de que os quatro subesquemas propostos são vistos em uma grande variedade de línguas, enquanto o uso impessoal é mais limitado. Assim, concluímos que, em termos cognitivos, ele deve se subordinar ao domínio passivo, como proposto não só por Lazzarini-Cyrino (2015), como também por outros autores (Cinque, 1995; Frigeni, 2004) – ou, mais especificamente em nosso caso, se subordina ao domínio do sujeito afetado por agente externo. Isto posto, passemos à análise quantitativa dos dados, a começar pelo *corpus* do Projeto NURC/RJ:

30 Isso pode parecer estranho à primeira vista, já que se aproxima da definição básica de um anticausativo. Todavia, nem todo verbo que alterna de transitivo para uma forma marcada com *se* tem sua causa removida. No caso dos contextos médios, entende-se que o iniciador da ação foi o próprio sujeito. De fato, um mesmo verbo, a princípio, poderia ser usado tanto em contextos transitivos quanto médios e anticausativos. O que define essa possibilidade não é alguma propriedade intrínseca ao verbo, mas, sim, sua integração nas construções.

SUMÁRIO

Tabela 1 – Frequência de uso das construções com a partícula se no Projeto NURC/RJ

MC1	68	18,32%	**SB1**	71	19,13%	Construção (Esquema)	354	95,41%
MC2	3	0,80%						
MC3	31	8,35%	**SB2**	66	17,78%			
MC4	16	4,31%						
MC5	19	5,12%						
MC6	8	2,15%	**SB3**	85	22,91%			
MC7	22	5,92%						
MC8	14	3,77%						
MC9	18	4,85%						
MC10	23	6,19%						
MC11	42	11,32%	**SB4**	132	35,57%			
MC12	90	24,25%						
Outros	17	4,50%	**Outros**	17	4,50%	**Outros**	17	4,50%
Total	371	100%	**Total**	371	100%	**Total**	371	100%

Fonte: Os próprios autores.

O dado que chama a atenção imediatamente nessa tabela é o fato de que o maior índice de ocorrências no *corpus* analisado não está nas construções reflexivas (MC1), consideradas pelas gramáticas como as representantes do sentido primordial desse elemento, mas, sim, nas impessoais (MC12). Enquanto elas representam 24,25% do total, as reflexivas são apenas 18,32%. Combinadas, a passiva sintética e a passiva impessoal (SB4) representam 35,57% dos dados, enquanto as duas microconstruções reflexivas (SB1) são 19,13%. Uma possível explicação é que as entrevistas conduzidas no NURC/RJ frequentemente envolviam os entrevistadores solicitando aos entrevistados que contassem histórias ou eventos passados, o que resultou em muitas sentenças de estabelecimento de contexto, as quais favorecem usos impessoais ("naquela época se trabalhava demais", "quando se queria conseguir alguma coisa" etc.). Todavia, seria preciso expandir o *corpus* para verificar com mais precisão – sendo perfeitamente possível que, de fato, essa construção seja a mais usada.

O uso reflexivo é o segundo mais frequente nesses dados e, juntamente com os dados de impessoais, fica à frente dos outros por uma margem razoável. Há um uso moderado das passivas sintéticas (MC11),

SUMÁRIO

enquanto as demais microconstruções são bem menos frequentes. De longe, a menos utilizada é a reflexiva subordinada (MC3), com apenas 0,8%. A cédula identificada como "Outros" corresponde a expressões fixas, combinações de uso e sentido tão arraigados que, embora seja possível, com algum esforço, classificá-las entre as microconstruções, optamos por considerá-las como *chunks* (elas incluem "leia-se", "isso nem se fala", "ele que se vire", entre outras).

A seguir, apresentamos os dados do Projeto Mineirês:

Tabela 2 – Frequência de uso das construções com a partícula se no Projeto Mineirês

MC1	26	15,20%	**SB1**	28	16,37%	**Construção (Esquema)**	145	84,79%
MC2	2	1,16%						
MC3	16	9,35%	**SB2**	30	17,54%			
MC4	3	2,00%						
MC5	11	6,43%						
MC6	5	3,00%	**SB3**	41	23,97%			
MC7	8	4,41%						
MC8	8	4,41%						
MC9	11	6,43%						
MC10	9	5,26%						
MC11	9	5,26%	**SB4**	46	26,90%			
MC12	37	21,63%						
Outros	26	15,20%	**Outros**	26	15,20%	**Outros**	26	15,21%
Total	171	100%	**Total**	171	100%	**Total**	171	100%

Fonte: Os próprios autores.

No caso do Projeto Mineirês, a primeira informação digna de nota é a quantidade de ocorrências, muito inferior à do NURC/RJ. Provavelmente, isso é resultado da já observada queda dessa partícula em alguns dialetos do português brasileiro, particularmente em Minas Gerais; a região é notória nesse sentido. Além disso, como os dados do Mineirês são um pouco mais recentes, é possível que seja um efeito também temporal. Mais uma vez, seria preciso expandir o *corpus* para incluir outras regiões e/ou períodos para averiguar com certeza.

SUMÁRIO

As tendências se mantêm, porém. O uso impessoal (MC12) foi novamente o mais comum e, novamente por uma margem considerável, seguido pelo reflexivo (MC1). O reflexivo subordinado (MC2) também se manteve como o menos comum, enquanto os demais contextos tiveram ocorrências relativamente equilibradas. A novidade fica por conta das expressões, que aqui se igualam aos reflexivos, ocupando o segundo lugar como mais frequentes, enquanto nos dados do NURC/RJ elas representavam apenas 4,5%. Atribuímos essa diferença à queda do *se* discutida no parágrafo anterior: como ele aparentemente vem sumindo em alguns contextos nesse dialeto, as expressões, que são *chunks* (fixos, pouco suscetíveis a mudanças), acabam se sobressaindo.

Por fim, cruzamos os dados dos dois *corpora* e obtivemos os seguintes números globais:

Tabela 3 – Dados cruzados: NURC/RJ x Mineirês

MC1	94	17,34%	**SB1**	99	18,26%			
MC2	5	0,92%						
MC3	47	8,67%	**SB2**	96	17,71%			
MC4	19	3,50%						
MC5	30	5,53%						
MC6	13	2,39%	**SB3**	126	23,24%	**Construção (Esquema)**	499	92,06%
MC7	30	5,53%						
MC8	22	4,05%						
MC9	29	5,35%						
MC10	32	5,90%						
MC11	51	9,40%	**SB4**	178	32,84%			
MC12	127	23,43%						
Outros	43	7,93%	**Outros**	43	7,83%	**Outros**	43	7,83%
Total	542	100%	**Total**	542	100%	**Total**	542	100%

Fonte: Os próprios autores.

Os dados cruzados mantêm as tendências já encontradas, com a microconstrução 12 (MC12) sendo a mais frequente, seguida da microconstrução 1 (MC1), por uma margem razoável. A interação entre os dois grupos de dados fez o percentual total das expressões

SUMÁRIO

cair bastante, já que havia uma grande discrepância, e assim elas voltam a ficar no patamar médio das outras microconstruções. A partir de agora, analisaremos subesquemas e microconstruções individualmente no intuito de estabelecer os padrões por meio dos quais eles se manifestam.

4.1. O ESQUEMA

Conforme discutido, parte-se do conceito básico de que a partícula *se* está associada cognitivamente à ideia de que o sujeito sintático da oração é afetado/sofre uma ação. Partimos da construção reflexiva por razões históricas, já que foi o primeiro uso atestado do elemento, ainda no latim. Sendo assim, de "afetado pela própria ação", ele foi englobando outros tipos de afetamento, com diversas origens. Novamente, devido ao recorte estritamente sincrônico e limitado deste trabalho, não poderemos tecer considerações avançadas a respeito do caminho percorrido no desenvolvimento dessas microconstruções; limitaremos a análise à descrição dos padrões. Nesta seção do capítulo, utilizaremos a nomenclatura estabelecida na Figura 1.

4.1.1. SB1: afetado pela própria ação

Neste subesquema, aparentemente de onde se derivaram os outros, encontram-se as construções chamadas simplesmente de reflexivas na gramática e na proposta de SPR de Lazzarini-Cyrino (2015). São os usos considerados mais prototípicos[31] e envolvem ações perpetradas pelos sujeitos que têm como alvo eles mesmos. Nesse subesquema, identificamos duas microconstruções.

31 De acordo com Bybee (2010), usos prototípicos são aqueles que, sendo mais frequentes no léxico mental dos usuários da língua, exibem efeito de exemplares de uma determinada categoria.

A "microconstrução 1: ação física" (MC1) corresponde aos verbos reflexivos canônicos da gramática, isto é, aqueles em que o sujeito realiza uma ação cujo resultado recai sobre ele. Para ser considerado um reflexivo canônico e, portanto, se enquadrar nessa categoria, é necessário que a formação de fato estabeleça uma relação de transitividade na acepção semântica do termo: deve haver uma transferência do sujeito para o objeto, e o estado deste deve ser afetado pela ação daquele. Em outras palavras, fica reservado ao sujeito o papel temático de agente e ao objeto o de tema. Em nossos termos, conceptualiza-se que essa ação é física[32]. Essa microconstrução é a que permite maior variedade na sua manifestação (o que vai ao encontro de uma possível capacidade expansiva): basta o verbo ser transitivo (nos moldes descritos anteriormente) para poder ser combinado com o *se* e gerar esse pareamento forma/ sentido.

(5) MC1:

a. [...] no verão eles ficam, se despem né, eles ficam praticamente, que pra eles o verão é, assim, quando fica verão mesmo é uma maravilha. (= eles despem a si mesmos)

b. Tem que se doar muito. (= doar a si mesmo) (*Corpus* NURC/RJ)

A segunda microconstrução desse subesquema, "MC2: ação mental", envolve a mesma transferência de sujeito para objeto em que ambos remetem ao mesmo referente, mas nesse caso ela se dá em campos abstratos. Em termos formais, o pareamento prototípico é com verbos de sentimentos, sensações ou discursivos e o *se* atua simultaneamente como objeto do verbo e sujeito de uma sentença subordinada (que pode ser infinitiva, como previsto pelas gramáticas, mas também pode ser plena).

32 Oferecem-se exemplos desta e de todas as outras microconstruções no apêndice.

SUMÁRIO

(6) MC2:

a. [...] então, como a tradição de Nova Trento é de, de gente da construção, assim que se sentiram em condições econômicas um pouco melhores, etc. e tal, o que que fizeram? (= assim que sentiram que eles mesmos estavam em condições melhores)

b. O governador Brizola, que se diz líder socialista, descontou durante dois meses o pessoal de greve. (= que diz que é líder socialista) (*Corpus* NURC/RJ)

4.1.2. SB2: afetado por efeito da própria ação

Neste subesquema, ainda se tem a conceptualização geral de uma ação que o sujeito traz a si mesmo, mas desta vez de forma indireta: não mais ele age sobre si (MC1) ou sente/expressa algo sobre si (MC2), mas, sim, realiza uma ação que produz um efeito, e este, por sua vez, é que o afeta. Em Lazzarini-Cyrino (2015), tais usos são chamados de contextos médios. Esse subesquema não encontra correlatos tão imediatos na gramática como o SB1, mas tentaremos fazer pontes com ela. Uma perífrase razoável para esse caso é "ele fez x e, como resultado, y". Aqui encontramos três microconstruções.

"MC3: efeito indeterminado" está para SB2 assim como MC1 está para SB1, isto é, é sua versão mais "genérica". Não há implicações adicionais ou mais específicas envolvidas; apenas se trata de uma situação em que a ação do sujeito indiretamente recai sobre ele. É uma construção feita geralmente com os verbos que a gramática chama de reflexivos inerentes ou naturalmente reflexivos; também pode ocorrer com verbos transitivos (que, nesse caso, têm sua valência alterada).

(7) MC3:

a. No fundo tinha uma espécie de uma pequena uisqueria, um barzinho onde se reuniam os garotos mais, mais, mais bem fornidos de dinheiro. (≠ os garotos reuniam a si mesmos; = os garotos faziam/ realizavam a ação de se deslocarem todos até determinado lugar e, como resultado, se encontravam)

SUMÁRIO

b. Eu me recordo quando o meu irmão se virou pra mim assim: "Olha..." (≠ meu irmão virou a si mesmo; = meu irmão fez/ realizou o ato de se mover e, como resultado, terminou voltado na minha direção) (*Corpus* NURC/RJ)

Já "MC4: efeito benefactivo" tem a nuance, em relação a MC3, de que o sujeito se beneficia do efeito da ação desencadeada por ele mesmo. Em termos formais, a diferença é pequena, limitada quase totalmente à semântica. Novamente, é composta com verbos considerados reflexivos por natureza pela gramática ou oriundos de alternâncias de valência. Nos estudos linguísticos, esse tipo de construção costuma ser associado a um papel temático conhecido como autobenefactivo.

(8) MC4:

a. O senhor se formou em direito, não foi? (≠ formou a si mesmo; = realizou ações e, como resultado, obteve o benefício de se formar)

b. Então, a gente fica ali, praticando, fazendo exercício, e se divertindo, é uma maneira de divertir também né, bem saudável. (≠ divertem a si mesmos; = realizam ações que, como resultado, geram diversão) (*Corpus* NURC/RJ)

Por último, correspondendo ao reflexivo recíproco da gramática tradicional, "MC5: efeito recíproco" é uma composição em que há pelo menos duas pessoas envolvidas e a ação de uma afeta a outra e vice-versa, mantendo assim a autoafetação indireta. Ao contrário de MC3 e MC4, não é comum encontrar verbos reflexivos inerentes nessa configuração; quase sempre são transitivos reinterpretados, mas com uma restrição: necessariamente devem vir na terceira pessoa do plural.

SUMÁRIO

(9) MC5:

a. E quase todas as minhas amigas, sabe, os pais se separaram quando elas tinham assim, dez anos, oito anos. (≠ separaram a si mesmos; = um se separou do outro)

b. Todos se ajudavam muito e todos faziam os cursos que eram exigidos sem reclamar. (≠ ajudavam a si mesmos; = ajudavam um ao outro) (*Corpus* NURC/RJ)

4.1.3. SB3: afetado por evento natural ou espontâneo

Este subesquema engloba essencialmente os anticausativos. A conceptualização geral é a de que o sujeito sofre ou é afetado por uma ação cuja causa é desconhecida, indeterminada, espontânea etc. Não corresponde a uma classe específica na gramática, mas alguns dos verbos transitivos cuja valência é alternada se encaixam aqui. Nenhuma perífrase funciona bem aqui; o melhor teste possivelmente é a remoção do *se* – contextos anticausativos são os que melhor aceitam ocultá-lo. Identificamos cinco subesquemas.

"MC6: evento sem causa explícita" corresponde, grosso modo, aos inacusativos mais prototípicos: verbos transitivos dos quais se remove a causa ou agente da ação e, com isso, não se sabe mais a causa da sua ocorrência. Isso não significa que não há causa: pode-se inferir que algo causou o evento, mas não é possível determinar o que ou quem (a menos, evidentemente, que se inclua na sentença um elemento adverbial que explicite isso; aqui, porém, tratamos apenas do domínio imediato do *se*). Tendem, ainda, a vir no pretérito perfeito.

(10) MC6:

a. Eu acho que foi do fim da década de 1950 quando Botafogo se virou, se transformou numa, imensa oficina de lanternagem, tudo virou oficina [...] (= não se sabe a causa, mas é possível que algo tenha influenciado esse desenvolvimento)

SUMÁRIO

b. A Embaixada Inglesa se converteu num colégio suíço, se não me engano, que ainda está lá ou a propriedade ali né. (idem) (*Corpus* NURC/RJ)

Muito similar a MC6, "MC7: evento espontâneo" ocorre com a mesma classe de verbos segundo a classificação da gramática tradicional. Difere, porém, porque, neste caso, não é inferida uma causa, ainda que desconhecida: o evento simplesmente acontece. É mais produtivo com verbos no presente, mas aparece também no perfeito.

(11) MC7:

a. Hoje em dia, falar em, em vestuário de homens, vestuário exclusivo de mulher, fica meio complicado, é, depende do local né, na cidade que você se encontra. (= a cidade onde está)

b. Nova Trento sempre parece que acabou de ser construída na véspera de tão bem tratada, mas foi-se embora, de maneira assim, bastante violenta, toda uma forma de edificação extremamente. (= desapareceu essa forma de edificação) (*Corpus* NURC/RJ)

"MC8: evento natural" corresponde, de fato, aos verbos naturalmente reflexivos da gramática. Sua semântica é difícil de precisar e eles parecem estar no limite entre as outras interpretações (mesmo após uma análise mais a fundo, a presença do *se* parece ser apenas uma propriedade da construção, com uma semântica muito reduzida).

(12) MC8:

a. Arnaldo se queixava muito, a questão de, de material pra carro, por exemplo.

b. Mas tem-se ali uma tranquilidade, uma vida assim muito diferente. (*Corpus* NURC/RJ)

"MC9: evento resultativo" expressa eventos relativamente autônomos (isto é, sem causa bem definida), mas que são entendidos como o resultado de um processo. Como tal, são expressos com verbos no gerúndio.

SUMÁRIO

(13) MC9:

a. [...] depois foram caindo, na sua qualidade, e, se tornaram, foram se subdividindo e se transformando em pensão ou mesmo abaixo um pouco [...]

b. Aí a coisa vai crescendo, vão se organizando os sindicatos, associações de trabalhadores [...] (*Corpus* NURC/RJ)

"MC10: evento mental" são os chamados "verbos de sentimento" da gramática tradicional. É concebível que haja um fator externo que motive o sentimento, mas é difícil determiná-lo a partir da construção. Em verdade, não se limitam a verbos de sentimento, mas também de pensamento (ou, em outros termos, de expressões da cognição como um todo).

(14) MC10:

a. Você de repente nem precisa se preocupar muito em ter uma, um grande centro universitário, sabe [...]

b. Você se lembra quando você entrou pra escola, seu primeiro dia de aula, por exemplo? (*Corpus* NURC/RJ)

4.1.4. SB4: afetado por evento causado por agente externo

No último nível de subesquema, tem-se o extremo oposto dos reflexivos: as passivas, em que não há nenhuma ação do sujeito, apenas sua afetação. Na literatura, muitos trabalhos já demonstram o quanto as construções passivas sintéticas (agente definido) se assemelham às impessoais (agente indefinido) em muitos aspectos, com alguns autores, como o próprio Lazzarini-Cyrino (2015), até mesmo as tratando como idênticas. De fato, em alguns casos, uma pode servir como perífrase funcional da outra, mas não em todos. Com a gramática de construções, é possível identificar algumas diferenças sutis, porém fundamentais, entre elas, as quais são suficientes para estabelecê-las como microconstruções diferentes.

SUMÁRIO

A interpretação básica de "MC11: agente definido", micro-construção que corresponde à passiva sintética das gramáticas normativas, é a de que há alguém específico que realiza a ação, embora não seja possível identificá-lo de imediato (mas pode-se fazê-lo projetando uma informação adicional no conjunto). Formalmente, é crucial que o argumento com papel temático de tema ocupe a posição de sujeito sintático, gerando uma concordância. Ocorre com essencialmente qualquer verbo transitivo e pode ser parafraseado com uma passiva analítica.

(15) MC11:

a. [...] lugares de, por exemplo, também, oficinas ou, como se chamam, esses tipos de, locais de, consertos de fogão [...] (= são chamados de)

b. Então é todo um momento histórico muito importante no qual se cria o partido comunista brasileiro no mesmo ano que vai assumir a luta trabalhista. (= no qual é criado) (*Corpus* NURC/RJ)

Correspondendo ao "*se* impessoal" da gramática, "MC12: agente indefinido" claramente indexa um agente, mas não se sabe quem é, e tal micro não admite a inclusão desse complemento. A leitura geral é "alguém fez x" ou "todos fizeram x". É uma das micro-construções mais específicas com relação à forma: ocorre exclusivamente na terceira pessoa (pode ser singular ou plural) e apresenta uma forte preferência pelo presente e o imperfeito.

(16) MC12:

a. E no Brasil se passava por um processo novo, a instalação das chamadas indústrias de substituição. (= um indeterminado passava pelo processo; alguém passava, todos passavam)

b. Então, eu assisti à eletrificação do ramal da Leopoldina, inclusive na época, cruzava-se a linha do trem com facilidade. (= alguém cruzava; todos cruzavam) (*Corpus* NURC/RJ)

SUMÁRIO

4.1.5. Outros

Finalmente, um grupo razoável de usos do *se* não se encaixa propriamente em nenhuma das microconstruções. Mais especificamente, aparece em construtos cristalizados, com sentidos às vezes até transparentes, mas que não podem ser separados sem uma alteração, maior ou menor, no seu sentido imediato. Assim, consideramos que essas expressões são *chunks* da língua, e devem ser tratadas à parte, tendo um estatuto específico dentro da rede de construções.

(17) Outros (expressões):

a. Agora artista, leia-se pedreiro, marceneiro, carpinteiro era chamado artista né [...]

b. [...] o meu pai não se dá muito bem com eles, então, acho que eu também acabei me desligando um pouco por causa disso [...] (*Corpus* NURC/RJ)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos compreender o fenômeno da aparente multiplicidade de usos do *se* em português brasileiro à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesse contexto, buscamos, pontualmente, descrever os pareamentos forma-função das construções a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e de propor uma organização das construções em uma rede hierárquica.

Tentamos, ainda, fazer uma ponte entre nossos achados com o que se diz nas gramáticas tradicionais e em outros estudos presentes na literatura. Por meio de uma pesquisa baseada em *corpora*, seguida de análise de cunho misto, pudemos identificar um grande esquema/

SUMÁRIO

construção, quatro subesquemas e doze microconstruções envolvendo a partícula *se*. Observamos, ainda, que a frequência de uso dessas muitas variantes é consistente entre diferentes regiões e períodos (com base nos *corpora* do NURC/RJ e do Mineirês), mas que o *se*, como um todo, pode estar desaparecendo da língua, possivelmente devido a um efeito de esvaziamento semântico causado pela expansão do seu domínio. Isso parece mais forte na região de Minas Gerais.

A pesquisa foi totalmente sincrônica e acreditamos que uma análise diacrônica possa oferecer muitas respostas acerca do percurso seguido não só pelo *se*, mas também pelo seu "predecessor", o *-r* do latim. Também consideramos importante expandir o *corpus* de análise, de modo a averiguar nossas primeiras hipóteses a respeito do desaparecimento desse elemento e averiguar como é o seu comportamento em outros formatos, plataformas e configurações (textos escritos, digitais, mais formais ou informais etc.). Tais questões serão abordadas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. *In:* **XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARVALHO, J. M. R. **A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental**: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

CINQUE, G. **Italian Syntax and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

SUMÁRIO

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: LEXIKON Editora Digital Ltda, 1985.

FARIA, E. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FRIGENI, C. **How do you miss your external Argument?** Non-active voice alternations in Italian. Toronto: Toronto WPL, 2004.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In:* CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. *In:* **Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

GRIMAL, P. *et al*. **Gramática latina**. Trad. e adapt. de Maria Evangelina Villa Nova Soeira. São Paulo: TA Queiroz, 1986.

LAZZARINI-CYRINO, J. P. **O sincretismo passivo-reflexivo**: um estudo translinguístico. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

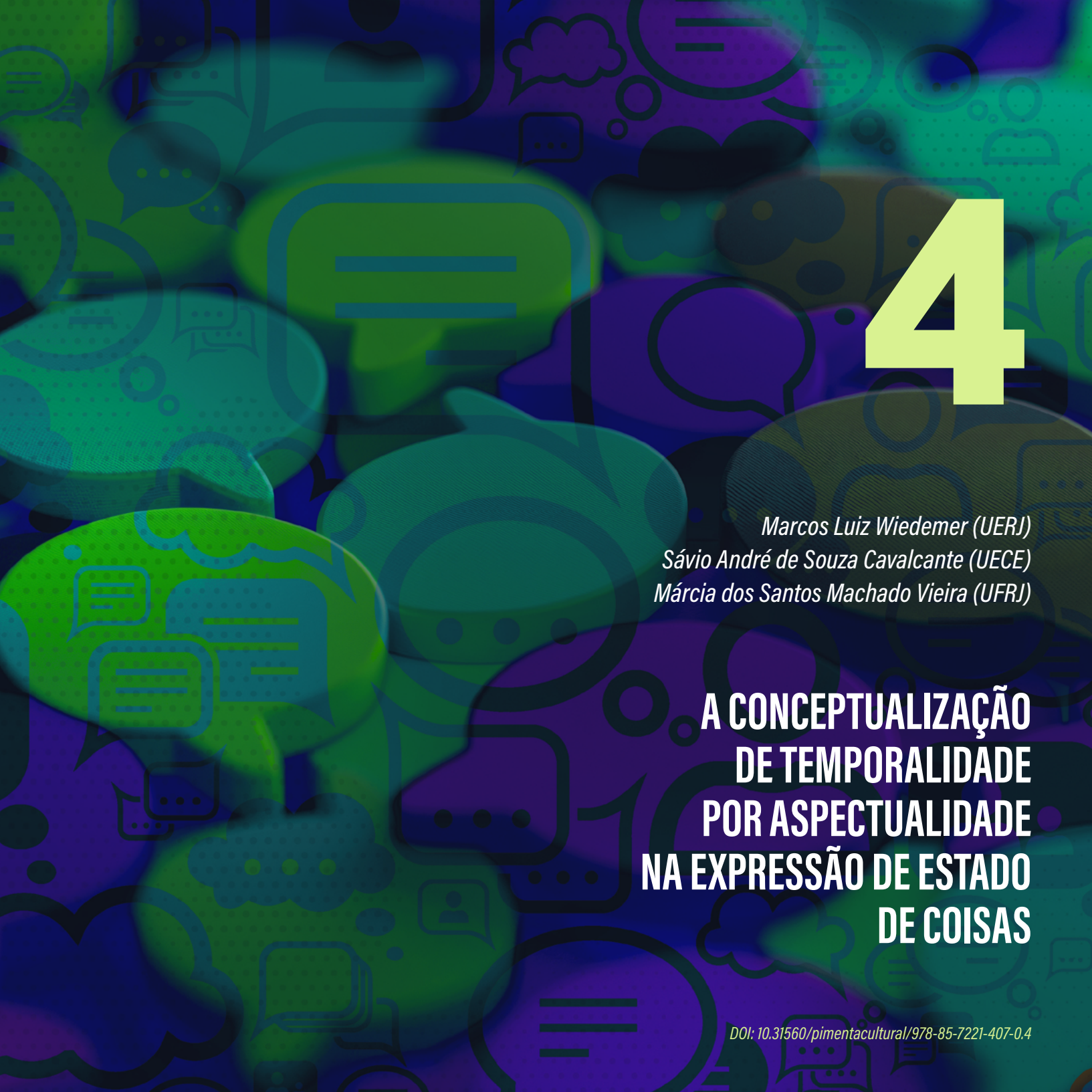
LIMA, B. F. Z. **O percurso diacrônico das construções com o pronome 'se' na língua portuguesa como um processo de gramaticalização**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem constructional da gramática. **Alfa**, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SUMÁRIO



4

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)
Sávio André de Souza Cavalcante (UECE)
Márcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

A CONCEPTUALIZAÇÃO DE TEMPORALIDADE POR ASPECTUALIDADE NA EXPRESSÃO DE ESTADO DE COISAS

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.4

"Tempo, tempo, tempo, tempo"

(Caetano Veloso - *Oração Ao Tempo*)[13]

1. "NO INICIAR DO CAPÍTULO", QUANDO CONTEXTUALIZAMOS A PESQUISA E NOSSOS INTERESSES

Interessa-nos, neste capítulo, explicitar formas de configuração da conceptualização da temporalidade por aspectualidade e analisar um tipo de construção usada na delimitação temporal centrada em fases do desenvolvimento/duratividade de um estado de coisas (*inceptivo*, *cursivo*, *terminativo*), com indicação de uma pontualidade no tempo, no Português Brasileiro (PB). A partir disso, discutiremos a relação de padrões construcionais licenciados por esse tipo de construção por variação construcional e a organização deles por tipos de alinhamento por similaridade. Para tanto, vamos centrar nossa atenção na associação "Filler-Slots" (preenchimento de *slots*). Tal construção se vale lexicalmente de preposição (Prep), verbo (V) e unidade de tempo (UT), esta podendo ser um nome (SN) ou um numeral (Num), o que implica a inter-relação das categorias de aspecto e tempo e se associa à conceptualização de delimitação de fases da representação conceptual da noção de tempo, ou circunstancialização, de um estado de coisas.

A construção mais geral em pauta, a qual denominamos de Construção de Realce Temporal de Fase Aspectual (CRTFA), é representada pelo seguinte esquema geral: [**Prep1 + V**$_{\text{infinitivo de aspecto de fase (inceptivo/cursivo/terminativo)}}$ **+ Prep2 + UT**$_{\text{(SN Temporal/Num)}}$], que desempenha a função de localização temporal-discursiva ao situar ações ou

13 Disponível em https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/. Acesso em: 30 abr. 2024.

eventos em uma linha temporal dentro do discurso. Nossa hipótese é de que a construção permite especificar a ação aspectual em relação a um ponto temporal e, em combinação com as preposições e a UT, estabelece o intervalo em que a ação ocorre. Isso promove uma organização do discurso ao situar ações em momentos específicos. São exemplos desse tipo de construção:

(1) No ano de 1994, com o intuito de resolver seu problema estrutural, foi iniciada a primeira fase de organização, que se estendeu até o ano de 1998. Com esforço, obtiveram-se pequenas melhorias. *No iniciar do século XXI*, procedeu-se a segunda fase de organização do MVP, processo que se estende aos dias atuais, devido particularidades museológicas.

Fonte: https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/448-museu-vicente-pallotti. Acesso em: 07 jul. 2024.

(2) Esta receita, que consiste em 2 produtos: pulverizador de cabelo e comprimidos com suplementos. Situação não haja um acompanhamento clínico, a tendência é com a paciente voltar a entregar certa rarefação capilar *com passar dos anos*, pois os fios não transplantados tendem a sofrer processo da calvície.

Fonte: https://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/comment/view/1332/0/893. Acesso em: 07 jul. 2024.

(3) Volta às atividades intelectuais. *Ao encerrar em 1967* sua longa presença no Congresso, Afonso Arinos voltou a dedicar-se ao magistério e à literatura, inclusive à conclusão das suas memórias, iniciadas em 1961.

Fonte: https://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/afonso-arinos-de-melo-franco. Acesso em: 07 jul. 2024.

Concebemos tais estruturas como recursos linguísticos que, além de associarem categorias lexicais, morfossintáticas, semânticas e discursivas, permitem ao enunciador figurar predicações com relação à delimitação de tempo dêitico e à perspectivação de fase de início/desenvolvimento/consecução/término de um estado de coisas e, assim, imprimir seu ponto de vista ao que fala ou escreve nos processos enunciativos de construção de efeitos de sentido.

SUMÁRIO

Tratamos de dados dessa construção com base em pesquisa observacional empírica quali-quantitativa e nos valendo de certos constructos teóricos que pertencem à esfera do Socioconstrucionismo (Machado Vieira; Wiedemer, 2020; Wiedemer; Machado Vieira, 2018a). Essa esfera teórico-metodológica articula, principalmente, pressupostos da Sociolinguística e da Gramática de Construções (GC) para lidar com o fenômeno de variação como inerente à língua e representar gramaticalmente suas potencialidades de instanciação em termos de pareamentos forma-função. Em consequência, focalizam-se tipos de variantes, quando tratamos de lidar com o licenciamento de usos com relação de similaridade no âmbito da rede de construções, que caracteriza a gramática de uma língua. Esses tipos são: (i) variação por aloconstruções e metaconstrução (Wiedemer; Machado Vieira, 2018a); (ii) variação por semelhança simbólica (Machado Vieira; Wiedemer, 2020); e (iii) variação por paradigma/padrão discursivo (Wiedemer; Machado Vieira, 2022; Machado Vieira; Wiedemer; Cavalcante, 2024).

Temos uma meta de ordem teórico-explicativa e outra descritiva. Por um lado, objetivamos, por meio desta pesquisa, desenvolver alguns conceitos teóricos (interconectados) e modo de análise condizente com esses conceitos na abordagem socioconstrucionista: granularidade do alinhamento por similaridade ou proximidade e da diferenciação a partir de atributos formais e funcionais; representação de construções com semântica relativa ao eixo início-meio-fim de delimitação no espaço temporal da organização textual-discursiva. Por outro lado, nosso propósito é colaborar para a descrição do que é sistemático na língua, para a explicitação de padrões construcionais de conexão que integram o conhecimento linguístico de usuários do PB e geralmente não estão visíveis ou descritos como recursos gramaticais.

Esse encaminhamento se pauta nestes pontos de partida, nossas questões: (i) Como se apresenta gramaticalmente a relação de construções circunstanciais de fases na delimitação temporal

SUMÁRIO

("início-curso-fim da linha temporal")? e (ii) Como a noção de "Filler-Slots" (preenchimento de *slots*) contribui para mapear espaços aspectuais envolvidos nessa relação?

2. "COM O DESENROLAR DO" ENQUADRAMENTO TEÓRICO-EXPLICATIVO, NOSSO PONTO DE PARTIDA

Uma das preocupações no âmbito da pesquisa construcionista é compreender as diferentes associações das construções em um *constructicon*. Sobre esse tema, Diessel (2020, 2023) indica que existem cinco tipos de associações (taxonômicas, sequenciais, simbólicas, preenchimento de *slots* e horizontais). Nesse contexto, vamos centrar nossa atenção na associação "Filler-Slots", que vamos traduzir como "preenchimento de *slots*". Entendemos que essa associação conecta os *slots* dos esquemas de construção com determinados preenchimentos lexicais ou frasais (cf. Diessel, 2023).

De acordo com Wasserscheidt (2019), o *slot* pode ser constituído por elementos subespecificados, representando espaços nas construções esquemáticas que podem ser preenchidos por unidades linguísticas. Nesse sentido, o *slot* compõe a estrutura complexa da construção e sua constituição é menos fixa. Ainda sobre o assunto, Bybee (2013, p. 57) esclarece que "um *slot* esquemático em uma construção pode consistir em uma lista de todos os itens que ocorrem nesse *slot* (como previsto por um Modelo de Exemplares) ou pode ser considerado um conjunto de características semânticas abstratas que restringem o *slot*, como normalmente é proposto"[14].

14 Cf. original: "A schematic slot in a construction might consist of a list of all the items that have occurred in that slot (as predicted by an exemplar model), or it might be considered a set of abstract semantic features that constrains the slot, as usually proposed" (Bybee, 2013, p. 57).

SUMÁRIO

Com isso, compreendemos que, apesar de ser um espaço a ser preenchido, o *slot* não pode ser considerado uma estrutura vazia, uma vez que carrega um conjunto de valores/atributos que restringem suas possibilidades de preenchimento. Essas especificações podem ser fonológicas, morfológicas, semânticas e pragmáticas e atendem a um *Princípio da Coerção*, conforme já indicado em Wiedemer e Machado Vieira (2018b, p. 83): "força de atração ou repulsa destes em relação a um *slot* construcional ou de um *slot* construcional em combinação com outro(s) por conta de propriedades formais e/ou funcionais partilhadas entre as possibilidades de preenchimento do *slot* na construção e as restrições deste". Assim, a coerção é um fenômeno relacionado ao significado não-composicional e complexo das construções (cf. Edressen; Janda, 2020).

Assim, toda construção (esquemática) inclui pelo menos um *slot* associado a uma classe lexical e/ou frasal. Dessa forma, essa relação é analisada em termos de categorias de correspondência (*matching*) (cf. Goldberg, 1995), o que é representado pelo *Princípio de Coerência Semântica* de Goldberg (1995, 2006), que "implica que os papéis participantes do verbo e os papéis argumentais da construção devem ser semanticamente compatíveis"[15] (Goldberg, 2006, p. 40). Porém, conforme demonstrado por Diessel (2023), diversas pesquisas apontam que as construções de estrutura argumental estão repletas de idiossincrasias lexicais que não são previsíveis a partir de critérios semânticos e, independentemente de qualquer critério semântico, os falantes associam determinados verbos a determinadas construções com base em sua experiência de uso, ou seja, em elementos da situação interacional, da pragmática que se estabelece nessa interação, de aspectos além do eixo formal-semântico – geralmente o que sobressai no processo de apreensão de estruturas de participantes/argumentos. Um dos exemplos citado pelo autor é o caso de *open*, que pode ser usado com um verbo incoativo

15 Cf. original: "ensures that the participant roles of the verb and the argument roles of the construction must be semantically compatible" (Goldberg, 2006, p. 40).

SUMÁRIO

na construção intransitiva e como verbo causativo na construção transitiva – *The door opened*, *He opened the door* (Diessel, 2023).

Com isso, devemos direcionar nossa atenção de pesquisa para encontrar evidências sobre o "preenchimento de *slots*", isto é, orientar também nossa atenção pela experiência dos usuários com determinados lexemas. O efeito de frequência lexical se mostra uma alternativa tanto para capturar a compatibilidade semântica de determinados lexemas e *slots* quanto para considerar a experiência dos usuários com padrões específicos de (co)ocorrência de lexemas e construções (cf. Diessel, 2023). Assim, avaliar o "preenchimento de *slots*" e a construção implica olhar também para a produtividade (cf. Goldberg, 2019). Sobre as propriedades da produtividade, Barðdal (2006) indica *generalidade*, *regularidade e extensibilidade*[16]. Por essa razão, "se pensamos em construções como redes, frequências de tipo e de ocorrência podem ser modeladas por relações do tipo preenchimento-*slot*"[17] e "quanto mais preenchimentos lexicais estão ligados a um *slot* particular, e quanto mais fortes são as conexões associativas entre eles, maior é a produtividade de tal *slot*"[18] (Diessel, 2023, p. 33).

Evidências empíricas (Divjak; Gries, 2008) apoiam a existência de correlatos mentais de *cluster* lexicais. A análise de *cluster* agrupa observações (ou seja, cria perfis) para maximizar a homogeneidade *dentro* do *cluster* e *a heterogeneidade entre* os *clusters*

16 A autora explicita que os padrões mais regulares (regularidade) em uma língua são geralmente também os padrões mais gerais (generalidade). Assim, essas duas propriedades são frequentemente concomitantes entre si. O padrão mais regular é também aquele que é mais extensivo a itens novos ou existentes em uma língua, assim, o padrão mais extensível (extensibilidade) é geralmente o padrão mais regular (regularidade), sendo, portanto, concomitantes entre si. Já o padrão mais geral é geralmente também o padrão mais extensível (extensibilidade), enquanto os padrões extensíveis não precisam ser os mais gerais. Ao leitor interessado em aprofundar essas questões, indicamos a leitura de Barðdal (2006, 2008) e Wiedemer; Oliveira (2019).

17 Cf. original: "if we think of constructions as networks, type and token frequency can be modeled by filler-slot relations" (Diessel, 2023, p. 33).

18 Cf. original: "the more lexical fillers are linked to a particular slot, and the stronger the associative connections between them, the higher is the productivity of that slot" (Diessel, 2023, p. 33).

SUMÁRIO

(Aldenderfer; Blashfield, 1984; Everitt *et al*., 2011). Para avaliar a homogeneidade/heterogeneidade, todas as análises de *cluster* consideram medidas de dissimilaridade/similaridade (Migliore; Rossi-Lamastra, 2023). Essas associações refletem de alguma maneira o significado construcional entre padrões sintáticos e elementos lexicais (Stefanowitsch; Gries, 2003).

3. "NO DECORRER DA" PESQUISA EMPÍRICA, MATERIAIS E METODOLOGIA

A primeira etapa da metodologia diz respeito à definição da amostra de dados sob estudo empírico. Ela foi constituída a partir de acervos do PB listados no gerenciador de *corpora Sketch Engine* (https://www.sketchengine.eu/): *Portuguese Web 2020* (ptTenTen20). Nesse banco de dados, selecionamos ocorrências produzidas em sites brasileiros, filtrando, na potencialidade do conteúdo, os que terminavam em "br" (via ferramenta *Text types* > *Top-level domain*).

A segunda etapa diz respeito à codificação que se deu a partir de propriedades formais observáveis do esquema [**Prep1 + V**$_{\text{infinitivo de aspecto de fase (inceptivo/cursivo/terminativo)}}$ **+ Prep2 + UT**$_{\text{(SN Temporal/Num)}}$].

Para chegar a esse padrão, tomamos as seguintes decisões metodológicas: (i) realizamos uma busca mais esquemática, apenas com as categorias funcionais presentes na construção, a fim de apreender o fenômeno de maneira mais ampla e elencar critérios para um refinamento dos dados; (ii) excluímos os dados iniciados com a preposição "para (ou pra)" no primeiro *slot* (Prep1) porque essa configuração pode ser associada ao significado "direção/meta"/"-direção/propósito"[19] (cf. Wiedemer, 2013); (iii) também não foram

19 Ex.: Os servidores aproveitaram a oportunidade para sanar suas dúvidas em relação à gestão e ao cenário que está se configurando, além de trocarem experiências e ideias *para o decorrer do ano*. Fonte: https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/2019/05/14/pre-recebe-visita-do-reitor-e-vice-reitor-da-ufsm. Acesso em: 15 jul. 2024.

considerados os dados com "pelo (a) (s)" no terceiro *slot* (Prep2), pois o significado da preposição "por" pode indicar "passagem, através de, ao longo de". Além disso, a associação dessa preposição com verbo no infinitivo atribui à construção um significado causal[20]; (iv) também excluímos os casos com verbo após a segunda preposição para evitar dados em que o verbo da construção fosse um auxiliar[21]; e (v) descartamos os *tokens* em que a construção era complemento de seu termo anterior[22] a fim de operarmos apenas com as ocorrências de hipotaxe com mobilidade posicional.

Formuladas essas restrições na coleta dos dados, passamos à projeção/especulação de verbos potencialmente associados a fases do desenvolvimento de um estado de coisas. Consideramos, para os propósitos desta pesquisa, os seguintes verbos para cada fase aspectual indicada pela construção, a saber: "iniciar", "principiar" e "começar" na indicação do começo de um evento/estado; "decorrer", "desenrolar" e "passar" na indicação do curso de um evento/estado; e "finalizar", "acabar" e "findar" na indicação do fim de um evento/estado. Utilizando a codificação disponível no *Sketch Engine* para as buscas, pudemos chegar ao seguinte script: [tag = "S.*" & !lemma = "para" & !lemma = "pra"][word = "iniciar"][tag = "S.*" & !word = "pelo" & !word = "pelos" & !word = "pela" & !word = "pelas"][!tag = "V.*"][23], em que o segundo *slot*, aqui preenchido com o verbo "iniciar", foi alterado em cada rodada, conforme os verbos anteriormente listados.

20 Ex.: Os calçados avaliados são eficientes em reduzir o impacto durante a marcha *por atrasar em média 1 s* o tempo em que o PPF foi atingido, reduzir o IPF e a TAP nos primeiros 30% do PPF. Fonte: https://www.scielo.br/j/rbefe/a/GPwN4rz3MD3gnYqrVHtWpsP/?lang=pt. Acesso em: 15 jul. 2024.

21 Ex.: *Além de passar a funcionar 24 horas*, a biblioteca da Face será beneficiada com um projeto de recuperação e ampliação do seu acervo, que também será lançado em 1º de setembro. Fonte: https://www.ufmg.br/boletim/bol1622/3.shtml. Acesso em: 15 jul. 2024.

22 Ex.: Os selecionados realizarão o curso de formação previsto *para iniciar no dia 6 de maio*. A formação de agentes temporários visa capacitar civis para a execução de trabalhos nas Centrais Regionais. Fonte: https://estado.sc.gov.br/noticias/oportunidade-abertas-as-inscricoes-para-agentes-temporarios-da-pmsc/. Acesso em: 15 jul. 2024.

23 O significado dos códigos pode ser conferido em: https://www.sketchengine.eu/guide/.

SUMÁRIO

Já na terceira etapa metodológica, observamos a frequência de ocorrências dos elementos presentes nesses *slots*. Após isso, avaliamos as combinações possíveis. Em outras palavras, a distribuição de cada verbo é caracterizada por um vetor de porcentagens que representa a frequência com que um verbo específico (co)ocorre com cada preposição.

Por fim, na quarta etapa de análise, utilizamos a *análise colexêmica simples*, em que observamos as relações entre lexemas e o *slot* específico de uma construção. Além disso, combinamos a *análise colexêmica simples* e a *análise colexêmica distintiva*, em que avaliamos a relação entre a frequência do lexema no *corpus* e a frequência de ocorrências do lexema e a construção individual.

Partimos, nesse quadro, das seguintes questões:

(i) Quais as possibilidades de preenchimento da Preposição1, Preposição2 e da UT (unidade lexical)?

(ii) Há reforço na delimitação de fase de tempo ou na noção mais ampla de tempo advindo de outra expressão circunstancial de tempo da unidade lexical V_{inf}?

(iii) Há afinidade entre a Preposição1 ou Preposição2 e a fase aspectual do verbo?

Tais questões estão associadas a estas hipóteses de trabalho:

(i) Há expectativa de variantes preposicionais que, por sua vez, podem se mostrar mais ou menos frequentes. Uma, entre outras possibilidades de preenchimento, é o enquadramento temporal-discursivo por meio do recurso à UT. Acreditamos que o caráter estático ou durativo da preposição contribui com a força de coerção da construção.

SUMÁRIO

(ii) Há reforço na delimitação de fase de tempo e na noção mais ampla de tempo advindo de outra expressão circunstancial de tempo da unidade lexical V_{inf}. Dada a atuação da coerção, o verbo, embora durativo, possivelmente apresente, composicionalmente, uma noção pontual, tendo uma de suas fases selecionada.

(iii) Algum grau de relação de afinidade/compatibilidade entre a Preposição1 ou Preposição2 e o tipo semântico do verbo é esperado, de modo a articular, de maneira mais imediata, pontualidade/duratividade no polo funcional da construção.

4. NO TRANSCORRER DA ANÁLISE, QUANDO OBSERVAMOS O COMPORTAMENTO E A CONFIGURAÇÃO DAS EXPRESSÕES TEMPORAIS NA AMOSTRA

Aqui, trabalhamos com noções de tempo interno/não dêitico e tempo externo/dêitico e, por conseguinte, com a inter-relação das categorias de temporalidade e aspectualidade. O termo interno tem relação com onde se centra a perspectivação no curso de um estado de coisas. Segundo Travaglia (2016), um retrato do português, no que diz respeito à presença de noções aspectuais, pode ser pensado em termos de: (i) duração (duração ou pontualidade) e (ii) fases (de realização, de desenvolvimento ou de completamento). Dessa tipologia, destacamos, principalmente, as fases de desenvolvimento, que especificam o início (aspecto inceptivo), o meio (aspecto cursivo) ou fim da ação (aspecto terminativo). Segundo o autor, as fases de início e fim podem denotar um ponto determinado ou momentos (iniciais ou finais, respectivamente). Essa característica pode ensejar um *continuum* "pontualidade...duratividade" no significado global dessa construção.

SUMÁRIO

Conforme já anunciamos, limitamos, nesse levantamento de dados, o preenchimento do slot V_{inf} à condição de preenchimento por verbo simples (*iniciar*, *principiar*, *começar*, *decorrer*, *desenrolar*, *passar*, *finalizar*, *acabar* e *findar*) com ênfase numa destas fases de desenvolvimento de uma delimitação de tempo: inicial, medial ou final; em outras palavras, aspecto inceptivo, cursivo ou terminativo (representação de graus de efetivação de um estado de coisas). Porém, reconhecemos modos diferentes de um enunciador figurar espacialmente o tempo com que enuncia predicações, a partir de padrões construcionais que envolvem diferentes configurações linguísticas associadas ao tempo.

Nossa primeira etapa de análise recai sobre a *análise colexêmica simples*, em que observamos as relações entre lexemas e o *slot* específico de uma construção. Aqui, observamos a frequência de todas as ocorrências do verbo e todas as combinações no *corpus*, bem como a frequência de ocorrências das combinações possíveis entre lexemas e *slots* da construção [Prep1 + $V_{\text{infinitivo de aspecto de fase (inceptivo/cursivo/terminativo)}}$ + Prep2 + UT($_{\text{SN Temporal/Numeral}}$)]. Inicialmente, observamos a frequência (*tokens*) de alguns verbos indicadores de fase aspectual no *corpus*, no qual consideramos todas as configurações verbais.

Tabela 01 – Frequência *token* das unidades lexicais no *corpus Portuguese Web* 2020

	Verbos	Frequência no *corpus*	Frequência por milhão	Percentagem do *corpus* total
Inceptivo	iniciar	1,566,913	105.24	0.01052%
	principiar	44,970	3.02	0.0003020%
	começar	3,894,226	261.56	0.02616%
Cursivo	decorrer	276,384	18.56	0.001856%
	desenrolar	49,447	3.32	0.0003321%
	passar	7,034,165	472.45	0.04725%
Terminativo	finalizar	514,561	34.56	0.003456%
	acabar	2,323,622	156.07	0.01561%
	findar	25,667	1.72	0.0001724%
Número de tokens: 14,888,656,035.				

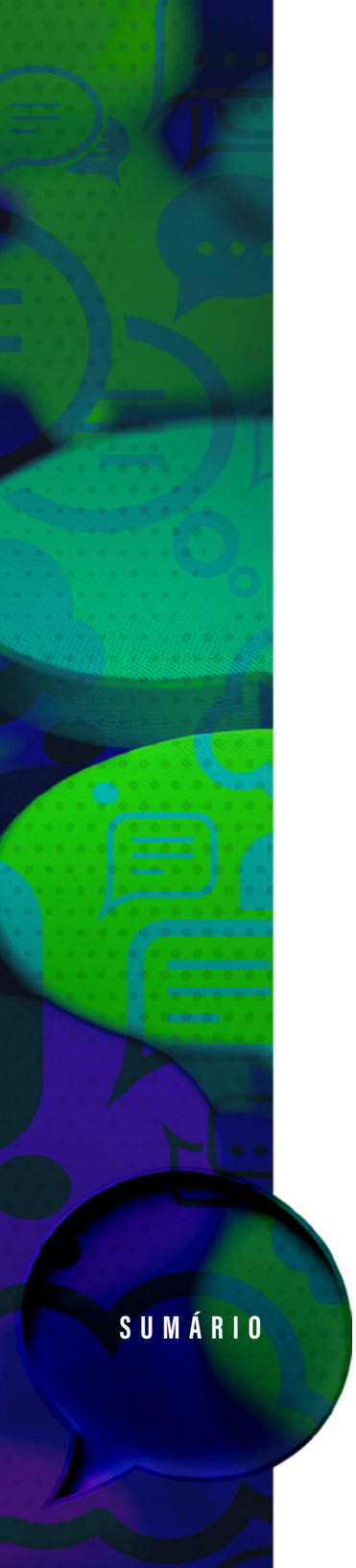
Fonte: elaborada pelos autores.

SUMÁRIO

Ao observarmos os resultados dispostos na tabela 01, é evidente uma distribuição distinta de usos dos verbos aqui analisados. Essa diferença na frequência pode refletir a preferência por determinados verbos em contextos específicos e a presença de micro-construções variadas que influenciam o uso desses verbos. Atributos como a semântica do verbo, bem como a morfologia dele expressa com relação ao peso do número de sílabas, entre outros, podem contribuir para essas variações. Por exemplo, o verbo "desenrolar" é utilizado predominantemente em expressões narrativas, como "no desenrolar da história" ou "no desenrolar da situação". Em contraste, "decorrer" é mais frequentemente associado a expressões de tempo, como "no decorrer do dia" ou "no decorrer do ano", o que está no foco da nossa análise. Acreditamos que essa diferença, por exemplo, ocorra em função da semântica de "desenrolar", que geralmente se refere à progressão ou ao desenvolvimento de ações mais concretas e físicas ou a processos que se desenvolvem ou se desdobram no tempo. Além disso, em "desenrolar" o movimento é figurativo. Apesar dessa diferença de seleção da UT, o verbo "desenrolar" está relacionado ao aspecto durativo e progressivo de uma ação, o que o aproxima das demais unidades verbais. Já com "decorrer", cuja etimologia está associada a "passar, escoar-se (o tempo), suceder, acontecer" (Cunha, 2010, p. 201), a força de atração dos *slots* temporais para junto de si confirma seu significado. Esses resultados são ainda mais justificáveis quando os contrastamos com classificações com a de Borba (2002), que analisa o verbo "decorrer" no eixo "processo...estado", enquanto o verbo "desenrolar" opera no eixo "ação... processo". Essas diferenças nas frequências dos verbos oferecem *insights* sobre as preferências linguísticas e as variações no uso de diferentes verbos em um *corpus* específico.

Para Diessel e Hilpert (2016), a frequência, além de fortalecer as representações cognitivas na memória, reforça as associações entre os elementos. Isto é, afirmam os autores, quanto maior a frequência com que elementos são usados juntos, maiores são suas

SUMÁRIO



SUMÁRIO

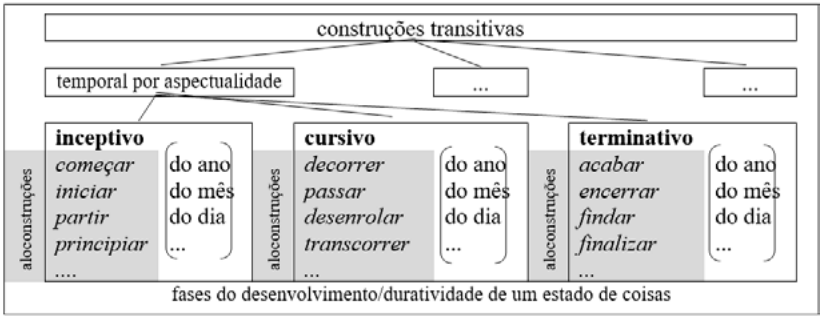
conexões na memória, o que leva ao mecanismo psicológico da automatização ou entrincheiramento. Para Wiedemer e Machado Vieira (2018b, p. 111), "uma vez entrincheirados, esses esquemas são mais facilmente ativados, com menor esforço cognitivo e, portanto, têm maior probabilidade de serem repetidos". Isso quer dizer que, dado o caminho cognitivo construído a partir de experiências anteriores com construções da língua, a seleção de determinados itens lexicais contribui para a força de atração/repulsa para o preenchimento de outros *slots* na mesma construção e que os elementos entrincheirados em uma construção são mais propensos à repetição também juntos.

Além disso, os verbos aqui analisados demarcam uma fase do desenvolvimento/duratividade de um estado de coisas. Sobre isso, retomamos Castilho (2002), que descreve o aspecto a partir do ponto de vista léxico-semântico (*Aktionsart* do verbo), semântico-sintático (composicional) e discursivo. Ou seja, o aspecto pode ser analisado quanto à carga lexical inerente do elemento que o veicula, quanto à articulação com outros recursos linguísticos ou quanto à sua funcionalidade discursiva. Em sua tipologia, o autor distingue uma face qualitativa e uma face quantitativa do aspecto. Aqui, Interessa-Nos a primeira delas, que distingue o imperfectivo (inceptivo, cursivo, terminativo), frequentemente atélico, do perfectivo (pontual, resultativo), costumeiramente télico, com suas respectivas subdivisões. Para Ilari e Basso (2014), a distinção télico/atélico pode ser confirmada pelo teste de inserção de adjuntos como "em X tempo", que se combinam melhor com predicadores télicos, já que medem o tempo do início ao fim do processo de completamento da ação. Quanto à testagem dos durativos/não durativos, os autores sugerem a aplicação de "por X tempo", geralmente incompatível com os pontuais. Havendo compatibilidade, o adjunto não medirá a duração do processo, mas o tempo mediado entre um fato de referência e a finalização momentânea do processo.

Para Ilari e Basso (2014), o termo "tempo" pode apontar para uma localização cronológica ou para as flexões do verbo. Num sentido mais geral, os autores defendem o uso de "referência temporal", que situa os eventos em uma linha cronológica. Nesse caso, um evento é situado como anterior, simultâneo ou posterior a outro momento, que pode ser outro evento ou o próprio momento da fala. Ainda segundo os autores, enquanto a referência temporal é essencialmente dêitica, há distinções aspectuais, que apontam "à constituição interna do processo, à existência de fases, com a possibilidade de valorizar ou não uma dessas fases" (Ilari; Basso, 2014, p. 171).

Dessa forma, além dos verbos aqui analisados, poderíamos ter outros verbos de fase inceptiva, cursiva ou terminativa, que poderiam participar da CRTFA, conforme ilustrado no esquema 01, a seguir.

Esquema 01 – Representação das aloconstruções das fases do desenvolvimento de um estado de coisas



Fonte: elaborado pelos autores.

No esquema 01, temos a representação das construções transitivas em termos de sua aspectualidade temporal (*inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*). Cada fase é exemplificada por aloconstruções específicas que capturam as diferentes fases do desenvolvimento/duratividade de um estado de coisas, permitindo observar as variações que ocorrem em diferentes fases aspectuais. Além disso, o esquema mostra como variados verbos podem ser utilizados para

SUMÁRIO

expressar nuances temporais específicas dentro de um contexto maior. A representação também destaca a inter-relação entre a temporalidade e a escolha lexical, permitindo perceber o uso lexical e a variação de construções. Cada verbo, a depender de sua carga lexical inerente, atuando na construção, gerencia a ativação dos *slots* que lhe são afins, contribuindo para a existência de (dis)similaridades no que tange à variação construcional.

Pesquisas futuras podem investigar a interação desses verbos e verificar quais atributos motivam determinadas escolhas. No momento, estamos apontando para diferentes possibilidades de preenchimento, bem como para a interação entre as construções. Essas investigações podem revelar padrões subjacentes que orientam a seleção de verbos em contextos específicos.

Como se sabe, no arcabouço da GC, o *constructicon* prevê unidades lexicais e gramaticais. Assim, qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes (Goldberg, 2003). Com isso, passamos a observar a frequência dos verbos relacionados ao esquema Prep1 + V_{inf} + Prep2.

Tabela 02 – Frequência no esquema [Prep1 V_{inf} Prep2]

	Prep1+ V_{inf} + Prep2	Frequência no *corpus*	Frequência por milhão	Percentagem do *corpus* total
Inceptivo	iniciar	2,686	0.18	0.00001804%
	principiar	62	0	0.0000004164%
	começar	15,302	1.03	0.0001028%
Cursivo	decorrer	123,742	8.31	0.0008311%
	desenrolar	5,780	0.39	0.00003882%
	passar	73,550	4.94	0.0004940%
Terminativo	finalizar	1,229	0.08	0.000008255%
	acabar	23,817	1.6	0.0001600%
	findar	531	0.04	0.000003566%
Número de tokens: 14,888,656,035.				

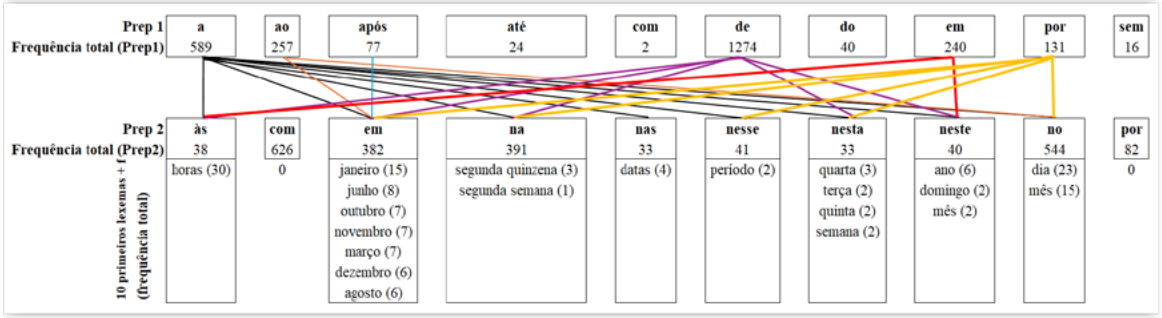
Fonte: elaborada pelos autores.

Ao observarmos os resultados, inicialmente, é perceptível, na construção aqui analisada, que "decorrer" é mais frequente que "passar", o que indica que "decorrer" é preferido em construções com [Prep1 V_{inf} Prep2], enquanto "passar" é mais utilizado em outras construções, como em '*Ele passou na casa da namorada*'. Essa relação entre observar a frequência do lexema no contexto de uso geral e no contexto de uso na construção aqui analisada confirma o que é apontado por Barðdal (2006, 2008), segundo o qual os padrões extensíveis não precisam ser os mais gerais. Isso parece indicar que o verbo *passar* apresenta generalidade e regularidade em diversas construções, mas, quando associado à construção aqui em tela, sua produtividade é baixa quando comparado aos demais verbos. Em relação aos demais, há uma manutenção da diferença de frequências semelhante à tabela 01.

Nossa segunda análise combina a *análise colexêmica simples* e a *análise colexêmica distintiva*: numa, avaliamos a relação entre a frequência do lexema no *corpus* e a frequência de ocorrências do lexema e a construção individual; na outra, comparamos a força de atração de lexemas a um *slot* de duas ou mais construções. Para esta etapa de análise, vamos considerar os dez (10) lexemas mais frequentes do *slot* (Prep1) e (Prep2), bem como avaliar a interação entre as preposições no esquema Prep1 + V_{inf} + Prep2. Além disso, avaliamos a frequência da UT a partir dessa seleção. Para tal, vamos considerar a análise de um exemplar de cada fase aspectual "iniciar", "decorrer" e "findar" para ilustrar. Com isso, buscamos traçar um perfil de uso da CRTFA.

SUMÁRIO

Esquema 02 – Correlação entre frequência de lexemas do Prep1/V_{inf}/Prep2/UT mais frequentes na construção com o verbo "iniciar"



Fonte: elaborado pelos autores.

Ao observarmos o esquema 02, temos a frequência de usos das prep1 e pre2, considerando as dez mais frequentes no *corpus*. Além disso, analisamos a correlação entre a frequência dos lexemas na UT e as preposições, bem como a correlação desses com as preposições. Por exemplo, no enunciado "ao iniciar em janeiro", avaliamos a prep1 "a", a prep2 "em", a UT "janeiro", e a interação entre prep1 e prep2, em que temos o seguinte padrão [Prep1(a) V(iniciar) Prep2(em) UT(janeiro)].

Quando centramos a atenção na prep1, temos uma maior frequência de uso das preposições "a", "de", "em", "por". Já quando observamos a prep2, notamos a predominância da preposição "em" e suas formações "nesse", "nesta", "neste", "no", "na". Ao correlacionarmos essas preposições com os lexemas da UT, encontramos predominantemente a ocorrência de indicação de meses (janeiro, junho...) com a preposição "em" e "por" e de dias da semana (quarta, terça...) com a preposição "em" + pronome "esta" (nesta). Acreditamos que essa diferença no uso das prep1 se deva à semântica do SN. Quando se trata da marcação de um período com meses, a preposição "de" marca o início de um período, que também pode ser exercido pela preposição "a".

SUMÁRIO

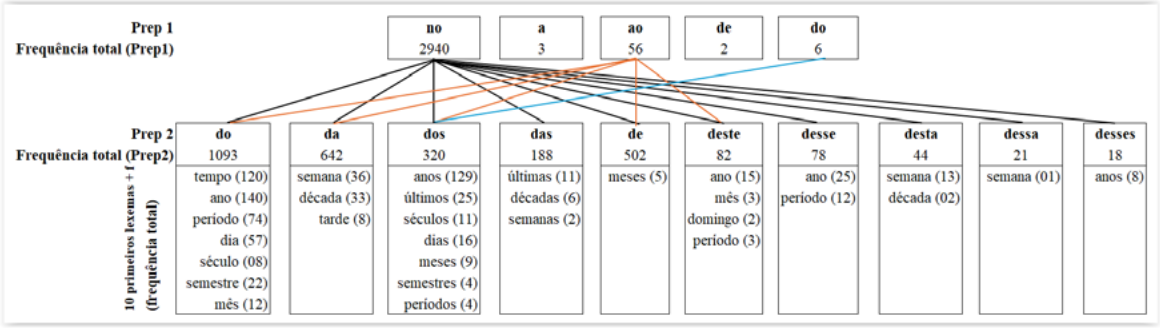
Em contrapartida, ao se referir a dias de semana, a preposição "em" pontua a ação e destaca o dia específico em que a ação ocorre. Além disso, temos o reforço do dêitico pronominal, que colabora para essa pontualização. Por outro lado, apesar da alta frequência das preposições em prep1, quando observamos a correlação com prep2, mais especificamente os casos com "nesta", a maioria dos casos são de completivas, as quais descartamos de nossa análise. Em pesquisas futuras, essa distinção de uso em construções completivas poderá ter melhor aprofundamento. Acreditamos que isso seja decorrente da oração completiva que está desenvolvida em forma de infinitivo ("de iniciar"), que é uma estrutura comum após verbos que expressam permissão, autorização, entre outros. Vejamos um exemplo, a seguir:

(4) "E participarão de duas etapas presenciais: entrevistas individuais e atividades em grupo. O programa tem previsão *de iniciar em janeiro de 2017*. Para se inscrever e adquirir mais informações acesse o site oficial: www.alcoa.com.br".

Fonte: https://www.douranews.com.br/noticias/dourados-comeca-campanha-contra-influenza-com-20-mil-doses-de-vacina/115069/?tmpl=component&print=1. Acesso em: 07 jul. 2024.

Passamos aos resultados relativos ao verbo "decorrer", conforme o esquema (03).

Esquema 03 – Correlação entre frequência de lexemas do Prep1/$V_{infinitivo}$/Prep2/UT mais frequentes na construção com o verbo "decorrer"



Fonte: elaborado pelos autores.

SUMÁRIO

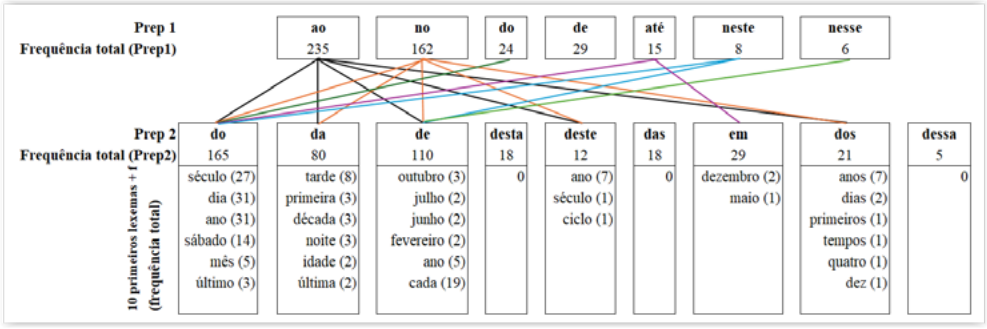
Ao observarmos os resultados de uso do verbo "decorrer" em relação à frequência de uso da prep1 e prep2, temos um resultado quase que categórico. Em relação à prep1, temos 2940 dados de uso de "no" em relação a 3 mil dados (97%) analisados. Já em relação à prep2, encontramos categoricamente a preposição "de" e suas formações ("do", "da", "dos", "das", "deste" etc.). Além disso, temos uma frequência maior de UTs. Acreditamos que essa maior coerção das preposições seja decorrente de um "equilíbrio semântico", em que temos, de um lado, de indicar a duratividade e, por outro lado, a pontualidade. Vejamos, na figura 1, exemplos de usos (*constructos*).

Figura 1 – Constructos [no decorrer do ano/período]

Left Context	Hit	Right Context
mbó "Essas Feiras são a consagração dos trabalhos realizados	no decorrer	do ano letivo, onde professores e alunos apresentam
lo Paulo prevê continuidade do trabalho nessas comunidades	no decorrer	do ano de 2004, por meio das seguintes ações:
na Bauer, essa Feira é a consagração dos trabalhos realizados	no decorrer	do ano letivo. "O mérito do sucesso da
Ciências da Saúde da Universidade de Brasília e desenvolvido	no decorrer	do ano de 2007 em Santa Maria, uma cidade
autarquias e empresas públicas visitem as agências regionais	no decorrer	do ano para conhecerem de perto a realidade
hadores por motivo de doença (CID 10) que geraram licenças	no decorrer	do ano da investigação. As variáveis independentes:cargo,
que o acompanhou ao longo de sua carreira no DCTA. "	No decorrer	do período em que trabalhei com o Brigadeiro
que o assessorou durante todo período na Direção do IAE. "	No decorrer	do período em que trabalhei com o Brigadeiro
pesquisa e os meios de aprimorar o PCDCh dos municípios.	No decorrer	do período de quatro anos, foram totalizadas 776 capturas,
se as avaliações, em junho de 2008, junto à poda invernal.	No decorrer	do período experimental, as plantas foram cuidadosamente a
as folhas, adotando-se o método proposto por Metha (1978).	No decorrer	do período experimental, foram obtidos os seguintes dados:
láveis que influenciam na qualidade organoléptica da manga.	No decorrer	do período de armazenamento, a relação SS/ATT

Fonte: Software AntConc.

Esquema 04 – Correlação entre frequência de lexemas do Prep1/$V_{infinitivo}$/Prep2/UT mais frequentes na construção com o verbo "findar"



Fonte: elaborado pelos autores.

SUMÁRIO

Em relação aos resultados do esquema 04, temos uma preferência de uso das preposições "a" (ao) e "em" em Prep1 e da preposição "de" e suas formações em Prep2, semelhante aos resultados do esquema 03. Apesar de ser o verbo com menor frequência de uso, quando observamos seu uso na CRTFA, ele apresenta alta correlação de uso.

Ao observarmos os resultados até aqui empreendidos, percebemos que a construção apresenta um caráter de duratividade (*inceptivo*, *cursivo*, *terminativo*), além de sinalizar um aspecto composicional, em função da UT. Isso significa que podemos aplicar uma distinção entre o aspecto inerente do verbo e o aspecto composicional resultante da interação dos lexemas na construção. A duratividade indica uma continuidade no tempo, enquanto o aspecto composicional revela como diferentes UTs se combinam para formar um significado específico.

Além disso, há um *continuum* entre pontualidade e duratividade na construção analisada. Esse *continuum* pode ser observado em como diferentes verbos e construções gramaticais expressam nuances temporais. Em nossos dados, por exemplo, "terminar" em "terminar do ano" sugere um ponto específico no tempo, mas, quando inserido em um contexto como "no terminar do ano", passa a indicar uma duratividade, englobando um período que antecede e acompanha o final do ano.

Como se percebe, as construções aqui em tela são semi-esquemáticas, pois, a partir da similaridade perceptiva e da extração de partes estáveis (correspondentes, neste caso, aos *slots* "variáveis"), ocorre o requisito de que todas as construções instanciadas devem ter pelo menos um "item/parte" em comum. Por outro lado, temos uma semelhança relacional, ou seja, as diferentes construções aqui desempenham um mesmo papel por semelhança simbólica (correspondente, neste caso, a CRTFA) em uma série de enunciados, o que promove a esquematização. Como resultado, temos a formação de construções baseadas em itens (ou ilhas construtivas), conforme Perek (2015).

SUMÁRIO

Além disso, podemos pressupor que a frequência de determinado lexema em um *slot* específico (ou seja, frequência simbólica) promove o entrincheiramento (Schmid, 2020). Isso se soma à semântica desse lexema, que desempenha um papel importante, pois a possibilidade de usar um item novo em uma construção, por exemplo, depende de seu grau de semelhança semântica com usos anteriores (ver Goldberg, 2019). Assim, observando os resultados aqui apresentados, confirmamos que o entrincheiramento de construções vai de construções específicas baseadas em itens (cf. resultados da Tabela 1) para níveis cada vez mais gerais (cf. resultados da Tabela 2 e dos esquemas 2, 3 e 4) (Tomasello, 2003; Ellis, 2013). Esses resultados confirmam, ainda, o que é proposto por Stefanowitsch e Gries (2005), que os esquemas raramente são totalmente produtivos, ou seja, completamente livres de restrições lexicais sobre os tipos de itens que podem ser preenchidos em seus *slots*, ou seja, as construções normalmente exibem produtividade parcial.

5. CONSTRUÇÃO DE REALCE TEMPORAL DE FASE ASPECTUAL (CRTFA)

O estatuto categorial da construção em tela não se resolve em termos discretos, porque ela parece se situar em um *continuum* que vai desde um adjunto adverbial a uma cláusula reduzida. Para Macambira (1971), só se pode considerar uma oração reduzida quando o verbo em forma nominal (i) expande o sujeito (como a expansão do sujeito "o sol" em "ao nascer o sol") ou (ii) quando é expandido por termos primários (objeto direto, indireto, agente da passiva ou adjunto adverbial como em "lembrar-se dos mortos", em que o verbo é expandido pelo objeto indireto "dos mortos"). Por isso, para o autor, casos como "ao amanhecer" (infinitivo não expandido, analisado como substantivo) e "ao nascer do sol" (infinitivo

SUMÁRIO

expandido por complemento nominal, e não por termo primário) não seriam orações reduzidas. Por outro lado, Rocha Lima (1988), por exemplo, dilui essas fronteiras, mostrando que um adjunto adverbial de tempo pode se expressar por meios oracionais e não oracionais. O autor, com base no critério de que a reduzida é a oração que apresenta o verbo em forma infinita/nominal, considera, por exemplo, "ao amanhecer" como oração temporal reduzida.

Comparando as duas visões, vimos que Macambira (1971) adota uma perspectiva que exige que o verbo nominal expanda o sujeito, ou seja, expandindo-o por termos primários. Em contraste, Rocha Lima (1988) foca na forma verbal nominal como critério para caracterizar uma oração como reduzida. Assim, a abordagem de Macambira (1971) enfatiza a estrutura sintática e as relações de subordinação explícitas, enquanto Rocha Lima (1988) adota uma perspectiva mais funcional, considerando a expressão do tempo e a forma verbal como critérios centrais. De todo modo, é nítido o caráter circunstancial da construção que analisamos, que demarca o tempo do evento apresentado na porção seguinte do enunciado. Esse caráter circunstancial colabora para a compreensão temporal e contextual do enunciado, indicando quando e sob quais condições a ação principal ocorre.

Nos termos de Halliday (2004), as construções aqui analisadas podem atuar como estruturas de realce temporal, já que há uma ampliação do que se retrata na construção oracional, operada por meio de um destaque na localização do tempo em que se dá a ação apresentada. Funcionando como satélite, localiza temporalmente o estado de coisas da cláusula que a sucede e, linearmente, apresenta uma ordenação, a princípio, livre. Segundo Halliday (2004), os principais papéis de transitividade são: processos, participantes e circunstâncias. Os processos codificam ações, eventos, relações entre entidades, crenças ou sentimentos. Os participantes são as entidades que participam dos processos e, normalmente, têm a forma de sintagmas nominais, que são os argumentos. Já as circunstâncias consistem em informações extras relacionadas aos processos.

SUMÁRIO

Quanto às relações semântico-funcionais, Halliday (2004) indica dois tipos gerais: (i) expansão e (ii) projeção, sendo "Expansão: a cláusula secundária expande a cláusula primária por meio de elaboração, extensão ou realce. Projeção: a cláusula secundária é projetada através da cláusula primária, o que a instancia como (a) uma locução ou (b) uma ideia"[24] (Halliday, 2004, p. 377). Sobre a categoria "expansão", indica três subtipos:

> (1a) Elaboração: uma cláusula expande outra, elaborando-a (ou uma parte dela): "reafirmando em outras palavras, especificando com mais pormenores, comentando ou exemplificando: "isto é, por exemplo". (1b) Extensão: uma cláusula expande outra, estendendo-a para além: adicionando alguma informação nova, apresentando uma exceção, ou oferecendo uma alternativa: "e, ou". (1c) **Realce**: **uma cláusula expande outra**, **embelezando-a em torno dela**: **qualificando-a com alguma característica circunstancial de tempo**, **lugar**, **causa ou condição**: **"então**, **ainda**, **em seguida**"[25] (Halliday, 2004, p. 378, tradução e grifos nossos).

Dessa forma, o que parece ocorrer na construção analisada é que sua natureza circunstancial modifica/recorta/emoldura temporalmente o estado de coisas descrito na oração seguinte. Isso se dá em um duplo movimento: a carga lexical do verbo (iniciar, passar, findar etc.) sugere um recorte temporal da UT, que fica delimitado em apenas uma de suas fases (início, meio ou fim). Somado a isso, atua

24 Cf. original: "Expansion: the secondary clause expands the primary clause, by (a) elaborating it, (b) extending it or (c) enhancing it. Projection: the secondary clause is projected through the primary clause, which in states it as (a) a locution or (b) an idea" (Halliday, 2004, p. 377).

25 Cf. original: "(1a) Elaborating: one clause expands another by elaborating on it (or some portion of it): 'i.e., for example, viz.' restating in other words, specifying in greater detail, commenting, or exemplifying. (1b) Extending: one clause expands another by extending beyond it: adding some new 'and, or' element, giving an exception to it, or offering an alternative. (1c) Enhancing: one clause expands another by embellishing around it: qualifying it with 'so, yet, then' some circumstantial feature of time, place, cause or condition. (2a) Locution: one clause is projected through another, which presents it as a locution, 'says' a construction of wording. (2b) Idea: one clause is projected through another, which presents it as an idea, a 'thinks' construction of meaning" (Halliday, 2004, p. 378).

SUMÁRIO

composicionalmente o valor lexical da preposição (como "em", que tende a ser estática). Uma vez que a UT está devidamente cerceada em sua aplicação, toda a construção fica disponível para uma modificação ainda mais ampla, que toma por escopo a construção oracional seguinte. No entanto, a leitura pontual ou durativa do adjunto precisa ser confirmada contextualmente porque o verbo da construção, em forma infinitiva, apresenta leitura ambígua (Macambira, 1971; Cavalcante, 2017), além de ser aspectualmente neutro (Travaglia, 2016). Soma-se, ainda, o fato de que Halliday (2004) explica que as estruturas de realce podem ser finitas ou não finitas. Enquanto as finitas são introduzidas por uma conjunção subordinativa, as não finitas são introduzidas por preposição ou por um encadeador de subconjunto, tal como *quando*.

Tendo em vista a noção de realce temporal e a ordem relativamente livre da construção em foco, passemos a considerar esses aspectos na análise de alguns exemplos. Em (05), a construção em destaque constitui-se de uma cláusula hipotática temporal reduzida, em que o sujeito "a reunião da Comissão Diretora" é expandido pela forma não finita do verbo "iniciar":

(5) *Ao iniciar nesta terça-feira, dia 20, a reunião da Comissão Diretora*, o presidente do Senado, José Sarney, anunciou que a Casa lançará em maio de 2012 o portal e-cidadania, iniciativa destinada a fomentar a maior participação da sociedade no processo legislativo e na discussão dos temas em debate no Parlamento.

Fonte: https://agm.org.br/2011/12/21/senado-lanca-no-proximo-ano-portal-para-aumentar-transparencia/. Acesso em: 16 jul. 2024.

O recorte feito ao sujeito diz respeito à focalização da fase inicial da existência do referente "reunião da Comissão Diretora". Em seguida, o adjunto "nesta terça-feira" junto ao aposto "dia 20", opera uma expansão na significação do verbo, localizando-o no tempo, especificando ainda mais o sentido do sujeito. Toda essa estrutura, especificada temporalmente em mais de um nível, serve de realce

SUMÁRIO

temporal à cláusula nuclear cujo núcleo do predicado é "anunciou", ou seja, a construção de realce indica o momento em que a ação principal ocorre. Destacamos também a posição da CRTFA no início do período, na qual a anteposição da informação temporal guia o leitor (Decat, 2001; Cavalcante, 2020), preparando-o para entender o contexto e a sequência dos eventos descritos. Como analisam Neves *et al*. (2008), as orações hipotáticas de tempo, quando antepostas à oração núcleo, estabelecem a orientação temporal para os eventos expressos posteriormente. Para Cavalcante (2020, p. 50), a função de guia é uma subespecificação da função de fundo cênico e "abre o cenário dentro do qual serão relatados os eventos da nuclear". Nessas condições, a função mais geral de "moldura temporal é reinterpretada em termos de guia textual/discursiva" (Torres; Jesus; Cavalcante, 2024, p. 90).

O que se pode perceber é que, embora o verbo "iniciar" aponte para uma fase aspectual inicial em um nível de análise, ele denota pontualmente o momento do anúncio após operar composicionalmente com os outros termos que compõem essa construção. Lembramos que, para Travaglia (2016), as fases de início e fim podem ser apresentadas aspectualmente, como um ponto ou como os primeiros/últimos momentos, de maneira menos específica. A preposição "a", por exemplo, segundo Cunha e Cintra (2008), denotando situação (em oposição a movimento), pode indicar concomitância ou coincidência no tempo, análise também confirmada por Neves (2018). Isto é, o estado de coisas apresentado na cláusula reduzida (início da reunião) coincide com o narrado na nuclear (o anúncio de Sarney). Discursivamente, pode-se dizer que essa manipulação do tempo/aspecto serve para conferir mais precisão à notícia, por meio de múltiplos recortes temporais, pontualizando as ações na linha cronológica.

Já em (06), a seguir, a dupla especificação persiste, agora codificada por meio de uma construção com mais características de adjunto adverbial:

SUMÁRIO

(6) A questão dos subsídios americanos ao suco de laranja do Estado da Florida ainda não teve o desfecho esperado. Ainda não se tem uma posição certa dos órgãos responsáveis pela análise do caso, já que cabe apelação à decisão do Tribunal da Flórida, favorável ao Brasil e seus exportadores. Além disso, como as deliberações da Organização Mundial do Comércio ainda estão em fase inicial, onde estão sendo analisadas a informações referente ao caso em tela, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores, não se tem ainda um parecer final sobre o assunto. Aguardam-se que, *no desenrolar do ano de 2004*, as tratativas avancem com rapidez para que se possa chegar a um consenso sobre a taxação aos produtos cítricos brasileiros.

Fonte: https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1384/Comercio-Internacional-Conflitos. Acesso em: 16 jul. 2024.

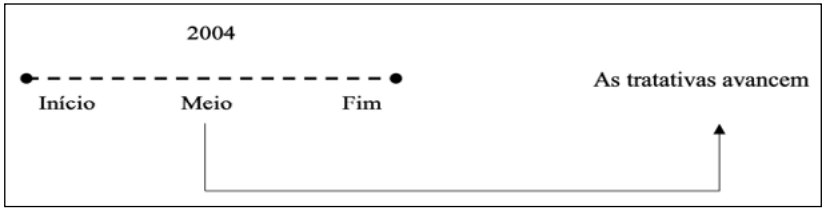
Nesse dado, o termo "ano de 2004" é focalizado em sua fase medial, sendo apresentado de forma mais durativa, sem apontar para um ponto fixo ou data específica, o que confirma, discursivamente, as incertezas em torno da taxação dos cítricos. Assim, "temos cursividade, quando a situação é apresentada em pleno desenvolvimento, isto é, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos" (Travaglia, 2016, p. 52). Essa leitura é ratificada, cotextualmente, pela presença de expressões como "ainda não teve o desfecho", "ainda não se tem uma posição certa", "ainda estão em fase inicial", "estão sendo analisadas", "não se tem um parecer final" etc. Ao contrário do dado anterior, muito mais recortado aspectualmente, o trecho que se analisa agora apresenta informações muito mais inespecíficas e, portanto, a construção sob análise denota, internamente e externamente, uma noção semântica de tempo/aspecto muito mais difusa.

Como se sabe, embora a linha do tempo seja um *continuum*, ela pode ser aspectualmente dividida em um ou mais pontos discretos. Com Givón (1995), lembramos que escalaridade e discretude se complementam. Por isso, argumentamos que o dado (06) não deixa

SUMÁRIO

de ter também uma leitura de pontualidade, guiada, sobretudo, pelo valor da preposição "em", em uso estático (Lehmann, 1992). Para Cunha e Cintra (2008), o valor de "em" em relação a uma situação (e não a um movimento), indica, entre outros valores, uma posição dentro de algum limite. Para nós, no exemplo (06), esse limite é o ano de 2004, cuja fase medial (o desenrolar) é localizada pontualmente no tempo, conforme ilustramos no esquema a seguir:

Esquema 05 – relação entre pontualidade e duratividade



Fonte: elaborado pelos autores.

É necessário também fazer algumas considerações acerca da posição que a CRTFA ocupa em relação ao seu escopo. Para tanto, vejamos os exemplos (07-09), a seguir:

(7) Para dar uma ideia, algum tanto exata, dos lugares onde, em 1867, ocorreram os acontecimentos cuja narrativa se vai ler, convém lembrar que, *ao finalizar de 1864*, havendo o Paraguai atacado e invadido, simultaneamente, o Império do Brasil e a República Argentina, achava-se, decorridos dois anos, após tal investida, reduzido a defender o próprio território, invadido do lado do sul pelas forças conjuntas das duas potências aliadas, a quem coadjuvava pequeno contingente de tropas da República do Uruguai.

Fonte: https://www.academia.org.br/academicos/visconde-de-taunay/textos-escolhidos. Acesso em: 16 jul. 2024.

(8) A amazona da Federação Equestre de Pernambuco (FEP), Maria Eduarda Nepomuceno, conquistou, neste domingo (2), o título do Campeonato Brasileiro de Amazona, realizado na Sociedade Hípica de Brasília. Saltando com No Nonsens, a

pernambucana zerou o percurso nos três dias de competição e *ao finalizar com o tempo 36,19s* tornou-se a campeã na categoria Amazonas A (1,10m).

Fonte: https://momentoequestre.com.br/2018/09/03/pernambucana-e-campea-brasileira-de-hipismo-em-brasilia/. Acesso em: 16 jul. 2024.

(9) Além de Fernando, o Brasil também conquistou mais uma medalha de ouro em Poznan, na Polônia, com Marta Santos Ferreira. A baiana chegou em primeiro na prova K1 TA 200m, *ao finalizar em 1m02s942*, seguida pela canadense Christine Sellinger (1m04s534) e pela francesa Severine Amiot (1m06s090).

Fonte: https://ge.globo.com/outros-esportes/noticia/2010/08/ex-bbb-fernando-fernandes-e-campeao-mundial-de-paracanoagem.html#:~:text=A%20baiana%20chegou%20em%20primeiro,com%20a%20marca%20de%201m04s334. Acesso em: 16 jul. 2024.

Em (07), "ao finalizar de 1864" denota a fase final do ano apresentado. O escritor, para fazer uma espécie de *flashback* que situe melhor os fatos ocorridos em 1867, apresenta o recorte temporal que sinaliza uma série de eventos que começaram a partir do final de 1864, sem precisar exatamente o dia ou mês. Tendo em vista as funções dos circunstanciais apresentadas por Paiva *et al*. (2007), podemos classificar esse uso como introdutor de subtópico, pois, para narrar os fatos de 1867, fez-se necessário retomar os do fim de 1864. Pelo fato de esse adjunto indicar um novo subtópico e ser necessário para sinalizar essa mudança, ele é apresentado com primazia no período em que ocorre, antepondo-se à cláusula que modifica "(...) achava-se (...) reduzido a defender o próprio território".

Já os exemplos (08) e (09), que instauram situações similares (o tempo de prova de campeãs em uma competição), apresentam motivações diferentes, tendo em vista, entre outros fatores, a natureza da segunda preposição e a ordem em relação à sua respectiva cláusula-núcleo.

Em (08), cujo SN temporal é introduzido por "com", tem-se uma espécie de implicação modal (finalizou **rapidamente**) e, em relação à

SUMÁRIO

cláusula seguinte, apresenta, além de uma implicação temporal, uma relação causal (**pela rapidez**, tornou-se campeã). A CRTFA, intercalada entre o conector aditivo "e" e a cláusula iniciada por "tornou-se", antecipa o motivo para o fato de a moça ter sido considerada campeã do torneio. Na classificação de Paiva *et al*. (2007), podemos falar em uma função anafórica da construção, já que retoma os feitos da atleta pernambucana, tópico central do trecho.

No contexto (09), a CRTFA é disposta em posição pós-verbal, figurando em segundo plano. Tendo em vista o caráter estático da preposição "em", como segunda preposição da construção, introduz-se o tempo de prova de forma mais precisa, com a indicação, inclusive, dos minutos e dos milésimos de segundo obtidos, diferentemente do que ocorre no dado anterior.

6. NO TERMINAR/FINALIZAR/FINDAR DA PESQUISA, APRESENTAMOS NOSSAS CONSIDERAÇÕES

Este capítulo debruçou-se sobre a análise da Construção de Realce Temporal de Fase Aspectual (CRTFA), representada pelo esquema [**Prep1 + V**$_{\text{infinitivo de aspecto de fase (inceptivo/cursivo/terminativo)}}$ **+ Prep2 + UT**$_{\text{(SN Temporal/Num)}}$]. Como demonstramos ao longo do texto, a CRTFA, que transita entre os polos do *continuum* adjunto adverbial – cláusula reduzida, cumpre a função de realçar temporalmente o estado de coisas de uma cláusula em cujo entorno transita. Nessa função de realce temporal, há um duplo recorte: em primeiro lugar, uma seleção na linha evolutiva do referente representado por uma UT, indicando uma fase de início/meio/fim, para, em seguida, realçar uma predicação. Assim, ao longo da análise, procuramos discutir como se dá gramaticalmente a CRTFA na delimitação temporal das diferentes fases do desenvolvimento/duratividade de um estado de coisas.

SUMÁRIO

Além disso, aplicamos a noção de "Filler-Slots" (preenchimento de *slots*) para mapear as possibilidades de ocorrências. Para tal finalidade, avaliamos a correlação de todas as unidades envolvidas na construção, procedimento em que analisamos aproximadamente 6 mil ocorrências de uso. Em relação aos resultados obtidos, vimos uma correlação de uso das preposições a depender da duratividade/pontualidade, bem como da UT envolvida. Acreditamos que a CRTFA tenha um caráter de duratividade (inceptivo, cursivo, terminativo) e indica um aspecto composicional, dependendo da UT. Com isso, a construção também apresenta um *continuum* entre pontualidade e duratividade. Discursivamente, a CRTFA, articulando pontualidade e duratividade, pode, por um lado, tornar um fato mais preciso, delimitando seus limites temporais e determinada fase aspectual, e, por outro lado, retratar tempo/aspecto mais difuso. Assim, o enunciador se (des)compromete com a certeza da efetivação dos fatos narrados em um momento específico do tempo cronológico.

Mostramos dados em que verbos (lexemas/construções diferentes) podem ser utilizados, de modo similar, para expressar nuances aspecto-temporais específicas dentro de um contexto de circunstancialização na formulação de uma predicação: *iniciar*, *principiar* e *começar*, entre outros, mostram-se variantes para a indicação de aspecto inceptivo, sendo *começar* o mais acionado nesse contexto; *decorrer*, *desenrolar* e *passar*, entre outros, são variantes para a marcação de aspecto cursivo, sendo *decorrer* o mais acionado nesse lugar; *finalizar*, *acabar e findar*, entre outros, são variantes para a delimitação de aspecto terminativo, com *acabar* sobressaindo nesse lugar.

Por fim, vimos que a CRTFA atua na delimitação de fase de tempo e na noção mais ampla de tempo advindo de outra expressão circunstancial de tempo da unidade lexical V_{inf}. Dada a atuação da coerção, o verbo, embora durativo, possivelmente apresente, composicionalmente, uma noção pontual, tendo uma de suas fases selecionada. Isso é fundamental para a estruturação do texto ou do argumento, pois define o "quando" das ações ou estados de coisas.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

ALDENDERFER, M; S.; BLASHFIELD, R. K. **Cluster analysis**, Sage Publications, 1984.

BARÐDAL, J. Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions, **BSL 32**, n. 1, 2006. Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America.

BARÐDAL, J. **Productivity**: Evidence from case and argument structure in Icelandic. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BYBEE. J. L. Usage-Based Theory and Exemplar Representations. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford handbook of construction grammar**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 49–69.

CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. *In*: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. **Gramática do Português Falado** - v. VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-121.

CAVALCANTE, S. A. S. Análise das Orações Temporais reduzidas em Espanhol pelo viés do princípio de marcação. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 83-107, jul./dez. 2017.

CAVALCANTE, S. A. S. **Efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral**. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51477/1/2020_tese_sascavalcante.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e at. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, M. B. N.; SARAIVA, M. E. F.; BITTENCOURT, V. O.; LIBERATO, Y. G. (Orgs.). **Aspectos da gramática do português**: uma abordagem funcionalista. 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001, v. 5. p. 103-166.

DIESSEL, H. A dynamic network approach to the study of syntax. **Frontiers in Psychology** 11, 2020.

DIESSEL, H. **The constructicon**: taxonomies and Networks. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. *In*: ARONOFF, Mark (Ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2016, p. 1-30.

DIVJAK, D.; GRIES, S. Cluster in the mind? converging evidence from near synonymy in Russian. **The Mental Lexicon**, v. 3, n. 2, p. 188-213, 2008.

EDRESSEN, A.; JANDA, L. A. Taking Construction Grammar One Step Further: Families, Clusters, and Networks of Evaluate Constructions in Russian. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 2020, p. 1-22.

ELLIS, N. C. Construction Grammar and Second Language Acquisition. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford & New York: Oxford University Press., p. 348-378, 2013.

EVERITT, B. S. *et al*. **Cluster analysis**. 5 ed. Londres: Wiley, 2011.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, n. 5, 2003, p. 219-224.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Explain Me This**: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2019.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to funcional grammar**. 3. Ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Hodder Education, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. *In*: ILARI, R. (Org.). **Palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

SUMÁRIO

LEHMANN, C. Yukatekische locale Relatoren in typologischer Perspektive. **Zeitschrift für Phonetik**, **Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung 45**, Berlim-Alemanha, p. 626-641, 1992.

MACAMBIRA, J. R. **A estrutura da oração reduzida**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1971.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *In*: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil**: textos selecionados. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020. p. 265-304.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L.; CAVALCANTE, S. A. S. Sociolinguística e gramática de construções: texto e discurso na perspectiva socioconstrucionista. *In*: PONTES, V. O.; COAN, M.; CAVALCANTE, S. A. S.; CARVALHO, H. M.; ARAÚJO, A. A. (Orgs.). **Sociolinguística**: interfaces e aplicações. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 14-54.

MIGLIORE, A.; ROSSI-LAMASTRA, C. Cluster analysis: grouping works by work location choice. *In*: TAGLIARO, C.; OREL, M; HUA, Y. (Eds.). **Methodological Approaches for Workplace Research and Management**. Londres: Routledge, 2023.

NEVES, M. H. M. *et al*. As Construções hipotáticas. *In*: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 937-1015, 2008.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

PAIVA, M. C. *et al*. Padrão não marcado de ordenação de circunstâncias temporais: regularidades e divergências entre fala e escrita. **Linguística**: Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística, UFRJ, v. 3, n. 1, p. 69-88, 2007.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Gramm**ar: experimental and corpus-based perspectives. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SCHMID, H-J. **The dynamics of the linguistic system**: Usage, conventionalization, and entrenchment. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SUMÁRIO

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 8, n. 2, 2003, p. 209–243.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Covarying collexemes. **Corpus Linguistics and Linguistic Theory**, v. 1, 2005, p. 1-43.

TOMASELLO, M. **Constructing a language**: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TORRES, F. F. S.; JESUS, L. R.; CAVALCANTE, S. A. S. Funcionalismo, variação e mudança. *In*: NOGUEIRA, M. T.; PRATA, N. P. P. (Orgs.). **Funcionalismo linguístico**: domínios de investigação. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 71-105.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

WASSERSCHEIDT, P. Construction Grammar: Basic Principles and Concepts. **Ukrainian Linguistics Journal**, v. 49, p. 94-116, 2019.

WIEDEMER, M. L. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. UNESP-São José do Rio Preto, 2013.

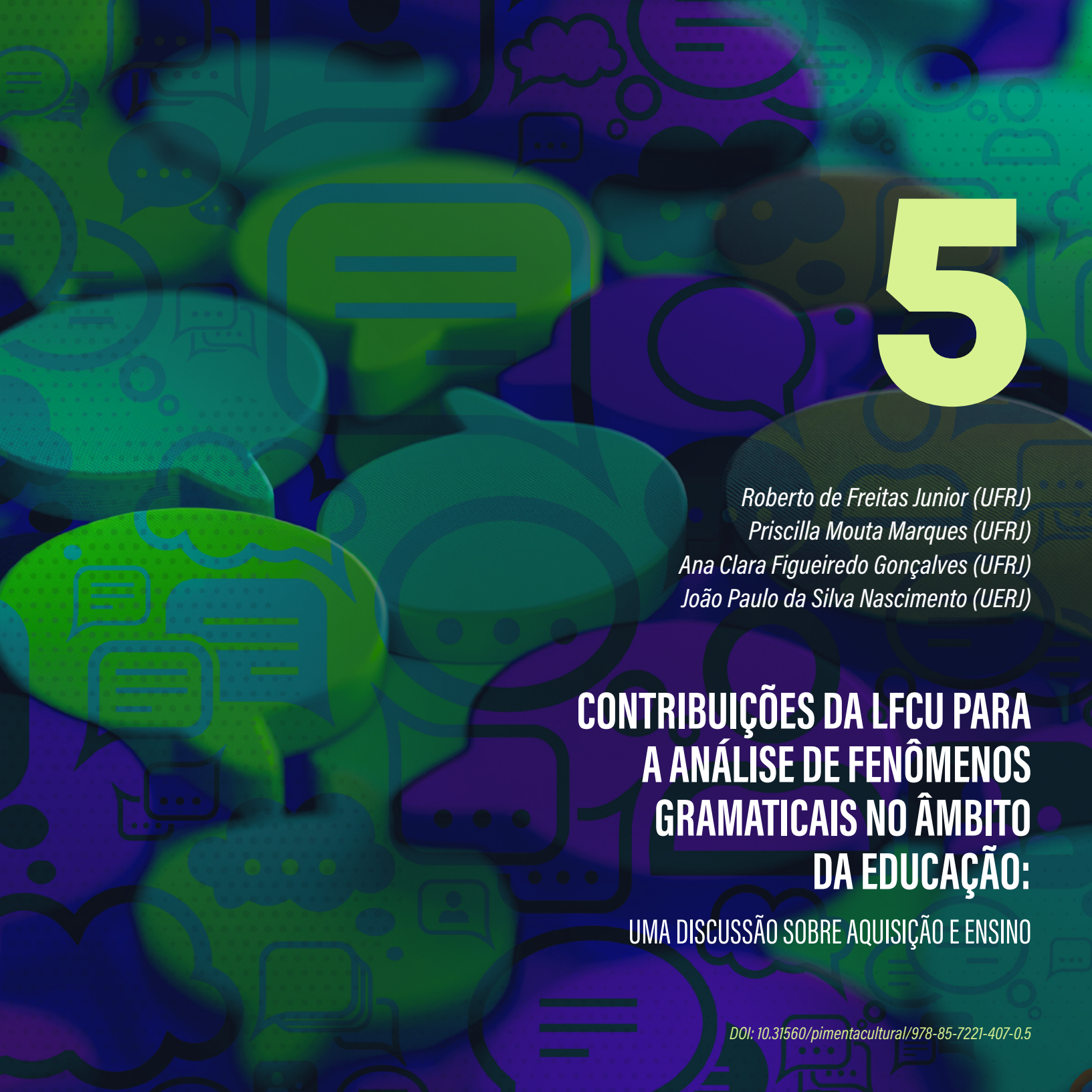
WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. *In*: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN PENKAL, L. (orgs.). **Sociolinguística**: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas. 1. ed. Guarapuava-PR: Editora da UNICENTRO, 2018a. p. 41-78.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. **Caderno Seminal Digital Especial**, v. 1, n. 1, p. 81-132, 2018b.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Paradigma Discursivo como (proto) construção: alternância linguística via práticas sociocomunicativas. *In*: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELLES, V. (orgs.). **Variação em Português e em Outras Línguas Românicas**. São Paulo: Blucher, v. 01, 2022. p. 60-102.

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. **Revista Soletras**, n. 37, p. 59-82, 2019.

SUMÁRIO



5

Roberto de Freitas Junior (UFRJ)
Priscilla Mouta Marques (UFRJ)
Ana Clara Figueiredo Gonçalves (UFRJ)
João Paulo da Silva Nascimento (UERJ)

CONTRIBUIÇÕES DA LFCU PARA A ANÁLISE DE FENÔMENOS GRAMATICAIS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO:

UMA DISCUSSÃO SOBRE AQUISIÇÃO E ENSINO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.5

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A educação linguística é, sem dúvida, uma das questões mais importantes da escola, seja do ponto de vista do que e como se deve ensinar sobre a língua materna (L1), seja do que e como se deve ensinar sobre uma segunda língua (L2). Infelizmente, é comum encontrarmos situações nas quais as discussões sobre ensino de língua(s) não sejam pautadas em pesquisas e reflexões advindas da linguística, o que pode acarretar sérios problemas no processo educacional, passando pelo preconceito linguístico e pela inadequação de métodos e materiais de trabalho.

Um dos principais pontos negligenciados nesse processo diz respeito às discussões sobre aquisição da linguagem, assunto caro à linguística em suas diferentes correntes e vertentes. A ausência de conhecimentos voltados para a discussão sobre aquisição de L1 e L2 no âmbito da educação provoca equívocos diversos e pode representar o fracasso, desnecessário, do processo de escolarização.

Neste capítulo, então, partimos da proposta sociocognitiva de aquisição da linguagem (Tomasello, 2000, 2003), que contempla tanto aspectos relativos à estrutura linguística quanto ao seu uso social. Nesse sentido, a discussão aqui proposta se fundamenta em uma visão de arquitetura da linguagem condizente com a concepção de que a experiência com o uso da língua é ponto central para o processo de aquisição de língua materna e de língua(s) adicional(is). Sendo assim, esperamos contribuir para a compreensão da questão, mais especificamente no âmbito da aquisição de L2, trazendo apontamentos que podem auxiliar o encaminhar do ensino linguístico.

Para atingir tal fim, além de apresentarmos uma discussão teórica sobre a questão e complementarmos esta discussão com resultados de um estudo em curso sobre a aquisição da construção nominal [(ESP] N (X)] do PB (e.g.: o menino/meninos /menino bonito)

por falantes anglófonos aprendizes de Português do Brasil como L2 (PBL2), propomos uma metodologia de análise sobre a produção linguística em L2, que busca entender a forma como usos desviantes e agramaticais de aprendizes de PBL2 podem, na verdade, evidenciar a natureza do conhecimento linguístico no contexto bilíngue e como isso pode contribuir para futuras abordagens educacionais. O capítulo, assim, possui foco na análise, baseada na visão construcional da linguagem, de desvios de produção em relação à língua alvo, defendendo ser este um caminho feliz ao gerar informações linguísticas de qualidade para a fomentação, dentre várias questões, do ensino de línguas.

1. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Iniciamos nossa discussão sobre a visão de aquisição à luz da LFCU revisitando duas questões centrais para o ponto. A primeira abarca as duas perspectivas de aquisição em destaque: a de L1 e a de L2. A segunda se volta de modo particular para a aquisição de uma L2 e é a ela que o capítulo busca, de modo particular, se dedicar. São elas:

- o que sabemos quando sabemos uma língua?
- o que sabemos (aprendemos) quando sabemos uma L2?

A primeira pergunta diz respeito à natureza gramatical da língua: sua arquitetura, suas características estruturais e funcionais e seus usos. Para os adeptos da LFCU, a representação cognitiva gramatical consiste em uma grande rede de pareamentos forma-função interconectados a partir de características formais e/ou funcionais compartilhadas, o *constructicon* (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Diessel, 2019, 2023). Tratamos aqui, como já percebido, da visão de linguagem defendida por Goldberg e diversos linguistas funcionalistas e construcionistas em todo o mundo. Assim, a Gramática

SUMÁRIO

de Construções (GC) é assumida como modelo arquitetônico gramatical também no âmbito da LFCU e seu entendimento como tal é ponto central para nossa discussão acerca da representação e do ensino linguístico de uma L2.

É desse mesmo ponto que partimos para a segunda questão: o que sabemos (e/ou precisamos saber) quando aprendemos uma L2? Para responder a esta questão, faz-se necessário refletir sobre outras, como: seria o modelo construcionista suficiente para descrever também o conhecimento gramatical do aprendiz de uma L2? Se for esse o caso, a arquitetura gramatical bilíngue emerge a partir da interação de pareamentos, as construções, advindos das duas, ou mais, línguas em contato ou de modo independente, de modo a termos dois sistemas linguísticos competidores e internalizados? Em que medida dados da produção podem refletir uma ou outra hipótese?

Para desenvolvermos essa discussão, precisamos, brevemente, abordar alguns pontos relevantes para o processo de aquisição, buscando tratá-los à luz dos princípios funcionalistas e construcionistas da LFCU. Em primeiro lugar, é preciso pensar na forma como a fonte do conhecimento linguístico do bebê e do aprendiz de L2 é vista em perspectiva sociocognitivista, o tipo de informação do *input* disponível para o bebê, além do papel das evidências positivas e negativas e como a discussão sobre período crítico é vista nessa abordagem.

A premissa básica que norteia a visão sobre a aquisição da linguagem no contexto da LFCU é a de que faculdades cognitivas gerais, responsáveis pela apreensão do conhecimento a partir da experiência, atuam no processo de captação dos dados linguísticos aos quais o bebê é exposto, organizando-os em forma de blocos informativos (construções), representados na cognição. Em trabalho seminal, de orientação sociocognitivista, sobre um modelo aquisicionista baseado no uso, Tomasello (2000) apresenta etapas, mais ou menos sequenciais e sobrepostas, pelas quais a criança passa no curso da emergência gramatical. Mais precisamente, no processo de emergência da

SUMÁRIO

gramática de sua L1, a criança passa por fases que envolvem a apreensão de holofrases, o desenvolvimento de combinações sequenciais básicas (formação de esquemas construcionais com algum *slot* aberto) e a emergência de estruturas de ilhas verbais, ou seja, etapas que vão aos poucos apresentando diferentes níveis de abstração e complexidade advindas diretamente da experiência com o uso da língua.

A base cognitiva associada ao processo é bem resumida no trabalho de Bybee (2010). Também em perspectiva experiencialista de aquisição da linguagem, a autora defende que processos cognitivos de domínio geral, como a capacidade de fazermos analogias, formarmos categorias abstratas (busca e armazenamento de padrões), estabelecermos associações transmodais, produzirmos *chunks*, além do papel exercido pela memória, são centrais no curso da aquisição de uma língua. A leitura atenta dos trabalhos de Tomasello (2000) e de Bybee (2010) possibilita a apreensão da convergência do pensamento dos autores, no sentido de tais habilidades serem centrais tanto para a para a aprendizagem de comportamentos em geral quanto para a aquisição da linguagem.

Os pontos, portanto, apontados até aqui como basilares para o entendimento da visão aquisicionista baseada no uso adotada pela LFCU não são, entretanto, exclusivamente voltados para a aquisição de uma L1 apenas. Em boa dose, por serem condições cognitivas gerais, elas continuam em atuação, possibilitando a aprendizagem e a apropriação de novas e diversas formas de conhecimento. Assim, possibilitam que a própria representação gramatical da L1 esteja em constante adaptação e mudança, decorrentes da variação linguística, da mudança e de novas criações linguísticas, por exemplo.

Da mesma forma, as habilidades cognitivas relativas à emergência de (novas) construções linguísticas na L1 atuam no desenvolvimento de uma L2. Obviamente, guardadas as diferenças naturais relativas à aquisição de uma primeira ou segunda língua em termos cognitivos, para os adeptos da LFCU, as operações mentais são as

SUMÁRIO

mesmas nos dois processos, mantendo-se ativas, mesmo que de modo diferenciado, devido às circunstâncias que os diferenciam.

Ainda, é preciso notar, a visão de arquitetura gramatical adotada pela LFCU permanece a mesma nos dois contextos aquisicionais. Nesse sentido, podemos dizer que, no contexto da LFCU, a aquisição de L1 e L2 são processos semelhantes. A visão de arquitetura gramatical construcional, a assunção da experiência como a fonte do conhecimento linguístico e o papel estatístico empregado pelas evidências positivas e negativas são alguns dos pontos convergentes entre os dois processos. Por consequência, a visão de período crítico, em perspectiva baseada no uso, é revista, posto que a aquisição se torna um processo continuado, não findo, embora sujeito a novas pressões cognitivas e ambientais que podem diferenciar em algum grau a aquisição de línguas maternas da aquisição de línguas adicionais.

Chegamos aqui, assim, a uma questão importante de nossa discussão. Se para a LFCU os processos cognitivos de domínio geral, o papel do uso e da experiência linguística, assim como a visão de arquitetura da gramática, são pontos que parametrizariam a aquisição de uma L1 e a de uma L2, como, portanto, o modelo comporta, ou pode comportar, a emergência de mais de um *constructicon*? Ainda, a depender da resposta à pergunta anterior, como tal conjectura pode proporcionar entendimentos sobre questões cognitivamente relevantes para a aquisição de uma L2 mais diretamente relativas ao ensino?

2. AQUISIÇÃO DE L2 E LFCU: PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E ENSINO

Algumas diferenças são marcadamente identificadas quando comparamos os processos de aquisição de uma L1 e de uma L2.

SUMÁRIO

Tradicionalmente, o modo como a L1 pode influenciar a aquisição e a performance em uma L2 é ponto assumido como fator definidor dessas diferenças. De fato, a transferência e a interferência da L1 sobre a aquisição da L2 são processos que não se pode evitar observar em qualquer perspectiva teórica sobre aquisição de línguas adicionais.

Na perspectiva da LFCU, a questão é tratada de modo muito particular. Embora se reconheça que questões relacionadas à super-generalização, à hipercorreção e a demais fenômenos linguísticos possam estar associados à interferência da L1, o ponto não indica necessariamente que aquisição de primeiras e segundas línguas sejam processos essencialmente tão diferentes, ao menos em termos de suas operações cognitivas e configurações gramaticais. Da mesma forma, aquilo que advém da L1 e que favorece a aquisição de uma L2, por transferência, não necessariamente implica posição hegemônica definitiva da aquisição da L1 sobre a da L2.

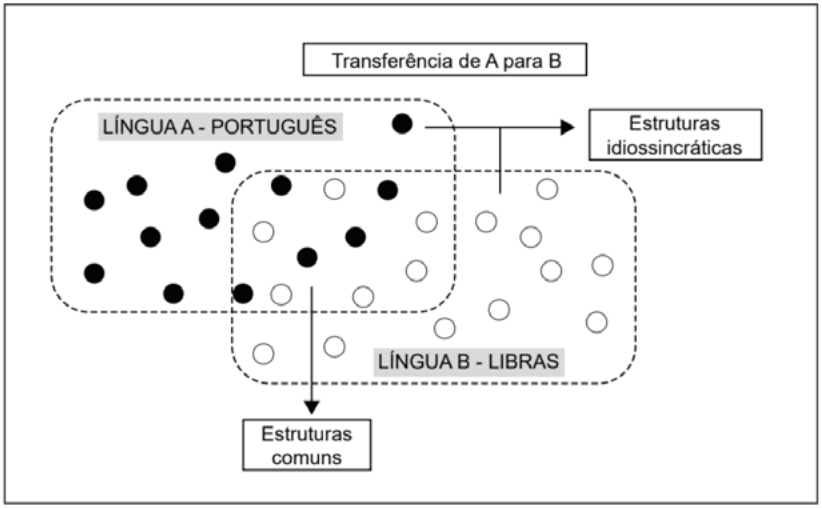
Um modelo teórico potente para a explicação do processo de aquisição de L2 e de seus fenômenos de produção e percepção consiste na proposta de Höder (2018, 2019, 2021; Boas e Höder, 2018, 2021) e da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD). A GCD consiste em um modelo construcionista baseado no uso que, como tal, prevê o impacto e relevância do uso para a formação da gramática, o que, associado ao papel exercido pelos processos cognitivos de domínio geral, formam uma única representação cognitiva gramatical, na qual se encontram pareamentos interligados, em processo de competição e harmonização, advindos dos diferentes idiomas em contato. Denomina-se o *constructicon* em situação de contato linguístico como *Constructicon* Multilíngue, um modelo de gramática que retrata com elegância o conhecimento linguístico em situações de contato, como a variação linguística, situações de contato de mais de uma língua em mesma geografia, a aquisição de línguas adicionais etc.

A representação abaixo, retirada do trabalho de mestrado de Diniz (2022), ilustra a forma como a gramática bi/multilíngue se

SUMÁRIO

materializa cognitivamente, ilustrando processos de identificações interlinguais entre itens análogos L1-L2, processos de transferência direta L1-L2, além de exemplos de estruturas consolidadas nos dois sistemas e sem identificação interlingual. O autor apresenta sua discussão sobre *Constructicon* Multilíngue utilizando a suposta representação de um aprendiz bilíngue do par linguístico português-libras:

Figura 1 - Constructicon Multilíngue



Fonte: Adaptado de Diniz (2022).

Baseando-se nos trabalhos de Höder (2018), o autor ilustra como construções específicas de uma língua são representadas de modo independente na gramática do falante bilíngue (as estruturas idiossincráticas, pretas e brancas, e não comum entre as línguas). Ao mesmo tempo, ilustra a existência de pareamentos em área de estruturas comuns, por compartilharem características formais/funcionais umas com as outras, possivelmente levando a novas construções emergentes, a partir da identificação interlingual: as diaconstruções. O esquema também prevê a possibilidade de transferência direta da L1 para a L2.

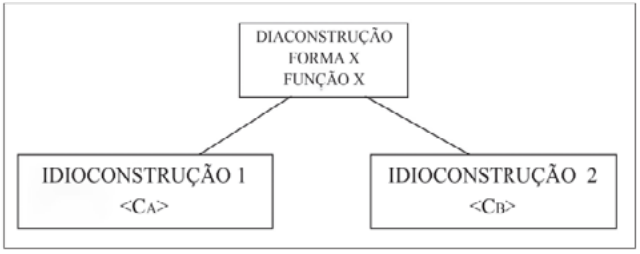
SUMÁRIO

O conceito de *Constructicon* Multilíngue é perfeitamente alinhado aos parâmetros funcionalistas e construcionistas, bases da LFCU. Ainda, permite a interpretação, relativamente fácil, das produções e interpretações, convergentes e divergentes, verificadas nos dados de uso de aprendizes de uma L2. A materialização do que parece ser "erro" ou "divergência" do que se testemunha no uso real da L2 é, na verdade, tal como preveem os princípios funcionalistas da análise, reflexo do conhecimento gramatical subjacente, no caso, em contexto bilíngue.

No contexto em que são verificadas construções análogas, aquelas em mesmo espaço de estruturas comuns, conforme Diniz (2022), emergem identificações interlinguais, subespecificadas morfológica e/ou morfossintaticamente: as diaconstruções. Para Höder (2018), o movimento de identificação interlingual é de base analógica e dele emerge uma categoria mais abstrata e geral de L2, que pode abraçar de modo não explícito características das duas línguas (L1 e L2). Tal propriedade diaconstrucional pode levar a desvios e divergências na produção na língua alvo; estes, porém, podem ser facilmente compreendidos a partir das motivações relacionadas ao tipo de conhecimento linguístico armazenado na mente do aprendiz/falante de mais de uma língua.

O esquema abaixo, adaptado de Freitas Júnior (2023), apresenta a emergência de um esquema de base diaconstrucional:

Figura 2 - Diaconstruções



Fonte: Adaptado de Freitas Júnior (2023).

SUMÁRIO

Diante do exposto até aqui, podemos afirmar que a visão de linguagem apresentada e defendida sobre o rótulo da LFCU não vê o "erro" em L2 apenas como resultado de supergeneralizações, interferências ou demais processos associados à aquisição de uma L2. Mais que isso, explica o que pode estar ocorrendo na produção do aprendiz de uma L2, ao evidenciar, por exemplo, a emergência e o acesso de diaconstruções que explicam os espaços de potenciais dificuldades de aprendizagem linguística desses aprendizes. O mesmo processo de identificação interligual que pode gerar formação de diaconstruções e consequentes supergeneralizações pode levar ao uso convergente de formas da L2.

Essas observações podem ser relevantes para o desenvolvimento de abordagens e práticas de ensino mais eficazes e desprovidas de interpretações superficiais acerca das produções dos aprendizes, como veremos ao longo de nossa discussão.

3. A AQUISIÇÃO DA CONSTRUÇÃO NOMINAL [(ESP) N (X)] DO PBL2 POR APRENDIZES ANGLÓFONOS

Neste texto, objetivamos apresentar resultados parciais de um estudo em andamento sobre usos que instanciam a construção nominal [(ESP) N (X)] do PB por falantes não nativos, buscando traçar um paralelo com a discussão sobre aquisição de L2 e questões de produção importantes para serem consideradas no nível do ensino. O estudo é uma continuidade e aprofundamento da pesquisa de mestrado de Nascimento (2022).

A partir da análise de dados reais de produção que instanciam a construção nominal [(ESP) N (X)] por aprendizes anglófonos de português brasileiro como L2 (PBL2), o estudo visa rastrear

SUMÁRIO

a representação do conhecimento construcional bi/multilíngue. Para tanto, adotamos os pressupostos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Diessel, 2019), a qual enfatiza a natureza do conhecimento linguístico do falante a partir do conceito de construção e da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder, 2018), modelo que compreende a sistematização do conhecimento multilíngue como resultado da relação entre idio e diaconstruções.

No estudo, assumimos a hipótese de que as representações cognitivas da construção nominal sugerem, ao mesmo tempo, convergências e divergências em PBL2, materializadas por *links* diassistêmicos e/ou por construções da L1 e/ou da L2 que mantém seus aspectos linguo-específicos. Para atestar tal hipótese, foram analisadas 250 ocorrências da construção nominal [(ESP] N (X)], sob o gênero redação jornalística, presentes no *corpus* NEIS (Núcleo de Estudos sobre Interlínguas). Destas, 48 se demonstraram discordantes dos padrões construcionais do português brasileiro. A esses usos comprometidos despontam agrupamentos em cinco grandes categorias, sendo estas: (i) concordância nominal, (ii) inserções motivadas, (iii) inserções aleatórias, (iv) apagamentos e (v) trocas categoriais, todas já indicadas como relevantes na literatura revisada.

Os resultados apontam para uma distribuição sistemática de usos discordantes no *constructicon* desses aprendizes, motivados por naturezas diversas. Antes de destacarmos os resultados e discutirmos sua importância para o ensino, passemos à breve descrição de seus objetos construcionais em foco.

3.1. A DIACONSTRUÇÃO NOMINAL INGLÊS-PB

No estudo original de Nascimento (2022), em que se inspira a atual pesquisa, o autor revisita a literatura que busca descrever as características formais e funcionais da construção nominal em inglês

SUMÁRIO

e em português. Assim, destaca e sistematiza a descrição do sintagma nominal no inglês, desenvolvida por Downing e Locke (2006) e Wright (2014), assim como a de Gomes e Mendes (2019), sobre o sintagma nominal no português.

Os esquemas abaixo ilustram a visão dos autores:

Figura 1 - A construção nominal inglesa

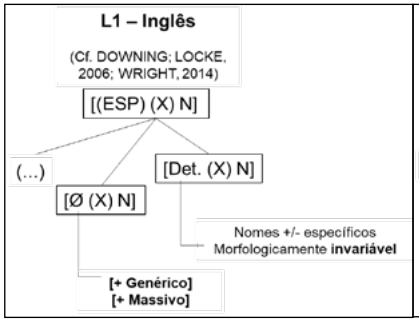
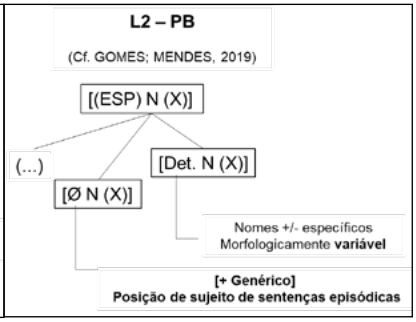


Figura 2 - A construção nominal portuguesa



Fonte: Nascimento (2022).

Comparativamente, tanto em termos funcionais quanto em termos formais, as construções nominais inglesa e portuguesa apresentam semelhanças e diferenças importantes. Ambas revelam a possibilidade de serem encabeçadas por um elemento determinante ou de não apresentarem nenhum elemento formal ou funcional à esquerda do núcleo. Quando encabeçados por um determinante, seus núcleos podem fazer referência a nomes [+/- específicos] e quando não apresentam elemento à esquerda do núcleo, este tende a fazer referência a nomes de natureza mais genérica.

As diferenças atestadas na comparação das descrições dos autores, consistem, primeiramente, na morfossintaxe do determinante, que em inglês é um elemento invariável, enquanto no português é morfologicamente variável; e, em segundo lugar, na possibilidade de que o núcleo da construção nominal inglesa faz referência a nomes de natureza [+ massiva], informação não atestada na literatura sobre o PB. Ainda há de ser observada a possibilidade de que,

SUMÁRIO

no PB, o núcleo nominal seja antecedido ou seguido por um adjetivo, o que não ocorre em inglês, posto que obrigatoriamente o elemento adjetival ocorrerá anteposto ao nominal de maneira mais categórica, ao menos nesse contexto.

A aproximação e o afastamento formal e funcional das duas construções em cada língua é objeto de interesse direto de nossa atual discussão: em que medida a aquisição de PBL2 da construção nominal pode refletir bases de conhecimento que ora se aproximam do que se atesta em termos construcionais da L1 e ora do que se atesta em termos construcionais da L2? Em que medida a produção do aluno, no que diz respeito a convergências e divergências em relação à construção alvo do PBL2, não são valiosas contribuições para o entendimento da natureza do *constructicon* bi/multilíngue e, por tabela, para abordagens de ensino apropriadas e potencialmente mais eficazes de L2?

A discussão até aqui levantada nos permite a esta altura um novo debate. Como a GCBU abarca o conhecimento construcional em situações de contato, em particular, no curso de aquisição de uma L2? Nesse sentido, a proposta da GCD atende à questão, ao apostar, por exemplo, na emergência de diaconstruções: esquemas construcionais abstratos, emergentes a partir da ação dos processos cognitivos de analogia (por identificação interlingual) e esquematização/categorização. A identificação de construções análogas, interlinguisticamente falando, é um fator potente advindo da experiência com o uso das línguas em questão e que forma um nível construcional mais abstrato e taxonomicamente acima das representações mais associadas às línguas em contato: a materna e a adicional.

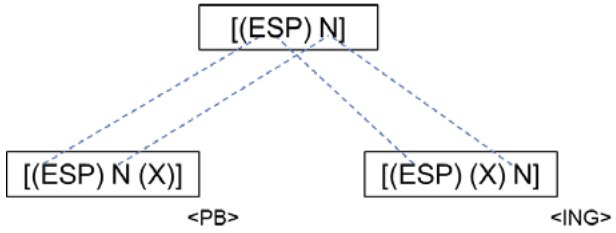
Esta abstração, a diaconstrução, pode ser fonologicamente subespecificada em vários níveis e ainda deixar neutras certas diferenças entre as construções das línguas em jogo, a L1 e a L2. Da trama entre aspectos aproximantes e distantes entre as construções em contato, emergem padrões mais gerais que nem sempre são

SUMÁRIO

formados representando exatamente as semelhanças e as diferenças entre os esquemas em contato, o que pode explicar o maior ou menor sucesso na produção em L2, seja pela convergência com aquilo que se atesta na língua alvo, seja pela divergência, por sua vez, oriunda do que os esquemas em contato não compartilham em termos formais e/ou funcionais.

A gravura a seguir representa o modelo diaconstrucional aqui pensado. Ela reúne, sem necessariamente fazer distinção, as propriedades formais e funcionais dos dois esquemas: do PB e do inglês. Assim, propriedades voltadas para o traço [+/- massivo] / [+/- específico] do sintagma nominal (SN), a (in)variabilidade do especificador, a questão da ordenação vocabular, entre outros fatores, estarão representadas no esquema, mesmo que de modo não necessariamente acurado, de forma a representar o conhecimento sistematizado da construção em cada língua:

Figura 3 - A Diaconstrução Nominal Inglês-PB



Fonte: Nascimento (2022).

A questão da dificuldade de percepção das diferenças construcionais está representada na diaconstrução. A questão da maior ou menor probabilidade de produção de dados convergentes ou divergentes, por sua vez, está diretamente relacionada ao tempo de exposição do indivíduo aprendiz às línguas em jogo, em particular, à L2. A frequência com que somos expostos, de modo mais ou menos consciente, aos dados da língua em processo de aquisição poderá alavancar, ou não, a facilidade de aprendizagem de determinadas questões específicas.

SUMÁRIO

Exemplificando, o aprendiz anglófono de PBL2 poderá levar mais tempo para usar adjetivos em posição pós-nominal em PB graças ao fortíssimo impacto da frequência de uso da ordem ADJ-N em sintagmas nominais ingleses. Tal ordenação é consolidada no *construticon* desse aprendiz e ainda é reforçada quando ele se depara com dados do português seguindo o padrão ADJ-N. Entretanto, como já discutido, essa não é a única possibilidade de ordem de constituintes dos nominais do PB, conhecimento que precisará ser desenvolvido e que estará muito dependente das questões relativas à frequência e exposição, como dito. O ensino também pode ser um elemento potencializador da internalização de certos aspectos construcionais específicos. Nesse sentido, diferenças de produção poderão ser atestadas se observarmos a produção longitudinal desses aprendizes: vemos a tendência de que convergências se sobreponham a divergências notoriamente marcadas em fases iniciais de aquisição de L2, dadas condições ideais de exposição e, se for o caso, de ensino.

Entender o que ocorre na produção discente pode ser um elemento informativo potente em prol de uma abordagem de ensino eficaz. Para a LFCU, a identificação de usos convergentes e divergentes em relação ao que se espera na língua-alvo é objeto associado ao conhecimento gramatical, de base construcional, do falante bi/multilíngue. É nesse sentido que o docente e as abordagens de ensino por ele adotadas precisam contemplar estratégias que visem à especialização e à internalização de certas facetas do conhecimento das construções, nem sempre facilmente identificadas no uso da língua.

3.2. A PESQUISA

A pesquisa aqui abordada serve como pano de fundo para nossa discussão sobre contribuições da LFCU para o ensino. Nosso objetivo é mostrar como aspectos cognitivos relativos à natureza do

SUMÁRIO

constructicon podem explicar fenômenos linguísticos comuns no curso de aquisição de L2, proporcionando a reflexão sobre abordagens e metodologias com foco no ensino mais eficaz.

A pesquisa possui caráter qualiquantitativo e aconteceu via levantamento de dados de usos que instanciam a construção nominal em textos do gênero redação jornalística, produzidos por anglófonos aprendizes de PBL2 disponíveis no *Corpus* NEIS (https://corpusneis.wixsite.com/home/corpus). Aqui abordaremos especificamente, portanto, resultados preliminares referentes a usos divergentes da construção nominal [(ESP] N (X)], visto que o objetivo principal do capítulo é ilustrar como uma análise linguística de dados reais à luz da GCD evidencia a natureza do conhecimento linguístico e pode fornecer subsídios para modelos de ensino mais adequados.

Os fatores de discordância mais frequentes identificados no trabalho foram: (i) gênero, (ii) número, (iii) categoria gramatical, (iv) artigo e (v) preposição. Seguem alguns exemplos:

(i) Gênero

"**Todos as comidas** lá são tradicionais e muito gostoso"

(ii) Número

"As comidas são muito **saudável** também"

(iii) Categoria

"Por isso, ele respira história e cultura com **as suas gastonômicas** (comidas), os povos antigos (étnicos), mitos (místico) e **religioso**."

(iv) Artigo

"Porém, será que o Brasil possui **todos os esses turismos**?"

(v) Preposição

"O festival gastronomico sempre acontece **em cidade** ∅ **Miras Derais**."

SUMÁRIO

Em nossa análise qualiquantitativa, observamos os dados discordantes de uso, mas, ainda, para nossa pesquisa, consideramos informações do tipo: perfil do informante, contexto comunicativo, grau de discordância, elemento de discordância, incompatibilidades e demais ocorrências. Esses não são, entretanto, pontos a serem desenvolvidos aqui.

A partir dos dados obtidos, ao fim da análise, os usos comprometidos revelaram sistematização de desvios arrolados em cinco grandes categorias, sendo elas: ***problemas de concordância nominal***, ***inserções motivadas***, ***inserções aleatórias***, ***apagamentos indevidos*** e ***trocas categoriais***. Os resultados estão resumidos na subseção abaixo.

3.3. RESULTADOS

Analisar a natureza dos desvios de produção dos aprendizes anglófonos de PBL2 proporcionou uma importante contribuição sobre o entendimento do funcionamento da gramática bi/multilígue. Observamos que os problemas identificados estavam, quase sempre, associados à mescla de conhecimento construcional advindo da formação de uma diaconstrução nominal [(ESP) N (X)] na gramática desses aprendizes. Ressaltamos, dos achados dessa primeira fase de pesquisa, alguns pontos que se destacaram.

Inicialmente, notamos alta recorrência de sintagmas nominais com apenas um elemento de discordância e baixa recorrência de sintagmas nominais com dois elementos de discordância simultâneos. Classificamos os graus de discordância em dois grupos: GDP - Graus de Discordância Parcial - e GDT - Graus de Discordância Total.

Em mais de 84% dos dados desviantes, observamos apenas uma questão comprometedora da gramaticalidade e/ou aceitabilidade de uso de sintagmas nominais em PB. Em geral, tais

SUMÁRIO

comprometimentos, como já dito, estavam alinhados a supergeneralizações comuns no contexto de aquisição de L2 e que indicam a formação da diaconstrução nominal com diferentes graus de subespecificação, o que leva aos desvios em questão. O gráfico abaixo ilustra essa distribuição:

Gráfico 1 - Distribuição de grau de discordância

Fonte: Os autores.

Verificamos que, dos fatores associados às discordâncias, a marcação de gênero foi a que mais se destacou, seguida da marcação de número. Vale lembrar que essa é uma diferença importante entre o PB e o inglês, uma vez que a flexão é mais complexa no contexto da língua de aquisição, o PB. Em termos diaconstrucionais, essa diferença, a essa altura do curso de aquisição desses aprendizes, ainda não é facilmente perceptível e a força da consolidação da (não) marcação de gênero e número em inglês reforça e leva à produção desviante.

A distribuição quantitativa dos elementos de discordância foi a seguinte: **gênero** (43,8%), **número** (20,8%), **artigo** (12,5%) e **categoria gramatical** (10,4%). O gráfico abaixo ilustra a distribuição:

SUMÁRIO

Gráfico 2 - Distribuição dos elementos de discordância

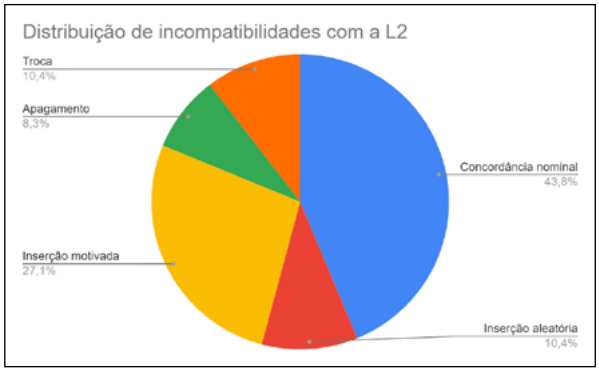
Fonte: Os autores.

Também analisamos, como previamente mencionado, os tipos de incompatibilidades associados aos desvios. Assim, trocas de itens, apagamentos, inserções (aleatórias ou motivadas) etc. formam o conjunto de fatores de incompatibilidades mais comuns de ocorrerem no contexto de aquisição da construção nominal [(ESP) N (X)] no PB, assim como, acreditamos, nos demais contextos de aquisição construcional.

Dos grupos de desvios formados, a **concordância nominal indevida** e **inserção motivada** lideraram os tipos de incompatibilidade mais expressivos, representando respectivamente 43,8% e 27,1% do total, enquanto **trocas**, **inserções aleatórias e apagamentos** equipararam-se, ficando em distribuição mais equilibrada. O gráfico ilustra esses resultados:

SUMÁRIO

Gráfico 3 - Distribuição de incompatibilidades com a L2



Fonte: Os autores.

Outra observação importante que a análise de dados reais de produção proporcionou foi a de que aproximadamente **57%** dos sintagmas nominais com dois elementos discordantes (GDT) se referiam a desvios associados ao fator **categoria gramatical**, com incompatibilidade marcada por **trocas**, ou seja, com o aprendiz apresentando dificuldades na distinção entre categorias gramaticais na L2, substituindo-as por itens mais ou menos motivados pelo impacto do contato linguístico.

Entender tais distribuições, suas naturezas e o modo como tudo isso se relaciona com o fato de estarmos lidando com línguas em contato permite ao docente e às instituições de ensino pensar em abordagens e tratamentos educacionais que contemplem a questão. Resultantes de processos de mesclas construcionais, os usos desviantes, discordantes da língua alvo, podem ser mais facilmente trabalhados em aula, dado o grau de consciência e possibilidade de ação decorrentes dessa análise. A visão baseada no uso, a manipulação de dados reais de uso da língua e o entendimento contrastivo entre as línguas em jogo são algumas das questões que, se discutidas à luz da LFCU, podem proporcionar grandes avanços no campo de ensino de línguas adicionais.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo teve por objetivo ilustrar como a análise funcional de dados reais de produção em L2 pode ser um campo profícuo de investigação. Para o desenvolvimento de nossa discussão, lançamos mão de duas perguntas importantes para linguistas de diferentes orientações teóricas, aqui trazidas para nossa discussão no âmbito da LFCU: a que versa sobre o que sabemos quando sabemos uma língua e a que versa sobre o que sabemos (aprendemos) quando sabemos uma L2. Assim, argumentamos que a LFCU, em particular via abordagem teórica da GCD, possui forte potencial para o feito, proporcionando, ainda, caminhos reflexivos sobre a prática educacional.

Em suma, as duas questões podem ser respondidas com apenas uma resposta: sabemos (e aprendemos) construções. Sejam elas oriundas de uma L1, de uma L2 ou L3; sejam elas oriundas de modalidades orais, sinalizadas ou escritas; sejam elas idioconstruções ou diaconstruções, no âmbito da LFCU, o entendimento sobre o que sabemos, quando sabemos uma língua materna ou uma L2, consiste na unidade fundamental de conhecimento linguístico: a construção.

A visão continuada de aquisição de linguagem no contexto da LFCU se destaca, nesse sentido, posto que nos permite compreender que as operações cognitivas responsáveis pela formação da gramática da L1 são as mesmas operantes na formação da gramática da L2. A visão de *Constructicon* Multilíngue (Höder, 2018), portanto, esclarece a questão da aquisição de L2 ao evidenciar a emergência de um conhecimento linguístico não estanque, integrado e advindo das múltiplas experiências com o uso da língua, no caso, das línguas.

Nesse sentido, a análise à luz da LFCU permite ao docente identificar e entender os problemas na produção dos aprendizes de L2 associados à formação, ainda subespecificada e neutra, de diaconstruções,

assim como, por consequência, auxiliar na proposição de abordagens e metodologias de ensino de L2 mais eficazes. O ponto principal consiste, portanto, no entendimento de que os dados reais de produção linguística – sejam eles gramaticais ou não, com maior ou menor grau de aceitabilidade linguística – evidenciam a natureza representacional do *constructicon*, que no contexto bi/multilíngue pode revelar nuances do conhecimento linguístico associadas a diferentes fases do curso de aquisição de uma segunda língua, fato que evidencia um potente caminho para abordagens de ensino mais eficazes.

REFERÊNCIAS

BOAS, H. C.; HÖDER, S. **Constructions in contact**. **Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages** (Constructional Approaches to Language 24). Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, 2018.

BOAS, H. C.; HÖDER, S. **Constructions in Contact 2**. **Language change**, **multilingual practices**, **and additional language acquisition** (Constructional Approaches to Language). Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, 2021.

BYBEE, J. **Language**, **usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

DIESSEL, H. **The grammar network**: how linguistic structure is shaped by language use. Cambridge. Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. **The constructicon**: **taxonomies and networks**. Cambridge. Cambridge University Press, 2023.

DINIZ, R. S. **Contato linguístico em traduções da libras para o português escrito**: análise, descrição e funcionamento do constructicon multilíngue. 2022. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

DOWNING, A.; LOCKE, P. English Grammar: A university Course. Second Edition, 2006.

FREITAS JUNIOR, R. Gramática de construções diassistêmica: uma abordagem multilíngue. *In:* FREITAS JUNIOR, R. (Org.); SOARES, L. A. A. (Org.); WIEDEMER, M. L. (Org.). **Gramática de construções diassistêmica**: discussões teóricas e aplicadas. 1. ed. 2023. v. 1, p. 21-41.

SUMÁRIO

GOLDBERG, A. E. Constructions. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this**: creativity, competition and the partial productivity of constructions. Published by Princeton University Press, 2019.

GOMES, A. P.; MENDES, L. S. **Para conhecer semântica**. Editora Contexto: São Paulo, 2019.

HÖDER, S. Grammar is community-specific: Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In.: BOAS, H.; HÖDER, S. (Eds.) **Constructions in contact**: constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages (Constructional Approaches to Language 24), Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, p. 37-70, 2018.

HÖDER, S.; FREITAS JR., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. Interview with Steffen Höder. **Diadorim**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, v. 23, n. 1, 2021.

HÖDER, S.; PRENTICE, J.; TINGSELL, S. Additional language acquisition as emerging multilingualism. A construction grammar approach. *In:* BOAS, H. (orgs.); HÖDER, S. (orgs.). **Constructions in contact 2**: Language change, multilingual practices and additional language acquisition. John Benjamins Publishing Company, 2021.

JOU, G. I.; SPERB, T. M. Teoria da mente: diferentes abordagens. **Psicologia**: Reflexão Crítica, v. 12, n. 2, 1999, p. 287-306.

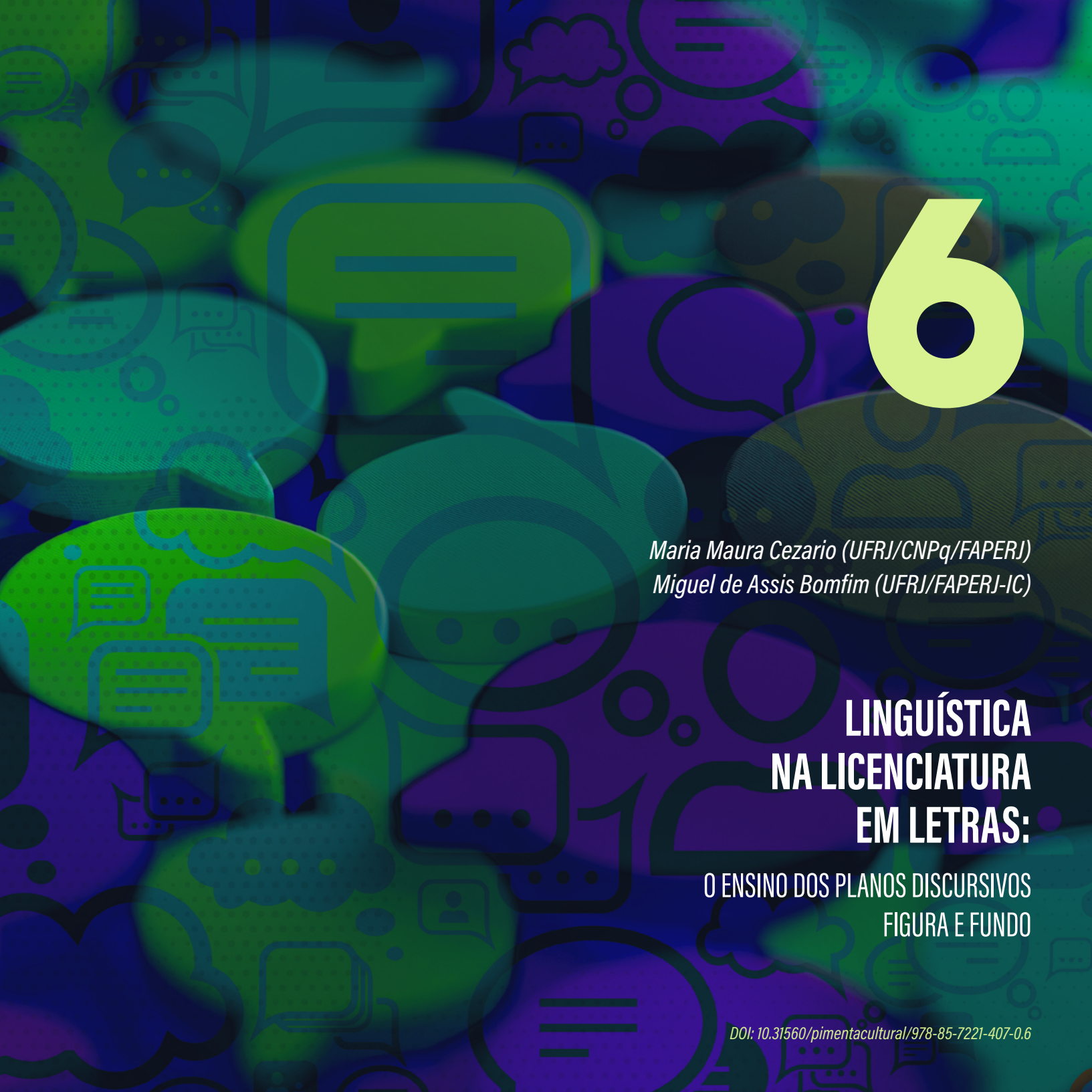
NASCIMENTO, J. P. S. **Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica**: o caso de [(ESP) N (X)] no constructicon multilíngue de anglófonos aprendizes de PB. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

PEREK, F. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2015.

TOMASELLO, M. **Do young children have adult syntactic competence?** Cognition, [*S. l.*], v. 74, n. 3, 2000.

TOMASELLO, M. **As origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2003.

SUMÁRIO



6

Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq/FAPERJ)
Miguel de Assis Bomfim (UFRJ/FAPERJ-IC)

LINGUÍSTICA NA LICENCIATURA EM LETRAS:

O ENSINO DOS PLANOS DISCURSIVOS FIGURA E FUNDO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.6

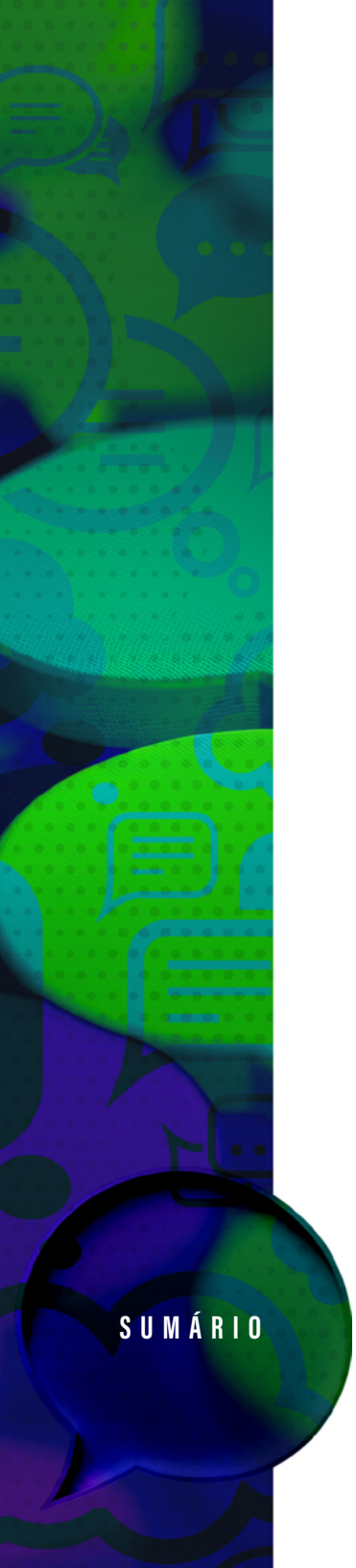
SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO[33]

O presente capítulo visa apresentar, de modo didático, um dos principais temas da Linguística Funcionalista Norte-americana a futuros professores de língua materna: a codificação linguística de Figura e de Fundo em textos orais e escritos. Desde a década de 1970, sobretudo a partir dos trabalhos de Hopper e Thompson (1980), diversos linguistas vêm estudando esses temas em diferentes línguas, demonstrando o caráter icônico da marcação linguística dos planos Figura e Fundo. Há algumas publicações que podem ser voltadas para graduandos em Letras, mas aplicações do tema à sala de aula, com exercícios com dados reais da língua portuguesa, ainda são raras. Assim, professores, sobretudo os que não são pesquisadores da área, precisam muitas vezes ensinar, em cursos de Letras, a disciplina Funcionalismo sem material didático adequado. Por essa razão, e por entendermos que o Funcionalismo Linguístico tem muito a oferecer tanto para pesquisa com dados, como para a formação de professores de línguas, queremos contribuir para a área com este capítulo em que revisamos o tema plano discurso e trazemos propostas de exercícios para os iniciantes na área.

Para tal, além dos autores que fundamentam o paradigma funcionalista em questão, como os trabalhos de Talmy Givón, Paul Hopper e Sandra Thompson, contamos também com as aulas da disciplina *Linguística e suas aplicações* ministradas pelas Professoras Doutoras Priscilla Mouta Marques e Maria Maura Cezario na Universidade Federal do Rio de Janeiro nos anos de 2023 e 2024; e com as aulas do minicurso *Linguística Funcional Centrada no Uso e o Ensino de Gramática*, ministrado pela professora Doutora Maria Angélica na Universidade Federal Fluminense em 2023.

33 A produção deste capítulo é fruto das pesquisas financiadas pelo CNPq (processo: 306941/2021-0) e pela Faperj (processo: E-26/200.472/2023).



SUMÁRIO

2. O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO

A Linguística Funcional Norte Americana adquire notoriedade a partir da década de 1970 ao se contrapor aos paradigmas formalistas dos estudos linguistas da época. O Funcionalismo representado aqui por Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, dentre outros, entende a língua como uma estrutura maleável e a sua gramática como uma estrutura emergente do uso. Os pesquisadores da área partem do princípio de que a gramática de uma língua se molda a partir das necessidades comunicativas e interacionais de seus usuários, da frequência dos usos linguísticos e da ação de processos cognitivos como a capacidade de ver o interlocutor como um ser intencional e a capacidade de categorizar. Estudar os usos linguísticos sob a perspectiva discursiva permite, portanto, uma melhor compreensão da língua em si e da vinculação entre codificação linguística e processos cognitivos não específicos da linguagem (chamados de processos cognitivos de domínio geral).

Nas últimas duas décadas, os estudos funcionalistas incorporaram conhecimentos de modelos construcionistas baseados no uso, criando uma nova fase para a área funcional, culminando no que se tem denominado por Linguística Baseada no Uso (Bybee, 2016[2010]) ou Linguística Funcional Centrada no Uso (Cezario e Furtado da Cunha, 2013; Furtado da Cunha e Cezario, 2023). A base epistemológica do Funcionalismo Norte-americano, que pode ser considerado um funcionalismo clássico, se mantém, procurando verificar como os falantes moldam o discurso para dar conta dos objetivos comunicativos e como, a partir do uso, as categorias linguísticas são criadas e modificadas.

Dentre os princípios que norteiam o Funcionalismo clássico, destacamos o princípio da iconicidade. De acordo com Givón (1984), existe uma relação entre o código linguístico, ou seja, a forma, e o seu

designatum, isto é, a sua função. O Princípio da Iconicidade é divido em três outros subprincípios[34], são eles:

(a) subprincípio da quantidade, segundo o qual quanto maior a quantidade de informação maior será decodificação linguística e, por outro lado, quanto menor a quantidade de informação, menor a forma linguística;

(b) subprincípio da proximidade, segundo o qual elementos que estão próximos no plano cognitivo tendem a ser codificados linguisticamente próximos (e o contrário também se dá); e

(c) subprincípio da ordenação linear: a ordem dos eventos expressa no discurso tende a seguir a ordem sequencial em que os eventos ocorreram na mente do falante.

O que os linguistas funcionalistas querem dizer é que os falantes moldam seu discurso para atingir os seus objetivos comunicativos tendo em vista o conhecimento de mundo compartilhado com o interlocutor, o discurso precedente, a necessidade de focar uma parte da informação, a necessidade de apresentar fatos em uma dada ordem, a intenção de convencer o outro, a intenção de ser muito expressivo, dentre outras razões. Dessa forma, é preciso levar em conta fatores de ordem discursiva e cognitiva para dar conta do estudo de uma língua.

O tema apresentado aqui ilustra muito bem o princípio da iconicidade. Os falantes codificam de modo diferente uma oração a partir da concepção de uma cena com ação (acabada ou inacabada) ou não, com modos verbais indicando certeza ou dúvida, por exemplo. Com isso, eles expressam a forma que marcam o que consideram Figura de uma forma diferente do que consideram Fundo, como veremos nas seções a seguir.

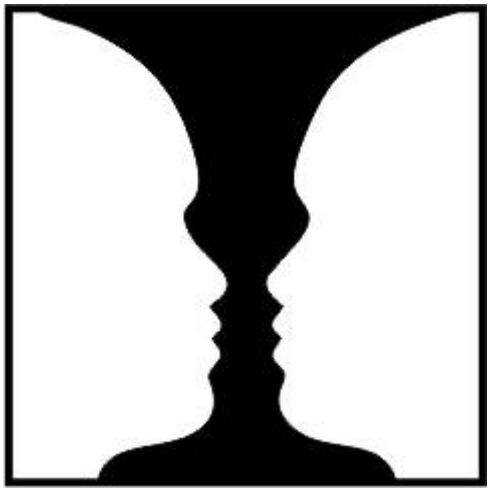
34 Para um maior conhecimento dos subprincípios da iconicidade, sugerimos a leitura do capítulo Funcionalismo do **Manual de Linguística** (Martelotta, 2008).

SUMÁRIO

3. FIGURA E FUNDO

Comecemos com a abordagem sobre planos discursivos a partir uma imagem muito conhecida:

Figura 1 – Vaso de Rubin



Fonte: ***https://visaonainfancia.com/figura-fundo/.***

Ao observar a imagem, podemos perceber que existem dois planos diferentes. Se considerarmos a parte escura como neutro e as partes brancas como relevo, veremos a formação de dois rostos se olhando, mas, se considerarmos as partes brancas neutras e a parte preta como relevo, veremos a formação da imagem de um jarro.

Koffka (1936)[35], ao tratar da percepção humana da realidade, define o plano relevo como Figura e o plano neutro como Fundo. Mesmo que no dia a dia nós não nos deparemos com imagens em que as mesmas partes possam ser tanto Figura como Fundo, a percepção do que é primário, ou Figura, e do que é secundário, o Fundo,

35 *Apud* Silveira, 1990, p. 65-68.

é importante, pois ela afeta o modo como contamos nossas histórias, acontecimentos e experiências.

3.1 FIGURA E FUNDO NO PLANO DISCURSIVO

Hopper (1979) observou que, ao contarmos uma história, as nossas opiniões e percepções do evento afetam a maneira como nos expressamos. Isso significa dizer que moldamos o nosso discurso de acordo com a nossa interpretação do evento contado ou das necessidades comunicativas que assumimos a respeito do nosso interlocutor, ou seja, se ele dispõe ou não de conhecimentos prévios sobre o tópico da conversa, ou se entende o que está sendo dito etc. Através da observação e do estudo de inúmeras línguas e suas narrativas, o autor percebeu que essa tendência de organização do discurso obedece a uma estrutura específica. Segundo ele, tendemos a expressar os eventos principais da narrativa no plano Figura (*foreground*), e os comentários do falante acerca dos eventos, do cenário e dos personagens, assim como os eventos secundários são expressos no plano fundo (*background*).

O autor observou diversas línguas que fazem distinção morfológica entre Figura e Fundo, como língua Suaíli[36]. Por exemplo, nessa língua, quando o falante deseja "avisar" o ouvinte que os eventos a serem contados fazem parte da linha principal da história, ele faz uso do morfema preso "ka-". Já para mostrar ao ouvinte que os eventos simultâneos, os comentários e as descrições não fazem parte da linha principal, o falante utiliza o morfema "ki-". Embora em nossa língua essa distinção não seja feita de maneira explícita, ou seja, não tenhamos em nossa gramática nenhum morfema designado para essa diferenciação, é possível perceber essa diferença através das características específicas de cada plano discursivo.

36 A língua suaíli é falada em vários países do continente africano, como Tanzânia, Quênia, Ruanda, dentre outros. Estima-se que mais de 150 milhões de pessoas falem essa língua na África.

3.2. CARACTERÍSTICAS DA FIGURA E DO FUNDO

A principal diferença entre os planos está na sequencialidade das orações. Os eventos do plano Figura seguem uma ordem linear e sequencial na narrativa, ou seja, são expressas uma após a outra (subprincípio da sequencialidade ou ordenação linear), enquanto o Fundo não se apresenta em orações que expressam sequencialidade. Como a Figura segue uma ordem cronológica específica de eventos, os eventos assim codificados tendem a ser dinâmicos e completos e são expressos através de formas verbais perfectivas (por exemplo, no pretérito perfeito). O Fundo, por não seguir uma ordem cronológica bem definida, pode ser deslocado através do eixo temporal na narrativa e apresentar ações no modo *irrealis* (modos subjuntivos, optativos, formas modais e negação), bem como formas verbais durativas/estativas e imperfectivas. Ou seja, ações das quais não seja possível empreender uma completude.

Além disso, a Figura tende a apresentar sujeitos previsíveis com tópicos humanos e agentivos, já o Fundo apresenta frequentes trocas de sujeitos sendo esperado muitas vezes que esse sujeito seja um sintagma nominal pleno. Hopper destaca ainda que as orações Fundo também são importantes para a narrativa, uma vez que trazem informações sobre causa, consequência, condição, dentro outras, assim como expressam a subjetividade do falante quando expressam suas avaliações sobre os eventos, as personagens ou o cenário.

A seguir, há um quadro com as principais diferenças entre Figura e Fundo:

SUMÁRIO

Quadro 1 – Características de Figura e Fundo

FIGURA	FUNDO
Sequência cronológica	Simultaneidade e superposição cronológica de uma situação C com o evento A e/ou B
Visão do evento como um todo, do qual a completude é um pré-requisito necessário para o evento subsequente	Visão de uma situação ou acontecimento do qual a completude não é um pré-requisito necessário para os eventos subsequentes
Identidade do sujeito com cada episódio	Frequentes mudanças de sujeito
Sujeitos previsíveis	Sujeitos não previsíveis
Tópicos Humanos	Variedade de tópicos ou mesmo orações com os chamados sujeitos inexistentes (orações que expressam fenômenos da natureza)
Eventos dinâmicos, cinéticos	Situações estáticas, descritivas
Modo *realis*	Modo *irrealis*

Fonte: adaptado de Conceição (2010, p. 30).

Vejamos alguns exemplos de orações do plano Figura (em itálico com um grifo) e de orações do plano Fundo (em itálico com dois grifos) de uma narrativa oral:

(1) depois do almoço... por volta de uma hora... duas horas... ou então se fosse o caso à noite...então eu estava indo na casa desse meu colega de noite... *minha mãe sempre ficava encarnando* que:: eu indo de relógio ia acabar sendo assaltado... e eu ficava dizendo que não... que eu me garantia... que nunca ia acontecer isso comigo... aí num belo dia eu peguei um ônibus... o ônibus quando chega num determinado... lugar antes de... de se aproximar da favela... *ele fica vazio*... *eu sentei no ônibus alto lá atrás*... ou melhor... no banco alto lá atrás do ônibus... né? perto do trocador ali... e tinha dois bancos altos... mais atrás... que era um do lado esquerdo e um do lado direito... aí estava sentado dois camaradas... nisso veio um...

SUMÁRIO

> *sentou atrás do... do meu banco... né*? *e outro veio e sentou*:: e o outro que estava sentado no banco esquerdo... veio e chegou perto de mim... e com um pano enrolado na mão... um volume na mão... ele chegou pra mim e disse assim... "eh: : isso é um assalto... você me dá o seu dinheiro que você tem aí: : e esse relógio aí"... aí eu olhei pro lado... olhei pro outro... não tinha... como reagir mesmo... dentro do ônibus... e depois *se o cara está armado*... tomo um tiro de bobeira... não vou fazer isso... *aí eu tirei o relógio* e: : *dei pra ele normalmente*... aí ele ainda ficou perguntando se eu tinha... algum dinheiro... né? quis ver o meu bolso... aí eu puxei disse que não tinha dinheiro nenhum... ele pediu a minha carteira/ ele pegou o dinheiro... ele até pegou o dinheiro *que estava aqui no meu bolso*... (Marcelo, 19 anos, Ensino Médio, narrativa de experiência pessoal, *Corpus Discurso e Gramática* – cidade de Niterói)

De acordo com a classificação proposta por Hopper, podemos dizer que o falante codificou as informações contidas em "eu sentei no ônibus alto lá atrás", "sentou atrás do... do meu banco... né?", "e outro veio..." "e sentou", "aí eu tirei o relógio" e "e: : dei [o relógio] pra ele normalmente" como sendo do plano Figura. Sabemos disso por causa das características morfossintáticas e semântico-discursivas das orações. Observemos que essas orações indicam ações acabadas, com sujeitos humanos, tópicos etc., ou seja, todas as características do que é descrito na primeira coluna do quadro (1). Já as orações marcadas com grifo duplo são do plano do Fundo e exercem diferentes funções: (a) a oração "minha mãe sempre ficava encarnando" expressa uma ação duradoura através do verbo *ficar* mais um verbo no gerúndio; (b) a oração "ele fica vazio" expressa uma caracterização do cenário do assalto com sujeito não-humano (o ônibus), verbo de ligação no presente e predicativo; (c) "se o cara está armado" codifica uma suposição do falante, pois ele não tinha certeza se o assaltante estava armado ou não; com verbo de estado no presente; e (d) "que estava aqui no meu bolso" está dentro de

SUMÁRIO

uma oração figura ("ele até pegou o dinheiro que estava aqui no meu bolso"), mas é uma oração que restringe o referente dinheiro – é uma oração subordinada com sujeito inanimado, verbo que não indica ação terminada. Com esses exemplos, demonstramos que, na nossa língua, não há morfemas para expressar Figura e Fundo, diferentemente do suaíli, mas os falantes têm meios de sinalizar o que é Figura e o que é Fundo.

Vejamos a seguir uma parte de uma notícia publicada no G1:

(2) A Polícia Civil investiga a morte de um porteiro na rua Barão da Torre, em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro, neste domingo. *Segundo testemunhas, Leonardo Monsores da Silva, de 45 anos, se apoiou em um poste quando teria recebido uma descarga elétrica. Na sequência ele teria caído e batido com a cabeça*.

Fonte: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/porteiro-morre-apos-encostar-em-poste-na-zona-sul-do-rio-de-janeiro/. Acesso em: 30 mar. 2024.

Podemos dizer que a primeira oração destacada com um grifo é uma oração do plano Figura com sujeito agentivo, verbo indicando ação acabada; a oração "quando teria recebido uma descarga elétrica" codifica outro plano, o plano Fundo, com o sujeito, que passa a sofrer a ação, com uma forma verbal no futuro do pretérito indicando uma hipótese. As orações seguintes, "Na sequência ele teria caído" e "e batido com a cabeça", são também porções do plano de Fundo, expressando hipóteses para a morte que ainda está sendo investigada.

Embora essa visão dicotômica dos planos discursivos seja muito boa e tenha trazido avanços para a área dos estudos da linguagem, não conseguiu dar conta de demonstrar que há orações de fundo mais parecidas com as orações de figura, enquanto outras são muito diferentes. Ou seja, seria preciso analisar as orações, observando que há orações de Figura prototípica e vários graus de orações de Fundo. Orações que marcam o tempo do evento,

SUMÁRIO

como as adverbiais temporais, são mais próximas do plano Figura, enquanto orações adverbiais com alto grau de subjetividade, como as concessivas, são mais distantes da Figura. Isso significa que o que Hopper chama de Fundo abarca um número muito diferente de tipos de orações.

Por essa razão, alguns estudiosos fizeram outras propostas para mostrar a gradiência entre a oração prototípica de Figura e vários níveis de Fundo. Também houve desenvolvimento de trabalhos que não se restringiam a textos narrativos, como Martelotta (inédito) e Lemos (2020). Para aprofundarmos o estudo da gradiência dos planos discursivos em narrativas, apresentaremos na próxima seção contribuições de duas pesquisadoras brasileiras: os estudos de Silveira (1990) e Conceição (2010)[37].

4. OS NÍVEIS DE FUNDO

Silveira (1990) contribui com a teoria de Figura e Fundo ao apresentar novos níveis para as cláusulas Fundo. Para tal, ela propõe 5 níveis de Fundo, os quais formam uma gradação, indo do Fundo mais próximo a Figura até o mais distante.

Desse modo, o quadro a seguir exemplifica os 5 níveis de Fundo definidos por Silveira:

37 A pesquisa de Conceição foi orientada pela coautora deste capítulo.

Quadro 2 – Hierarquia da Fundidade

Categoria	Grau de objetividade (do mais para o menos icônico)	Como são	Tipo de cláusula-Fundo (relação funcional entre as cláusulas)
Fundo 1	mais próximo do real, mais concreto.	cláusulas[38]-Fundo que apresentam informações concretas sobre o evento.	apresentação do evento; apresentação do cenáro; apresentação dos participantes; apresentação da fala dos participantes.
Fundo 2	ainda próximo do real, mas mais abstrato.	cláusulas-Fundo que, através de circunstâncias, especificam o âmbito em que os fatos se deram.	especificação de tempo; especificação de modo; especificação de finalidade.
Fundo 3	próximo da estrutura do texto (mais abstrato e elaborado linguisticamente).	cláusulas-Fundo que especificam vocábulos da cláusula anterior.	especificação de referente;
Fundo 4	próximo da interpretação do falante ao assistir ao evento.	cláusulas-Fundo que especificam relações inferidas dos fatos narrados.	especificação de causa; especificação de consequência; especificação de adversidade.
Fundo 5	próximo do ato de narração.	cláusulas-Fundo que apresentam interferências do falante no evento que está narrando.	apresentação de opinião; apresentação de resumo; apresentação de dúvida; apresentação de conclusão; apresentação de canal.

Fonte: adaptado de Conceição (2010. p. 32).

O Fundo 1, por apresentar informações mais reais e concretas, bem como apresentar o evento contado, descrever o espaço da narrativa, participantes e fala das pessoas envolvidas na ação, acaba por ser o mais próximo da figura. No Fundo 2, são encontrados os detalhes sobre o tempo em que aconteceu a história, a maneira sobre como esses fatos ocorreram e a motivação da narrativa. O Fundo 3 especi-

38 Cláusula é sinônimo de oração.

SUMÁRIO

fica a quem é destinada a ação, bem como especificidades de algum processo ou ação presentes na narrativa. O Fundo 4 detalha causas, consequências e conflitos situacionais. Já o Fundo 5 é o mais distante da Figura, representando, assim, o fundo prototípico, apresentando as opiniões do narrador, resumindo o que foi narrado ou levantando questionamentos e hipóteses, bem como trazendo uma conclusão.

Vejamos alguns exemplos extraídos de um conto de Machado de Assis:

(3) *Tinha perto de sessenta anos*, e desde os cinco toda a gente lhe fazia a vontade. *Se fosse só rabugento*, vá; *mas ele era também mau*, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião. Não tardou a ocasião. Um dia, como lhe não desse a tempo uma fomentação, *pegou da bengala e atirou-me dois ou três golpes*. Não era preciso mais; *despedi-me imediatamente*, *e fui aprontar a mala*. Ele foi ter comigo, ao quarto, pediu-me que ficasse, que não valia a pena zangar por uma rabugice de velho. Instou tanto que fiquei.

(...)

Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d'Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, a pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o remédio. *Ou fosse de cansaço*, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também. Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, *que parecia delirar*, continuou nos mesmos gritos. (*O Enfermeiro*)

Destacamos com um grifo quatro das orações Figura do trecho. Observemos que as quatro têm sujeitos humanos, agentivos, tópicos e verbos que indicam ações acabadas. Todas estão codificadas como orações coordenadas. Já as orações com dois grifos

SUMÁRIO

codificam diferentes tipos de Fundo, de acordo com a escala de fundidade. A oração "Enquanto ele dormia" expressa um evento que ocorre em tempo concomitante a outro, tendo o papel de especificar o tempo em que a ação seguinte ocorreu. É, portanto, uma oração de Fundo 2, Já a oração "Ou fosse de cansaço" expressa uma dúvida e apresenta uma interferência do narrador acerca do evento que está narrando. Essa oração é, portanto, uma oração de Fundo mais distante do plano Figura, tratando-se, na escala proposta, de uma oração de fundo 5. Por fim, vejamos outro exemplo, a oração destacada "que parecia delirar". Essa oração especifica o referente "*Ele*" (o coronel) da oração antecedente. Na escala de fundidade, temos aí um caso de oração que codifica o fundo 3.

Vale destacar que as orações Figura são, do ponto de vista formal, mais simples do que as orações de fundo, pois são em sua maioria orações justapostas ou coordenadas na voz ativa e na ordem sujeito-verbo-objeto. Narrativas, estruturalmente mais simples, possuem muitas orações que codificam Figura; e, ao contrário, textos com muitas orações de fundo são estrutural e cognitivamente mais complexos.

Silveira (1990; 1997) demonstra que estudantes do ensino fundamental têm mais facilidade de compreensão das informações de Figura nos textos didáticos de livros como os da disciplina História. A autora também verificou o número de orações fundo no material didático e na fala de professores, assim como em enunciados de provas e de exercícios. Os resultados de sua análise demonstram que o discurso da escola, em todas as disciplinas, principalmente na fala do professor, apresenta uma quantidade bem elevada de cláusulas fundo, totalizando 85,3%. Desse modo, a autora chega a três conclusões:

a. a escolarização favorece o aumento do número de cláusulas fundo no discurso;

SUMÁRIO

b. o discurso da escola está distante do discurso do aluno no que se refere à densidade de cláusulas fundo;

c. essa distância pode ser um dos motivos do fracasso escolar.

Assim, os professores de língua portuguesa devem ocupar um maior tempo das aulas de interpretação de textos com atividades que levem à reflexão das informações presentes no plano de fundo; e um tempo maior também com aulas de análise sintática voltadas para a forma das orações do plano de fundo, como os períodos compostos em que tenham orações condicionais, concessivas e várias orações encaixadas (adjetivas).

Conceição (2010), procurando analisar a recontagem de uma narrativa ficcional, para análise de informações de figura e de fundo, realizou testes com informantes de diferentes graus de escolaridade: os informantes leram o texto e depois, sem acesso ao texto, o reescreveram com o comando de escreverem para um familiar ou amigo. Ao fazer a análise dos textos reescritos, a autora verificou que os informantes lembraram mais de informações que estavam em orações do plano de Figura ou de Fundo mais próximo da figura (fundo 1 ou 2 na escala de Silveira). Além disso, quanto maior a escolaridade, mais informações de fundo são reescritas pelos alunos. Isso levou a autora a conceber que as informações contidas nas orações de fundo ou não são compreendidas pelas crianças ou não são lembradas em atividades de reescrita.

Os resultados da pesquisa de Conceição também fortalecem e apontam para a necessidade urgente de professores do ensino fundamental trabalharem mais com questões de interpretação de textos que foquem nos planos de Fundo, uma vez que as informações da Figura são mais facilmente apreendidas pelas crianças. Questões como "O que o personagem fez?" e "Quando ele fez X?" focam a Figura ou o plano de Fundo muito próximo ao da Figura. Mas, perguntas como "Sob que condição/condições algo aconte-

SUMÁRIO

cerá ou aconteceu?", "Por que ocorreu X?", têm como foco orações adverbiais condicionais e causais, ou seja, orações que estão no plano do Fundo, mas que são importantíssimas para a compreensão textual. São informações ligadas ao domínio da condição e da causa, por exemplo, que são muito requeridas nas avaliações de diversas disciplinas como História. Assim, para os alunos produzirem e interpretarem textos mais complexos, precisam fazer atividades que os levem a observar os efeitos das informações que estão no plano de fundo e no modo como esse plano é codificado linguisticamente em diferentes gêneros textuais.

Um tema da Linguística Funcionalista Norte-americana muito vinculado aos planos discursivos é o da Transitividade da oração, que será abordado aqui muito rapidamente, pois merece um outro capítulo para alunos da graduação. Hopper & Thompson (1980) demonstraram que transitividade não é uma categoria apenas do verbo, como pregavam os estudos da tradição gramatical e dos formalistas, mas é uma propriedade de toda a oração e deve ser vista como escalar.

Assim, a partir de um estudo que incluía diversas línguas, os autores estabeleceram dez parâmetros para medir transitividade, são eles: (1) dois ou mais participantes ou apenas um participante do evento; (2) participante-sujeito agentivo ou não; (3) participante--sujeito volitivo ou não; (4) participante-sujeito realiza o evento de forma intencional ou não (5) verbo que indica ação ou não; (6) ação acabada ou não; (7) objeto afetado ou não; (8) objeto individuado ou não; (9) modo *realis* ou não; e (10) verbo indicando uma ação pontual ou não[39]. Assim, uma oração altamente transitiva é aquela em que uma ação praticada por um participante agentivo e volitivo realiza e afeta um participante individuado, como "(o velho) atirou-me dois ou três golpes" do trecho do texto de Machado de Assis anterior.

39 Uma abordagem mais profunda sobre Transitividade da oração pode ser lida em FURTADO DA CUNHA; SOUZA (2007).

Orações altamente transitivas configuram o plano da Figura. Já orações em que alguns dos parâmetros mencionados são negativos têm diferentes graus de transitividade e podem estar em diferentes porções de Fundo.

A seguir, apresentamos alguns exercícios para estudantes da área de Letras aplicarem os conhecimentos sobre a forma como a Linguística Funcionalista analisa dados e, mais particularmente, como analisa os planos de Figura e Fundo. São 3 questões que podem ser feitas em grupo na sala de aula:

1. A partir dos temas discutidos e dos exemplos comentados neste capítulo, analise os trechos destacados e classifique-os em Figura ou Fundo, conforme a proposta de Hopper (1979). Escolha uma oração Figura prototípica, ou seja, aquela que tem os dez parâmetros da transitividade positivos.

Trecho (1)

E: bem... Isabelle... agora vou pedir a você pra contar uma outra história pra mim... que tenham contado pra:: você... que tenha acontecido com alguém... que você conheça... que você tenha achado triste... alegre... ou interessante... pode contar...

I: (1) *meu amigo me contou uma vez*... que:: ele tinha uma... uma... conhecida dele... que:: ela era/ (2) *ela ia muito à igreja*... (3) *ela era*... *evangélica*... aí... ela::/ o pessoal/ o révei/ uma ve/ ela gostava muito de um ator... só/ aí ela não sa/ (4) *ela não queria sair da frente da televisão*... pra ver esse ator... (5) *aí*... *todo mundo chamava "vamos pra igreja*... *vamos pra igreja"* ela "não... eu quero... eu quero ver o ator" aí... um dia... eh... ela estava no... no trem... aí... o/ esse ator apareceu pra ela... (6) *só que ninguém via*... só ela... aí ele... ele... (7) *ele ficava*... *chamando ela pra ir num lugar*... ela falava "que lugar?" ele não queria falar... "vamos... depois você vê"

Trecho (2)

SUMÁRIO

E: Mas como foi essa tentativa de assalto? Conta aí pra mim como é que foi?

F: Bom, (1) *eu estava andando assim na rua*, olhando umas vitrines, (2) *quando eu percebi* alguém chegá assim ao meu lado. Quando eu fui ver era um cara, o cara estava... o cara até mal encarado, aí eu disfarcei, né, (3) *falei "O quê?"*. Aí ele "Me dá o relógio aí". (4) *Eu fui disfarçando* e pensando: "O que que eu vou fazer agora? Esse cara tá aqui do meu lado pedindo o meu relógio. (5) *Será que ele tá armado*, (6) *será que num tá*? (7) *Será que tem alguém com ele*, será que num tem? Aí, eu, pô, disfarçando. O cara: "Me dá aí, me dá aí" Aí eu fiquei, pô, nunca demorei tanto (8) *prá tirá um relógio na minha vida*. (9) *Aí eu entrei numa loja* e fiquei olhando pra ver qual era a dele, (10) *se ele ia ficá esperando* (11) *ou se ele ia embora*. Aí ele olhou assim, ficou meio sem saber o que fazer e foi embora, porque ele sabia que (12) *se ele continuasse ali* (13) *eu poderia*, *sei lá*, *chamá a ajuda de alguém*, tenta cha- algum policial, ou alertá, né, pô, aquele cara ali é um ladrão, alguma coisa desse tipo. Bom, eu acho que essa foi uma das coisas mais perigosas da minha vida. Não tive coisas muito perigosas assim não. (Amostra Censo 2000 (PEUL/UFRJ)

2. Baseando-se no que foi visto sobre Figura e graus de fundidade, a partir da proposta de Silveira (1997), analise os trechos destacados na narrativa recontada a seguir.

I: [ahn... ahn]... ah::... essa eu... eu me lembro sim... achei tão engraçada... foi um ami/ um noi/ não... um amigo de um amigo meu... (1) *que foi jantar na casa da noiva*... aquele jantar assim... primeira vez e tal... oficializar o noiva::do... aí ele::... estava jantando e tal... ele...(2) *ele já não gosta muito de bife...* de carne... aí estava lá... não conseguia partir o bife de jeito nenhum e tal... (3) *aí ele chamou a atenção do pessoal... pra uma outra coisa*... entendeu? apontou assim pro outro lado da

mesa... e ele viu que tinha uma janela atrás ((riso de E)) (4) *ele pegou o bife* e tacou ((riso)) mas ele não reparou muito... (5) *a janela estava fechada...* ((riso)) sério... (6) *o bife saiu...* bateu na janela... e começou a escorrer... grudou... escorreu... (7) *quando eu* (*ouvi*) *ele contando aquilo*... cara... eu dei/ muito... (8) *foi muito engraçado ele contando...* ele contando o que aconteceu com ele... cara... foi muito engraçado... (Valéria, 23 anos, Ensino Superior, narrativa recontada, *Corpus Discurso e Gramática* - cidade do Rio de Janeiro)

3. A partir do que você leu sobre planos discursivos e as pesquisas que relacionam os planos a graus de complexidade textual, analise os dois textos a seguir, sobre um mesmo fato ocorrido no Rio de Janeiro, e diga qual é o mais complexo. Comente a sua análise.

a. **Notícia do G1**:

Um porteiro morreu na Rua Barão da Torre, em Ipanema, na Zona Sul do Rio, neste domingo (17). Segundo testemunhas, ele teria sofrido uma descarga elétrica.

Vizinhos contaram que ele estava sentado na calçada quando se apoiou no poste e caiu. Na queda, ele bateu a cabeça. Ele foi identificado como L.M.S.[40]

O socorro levou cerca de 40 minutos para chegar, de acordo com quem estava no local. Testemunhas disseram que o Samu tentou reanimá-lo, mas sem sucesso.

Bombeiros foram acionados e ajudaram a isolar o poste, que estava energizado. Moradores do local disseram que outras pessoas já tinham reclamado de choques no mesmo poste.

Procurada, a Light informou que o poste pertence à Rioluz.

40 Tanto o G1 como a CNN informaram o nome completo do porteiro, mas aqui preferimos apenas colocar as letras iniciais de seu nome.

SUMÁRIO

Em nota, a Rioluz lamentou o falecimento e disse que "uma equipe técnica da concessionária Smart Luz esteve no local e constatou ligações clandestinas (gatos) no circuito de iluminação pública que alimenta o poste". Disse ainda que apura as causas do acidente.

(...)

Uma equipe de perícia da Polícia Civil foi ao local. A corporação informou que o caso foi registrado na 14ª DP (Leblon) e diligências estão em andamento para esclarecer as circunstâncias da morte.

Fonte: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/03/17/porteiro-morre-em-ipanema.ghtml. Acesso em 30 mar. 2024.

b. **Notícia da CNN Brasil**:

A Polícia Civil investiga a morte de um porteiro na rua Barão da Torre, em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro, neste domingo (17). Segundo testemunhas, L.M.S, de 45 anos, se apoiou em um poste quando teria recebido uma descarga elétrica. Na sequência ele teria caído e batido com a cabeça.

O laudo do Instituto Médico Legal (IML), que vai confirmar se o choque teria realmente sido a causa da morte, ainda não ficou pronto. O prazo é de até 30 dias.

Segundo a RioLuz, que é responsável pela iluminação pública na cidade do Rio, após o relato do acidente, uma equipe técnica da concessionária que faz a manutenção da rede, a Smart Luz, esteve no local e constatou ligações clandestinas (gatos) no circuito que alimenta o poste. Os funcionários, então, desligaram o circuito "pelo risco iminente aos pedestres", disse a empresa em nota.

A RioLuz lamentou o falecimento do porteiro e se solidarizou com os familiares. A empresa disse, ainda, que irá cobrar da concessionária a apuração de todo o incidente para que sejam adotadas todas as medidas de segurança necessárias.

SUMÁRIO

Isso, no entanto, pode atrapalhar o trabalho da Polícia Civil, que pretende pedir esclarecimentos à concessionária, uma vez que, de acordo com o delegado Eduardo Aragão, o reparo no poste aconteceu antes da realização da perícia.

(...) A Polícia Civil, por meio da Delegacia do Leblon (14ª DP), que investiga o caso, também busca imagens de câmeras de segurança que possam ter flagrado o momento do suposto choque.

Fonte: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/porteiro-morre-apos-encostar-em-poste-na-zona-sul-do-rio-de-janeiro/. Acesso no dia 30 mar. 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, revisitamos um dos temas mais importantes tratados pela Linguística Funcionalista e ligado ao Princípio da Iconicidade: a codificação linguística dos planos Figura e Fundo. Nosso objetivo é levar aos graduandos em Letras o conhecimento do assunto e levá-los a fazer análise de textos diversos com as ferramentas do funcionalismo linguístico.

A partir da reflexão e de atividades em salas de aula de cursos de Letras (ou cursos de pós-graduação em Letras ou Linguística), os alunos, quando formados, poderão criar atividades de análise de textos em turmas do Ensino Fundamental e Médio. Poderão trabalhar, sobretudo, com as informações de fundo, tão importantes para interpretar textos de todas as disciplinas, como os de História, disciplina que demanda que os alunos foquem em causas e consequências de eventos históricos ou nas condições para esses eventos tenham ocorrido e não propriamente na memorização dos eventos em si e nas suas datas.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. **Língua**, **uso e cognição**. 1a ed. São Paulo: Editora Cortez, 2016[2010].

CEZARIO, M. M. FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.) **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. 1. ed. Rio de Janeiro: MauadX : FAPERJ, 2013.

CONCEIÇÃO, P. **Planos discursivos em diferentes níveis de escolaridade**: estudo de recontagem de figura e fundo. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em linguística (UFRJ), Rio de Janeiro, 2010.

CUNHA, M. A. F., OLIVEIRA, M. R. & MARTELOTTA, M. (Orgs.) **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, Criatividade e Produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa**, São Paulo, v. 67, e15041, 2023.

GIVÓN, T. **Syntax**: A Functional-typological introduction 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

HOPPER, P. J. Aspect and Foregrounding in Discourse. *In:* **Discourse and syntax**. Ed. By Talmy Givón. New York: Academic Press, 1979, p. 213-41.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. *In:* **Language**, v. 56, n. 2, 1980.

LEMOS, M. C. L. **Plano discursivo em perspectiva funcional**: mecanismos textual-discursivos e pragmáticos em artigos de opinião. 2020. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em estudo da linguagem (UFRN), Natal, 2020.

MARTELOTTA, M. E. (org). **Manual de Linguística**. 1a Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Figura e fundo** - uma proposta prática de análise. Manuscrito, inédito.

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo lingüístico. *In*: **Linguagem & ensino**. Pelotas, v. 10, n. 1, p. 87-108, jan. – jun., 2007.

SILVEIRA, E. **Relevância em Narrativas Orais**. 1990. Dissertação de Doutorado. Programa de pós-graduação em linguística (UFRJ), Rio de Janeiro, 1990.

SILVEIRA, E. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SUMÁRIO

7

Éccia Alécia Barreto (UFS)
Iasmin Brito da Silva (UFS)
Letícia Rocha Farias Lima (UFS)
Letícia Lorrany Santos de Santana (UFS)

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL:

UMA ANÁLISE EM REDAÇÕES NO PROJETO "OFICINAS DE REDAÇÃO NO CODAP/UFS"

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-407-0.7

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

O Exame Nacional de Ensino Médio tem como objetivo avaliar o estudante ao final do ensino básico. Por meio dele, verifica-se não somente o conhecimento adquirido em todos os componentes curriculares, mas também, através do texto dissertativo-argumentativo, a habilidade de escrita, a criticidade do estudante, e, ainda, incentiva o exercício da cidadania com temas pertinentes ao contexto social vivido. Para isso, ao redigir uma redação no modelo proposto pelo exame, o discente precisa atender a cinco competências exigidas, sendo cada uma delas equivalente a 200 pontos.

De acordo com a matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio, a Competência 1 avalia se o texto atende à norma culta da língua portuguesa. A Competência 2 verifica a compreensão do tema, a adequação do texto à estrutura do tipo dissertativo-argumentativo, além da legitimidade, pertinência e produtividade do repertório sociocultural do participante em relação ao tema proposto. Essa competência está interligada, também, à competência 3, a qual examina a argumentação e o projeto de texto do aluno. A competência 4, foco desta pesquisa, afere o conhecimento de mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação, dizendo respeito à "estruturação lógica e formal das partes da redação" (Brasil, 2023, p. 18). Por fim, a competência 5 averigua se dentro da proposta de intervenção estão os 5 elementos exigidos. São eles: agente (quem irá resolver o problema), ação (o que será feito para resolver os problemas apresentados), meio/modo (por meio de que ou como será feito), efeito (qual finalidade terá) e o detalhamento que pode ser de qualquer um dos agentes supracitados.

Sendo assim, tais elementos visam diagnosticar tanto o conhecimento do aluno referente aos diversos aspectos formais da língua portuguesa quanto a capacidade de articular argumentos e expressar sua opinião como cidadão, bem como o olhar

crítico acerca de problemáticas da esfera social, sendo essas competências "desenvolvidas no decorrer dos anos de escolaridade" (Brasil, 2023, p. 4).

Atualmente, a redação se tornou importantíssima para ingressar em uma universidade, o que fez com que muitos alunos procurassem meios de tirar uma boa nota e muitos professores desenvolvessem métodos para essa finalidade. Um desses métodos é o chamado "modelo pronto de redação". Sendo assim, esta pesquisa procura verificar, a partir de redações produzidas por discentes participantes do projeto "Oficina de Redação: um espaço de interação entre a leitura e a escrita no Colégio de Aplicação (CODAP-UFS)", a evolução dos alunos na escrita do texto dissertativo-argumentativo. Para tanto, o foco na competência 4 busca analisar aspectos de coesão sequencial em uma construção textual autoral. Além disso, a pesquisa busca dissertar acerca das implicações e problemáticas do uso do modelo pronto em uma prova que avalia a construção de conhecimento nos anos de educação básica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Visando o texto como uma unidade de sentido, Marcuschi (2008) o reitera como

> o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. Esse fenômeno não é apenas uma extensão da frase, mas uma entidade teoricamente nova. Exige explicações que exorbita as conhecidas análises do nível morfossintático (Marcuschi, 2008, p. 72).

Destarte, o texto é visto como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas (Beaugrande, 1997 *apud* Marcuschi, 2008). Sendo assim, a Linguística Textual nasce

SUMÁRIO

para explicar certos fenômenos linguísticos que aparecem no texto, os quais as teorias linguísticas tradicionais não conseguiram elucidar.

À luz da Linguística Textual, tendo como objeto de estudo o texto como processo de uma atividade sociocognitivo-interacional de construção de sentidos (Koch, 2014), a pesquisa traz à baila o conceito de coesão textual de Koch (1999), no qual é ressaltado que a coesão concerne à forma em como os elementos linguísticos estão expostos na superfície do texto, sendo construída por meio de recursos linguísticos e desencadeando sequências, as quais geram o sentido de forma coesa e coerente.

Assim, considera-se a competência 4 do Exame Nacional do Ensino Médio (Brasil, 2023), que requer o conhecimento de mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. Nessa competência, são analisados os mecanismos de coesão os quais colaboram para a construção de um texto coeso e coerente. Portanto, seguindo esse referencial teórico, o presente estudo visa comparar o uso correto dos mecanismos de coesão para o desenvolvimento de autoria textual e as inadequações do uso e superficialidade de sentido na utilização de um modelo pronto de redação.

3. METODOLOGIA

Para realização do presente trabalho, foram utilizadas como objeto de estudo redações recolhidas do projeto de extensão "Oficinas de Redação: Um espaço de interação entre a leitura e a escrita no Colégio de Aplicação (CODAP-UFS)".

O *corpus* da pesquisa é composto pelo quantitativo de dez textos dissertativo-argumentativos, modelo do Exame Nacional do Ensino Médio, sendo cinco redações produzidas por um dos participantes do projeto – nomeado, para fins de pesquisa, Discente A

SUMÁRIO

– e cinco produzidas por outro participante – nomeado, para fins de pesquisa, Discente B. Ambos os participantes possuíam frequência constante na turma vespertina do projeto, o que possibilitou o acompanhamento de seu desenvolvimento pelas ministrantes do curso. Acerca das aulas, estas eram ministradas no horário das 14h às 15h30, às quintas-feiras, no Colégio de Aplicação/UFS. As redações em questão foram escritas todas às quintas-feiras no período de 18 de maio a 31 de outubro de 2023.

Acerca do local de produção dos textos, oito deles (quatro do Discente A e quatro do Discente B) foram produzidos de acordo com a sequência padrão das atividades de escrita do projeto – discussão de tema em sala de aula, produção da redação em casa, correção individual e *feedback* na aula seguinte à entrega. Adicionalmente, dois (uma do Discente A e uma do Discente B) foram produzidos em sala de aula, com realização supervisionada pelas discentes ministrantes do curso, integrando as atividades de simulado cronometrado (1h30 de duração) realizadas ao decorrer do curso.

A análise dos textos dissertativo-argumentativos considerou o uso de conectivos como recurso de coesão textual, de acordo com a colocação requisitada pela Competência 4 do Exame Nacional do Ensino Médio (Brasil, 2003). A coesão sequencial foi o aspecto colocado em evidência, buscando evidenciar os usos desses elementos no texto: o repertório de conectivos utilizados pelos alunos e sua recorrência ou diversidade, a colocação adequada ou inadequada dos termos e seus efeitos na sequenciação do argumento construído. Adicionalmente a isso, a análise investigou a utilização de estruturas padrões de uso de conectivo e argumentação nas redações, populares "modelos prontos de redação". Para essa discussão, serão comparadas as redações do Discente A, cuja produção não foi refém de materiais externos além dos ofertados na Oficina, e do Discente B, que optou, por escolha própria, pela utilização de modelos prontos de redação retirados da internet.

SUMÁRIO

Portanto, a presente análise busca examinar o uso de conectivos sequenciais em textos dissertativo-argumentativos (padrão ENEM) e as implicações da padronização desse gênero. Essas implicações incluem o desenvolvimento de autonomia crítica por meio da autoria de opinião, autoria essa exposta e propiciada pela capacidade argumentativa e assimilação das colocações gramaticais e funções dos recursos coesivos em seu texto.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A habilidade EM13LP02 da Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2017) demanda do aluno o conhecimento acerca de elementos e de recursos de coesão textual. De acordo com as redações avaliadas, é evidente que essa habilidade foi trabalhada, uma vez que os dois discentes, em todas as redações, fazem uso de mecanismos de coesão textual. Um dos mecanismos utilizados é a coesão referencial, também chamada de referenciação, que constitui uma atividade discursiva (Koch, 1999) e pode ser definida como a ação de referir (Cavalcante, 2016). Adicionalmente, os discentes fazem uso da coesão sequencial, também chamada de sequenciação, que acontece por meio dos variados tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas na progressão textual (Koch, 1999). Levando essas categorias em consideração, a presente análise terá como foco o uso da coesão sequencial nos parágrafos das redações dos discentes.

Apesar dos conectivos utilizados, ao comparar as redações do discente A e do discente B, respectivamente, fica evidente que o discente A elabora sua própria argumentação, demonstrando autenticidade e criatividade. Essa evidência se prova ao avaliar que ele emprega – de forma adequada – uma gama mais ampla de conectivos ao longo do seu texto, não cometendo repetições e inadequações. Em contraste, o discente B, que utiliza um modelo visivelmente

SUMÁRIO

pré-fabricado e padronizado, tem como resultado uma pontuação inferior na competência 4 do ENEM. Isso ocorre pois, uma vez que utiliza um modelo genérico, desenvolvido para se encaixar em todos os temas, o discente acaba empregando os conectivos de maneira repetitiva e inadequada no seu texto, cometendo diversas repetições vocabulares, mecanismos de coesão de maneira incorreta e quebra da relação pretendida (contraste, causa-consequência, adição etc.).

Além disso, em específico, nas redações feitas em simulados cronometrados, nas quais não era permitido o uso de material de consulta, apenas a utilização dos textos motivadores disponibilizados, o Discente B não fez o uso de conectivos. Essa questão deixa em evidência o uso de uma redação pronta e que, quando é preciso fazer uso dela sem consultar os seus materiais, o Discente B não consegue reproduzir exatamente o que está no seu modelo.

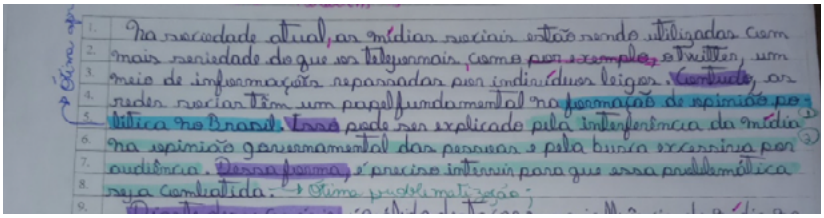
Assim, fica explícito como a criação de modelos prontos como uma "estratégia" é, na realidade, um empecilho para o aprendizado do aluno, uma vez que, ao se apoiar na estrutura fixa do modelo pronto, o aluno não atribui significado ao uso de recursos coesivos em seus argumentos. Ao fazê-lo, afeta a funcionalidade desses recursos no texto e, consequentemente, o encadeamento lógico de ideias pelo qual preza a coesão textual.

Em sequência, para melhor visualização do exposto, será analisado o uso de recursos coesivos utilizados em excertos de redações produzidas pelos discentes A e B, respectivamente.

O parágrafo exposto na Imagem 1 se trata-se de uma introdução, cuja temática desenvolvida é "Opiniões políticas nas redes sociais". Nele, é possível analisar o uso diversificado de mecanismos de coesão pelo Discente A. Ele utiliza variados conectivos para iniciar os períodos do seu texto, o que enriquece a sua redação, traz coerência textual, organização para a argumentação e a boa relação das ideias apresentadas.

SUMÁRIO

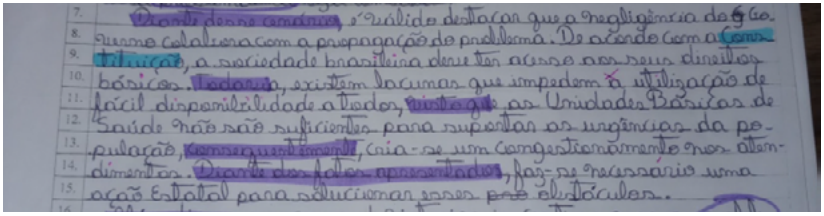
Imagem 1 - Parágrafo escrito pelo Discente A[41]



Fonte: Acervo das oficinas.

Além disso, no primeiro parágrafo de desenvolvimento da redação (Imagem 2), também é evidente a diversidade de conectivos utilizados, o que contribui para a sequenciação lógica (Koch, 1999) das ideias apresentadas.

Imagem 2 - Parágrafo escrito pelo discente A[42]



Fonte: Acervo das oficinas.

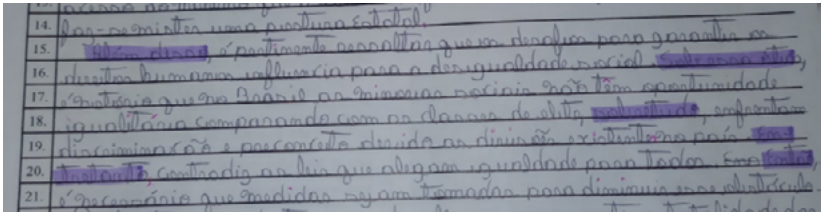
41 Transcrição do texto contido na imagem: "Na sociedade atual as midias sociais estão sendo utilizadas com mais seriedade do que os telejornais como por exemplo, o Twitter, um meio de informações repassadas por individuos leigos. contido, as redes socias têm um papel fundamental na formação de opinião politica no Brasil. isso pode ser explicado pela interferência da midia na opinião governamental das pessoas e pela busca excessiva por audiência. Dessa forma, é preciso intervir para que essa problemática seja combatida".

42 Transcrição do texto da imagem: "Diante desse cenário, é válido destacar que a negligência do Governo colabora com a propagação do problema. De acordo com a constituição, a sociedade brasileira deve ter acesso aos seus direitos básicos. Todavia, existem lacunas que impedem à utilização de fácil disponibilidade a todos, visto que as Unidades Basicas de Saúde não são suficientes para suportar as urgências da população, consequentemente, cria-se um congestionamento nos atendimentos. Diante dos fatos apresentados, faz-se necessário uma ação Estatal para solucionar esses obstáculos".

SUMÁRIO

Ao realizar a análise do segundo parágrafo de desenvolvimento (Imagem 3), cuja proposta temática foi "A desigualdade social na sociedade brasileira", fica evidente que o discente A faz o uso diversificado de mecanismos de coesão. O discente utiliza tanto um conectivo para iniciar o segundo parágrafo de desenvolvimento e relacionar as ideias apresentadas no parágrafo anterior com o novo parágrafo escrito, quanto para iniciar os períodos do seu texto. Esse fator enriquece a sua redação, trazendo coerência textual e organização para a argumentação.

Imagem 3 - Parágrafo escrito pelo discente A[43]



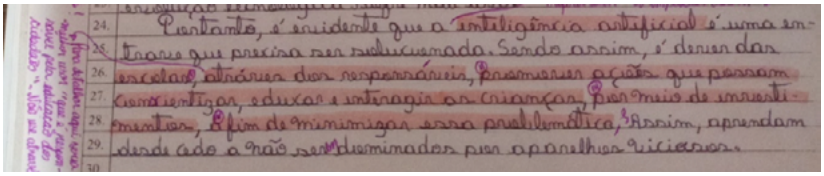
Fonte: Acervo das oficinas.

No parágrafo de conclusão (Imagem 4) sobre a temática "Os impactos da inteligência artificial na atualidade", também foi analisado o uso adequado e diverso de conectivos conclusivos que trouxeram sentido para a proposta apresentada.

43 Transcrição do texto da imagem: "Além disso, é pertinente ressaltar que os desafios para garantir os direitos humanos influencia para a desigualdade social. Sob essa ótica, é notório que no brasil as minorias sociais não têm oportunidade igualitária comparando com as classes de elite, sobretudo, enfrentam discriminação e preconceito devido as dividões existentes no país. Entretanto contradiz as leis que alegam igualdade para todos. Então é necessário que medidas sejam tomadas para diminuir esse obstáculo".

SUMÁRIO

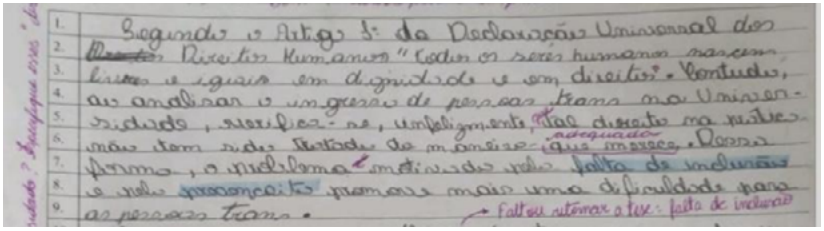
Imagem 4 - Parágrafo escrito pelo Discente A[44]



Fonte: Acervo das oficinas.

Na redação de temática "Os desafios para o ingresso de pessoas trans nas universidades brasileiras", os parágrafos, respectivamente, de introdução (Imagem 5) e conclusão (Imagem 6) do Discente B, trazem uma repetição do conectivo "Dessa forma", apresentado em ambos os parágrafos para relacionar e fazer a sequenciação das ideias apresentadas na argumentação. Essa repetição demonstra uma escassez de variedade vocabular, uma vez que o discente não possuía repertório amplo e, portanto, precisou repetir o conectivo para trazer coerência para a sua argumentação.

Imagem 5 - Parágrafo escrito pelo Discente B[45]



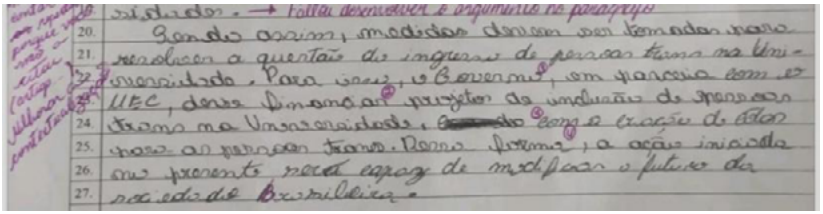
Fonte: Acervo das oficinas.

44 Transcrição do texto da imagem: "Portanto, é evidente que a inteligência artificial é uma entrave que precisa ser solucionada. Sendo assim, é dever das escolas, através dos responsáveis, promover ações que possam conscientizar, educar e interagir as crianças, por meio de investimentos, a fim de minimizar essa problemática. Assim, aprendam desde cedo a não ser dominados por aparelhos viciosos".

45 Transcrição do texto da imagem: "Segundo o Artigo 1° da Declaração Universal dos Direitos Humanos "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos". Contudo, ao analisar o ingresso de pessoas trans na Universidade, verifica-se, infelizmente, tal direito na prática não tem sido tratado da maneira que merece. Dessa forma, o problema motivado pela falta de inclusão e pelo preconceito promove mais uma dificuldade para as pessoas trans".

SUMÁRIO

Imagem 6 - Parágrafo escrito pelo Discente B[46]

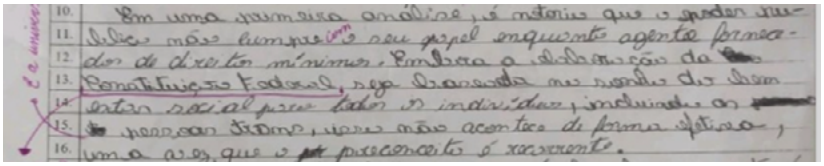


Fonte: Acervo das oficinas.

Além disso, na mesma redação (Imagem 7), em um parágrafo diferente, há uma incoerência no uso do conectivo "Em uma primeira análise" utilizado para iniciar o parágrafo. Esse uso continuou a aparecer nas redações do discente B (Imagem 8), mesmo após ter sido alertado pelas das autoras que o uso desse conectivo, apesar de não ser inadequado, não é pontuado na competência 4 do ENEM. A Imagem 8 demonstra esse uso na temática "Os golpes financeiros na internet em questão no Brasil". Essa recorrência evidencia o uso de modelo pronto pelo discente B em suas redações, visto que a utilização dos conectivos "Primeiramente", "Em primeira análise" e "Inicialmente", devido à não pontuação de seu uso no ENEM, não apareciam nos materiais da oficina e os alunos eram constantemente instruídos pelas discentes ministrantes a não utilizá-los. A utilização de conectivos de sequência (primeiramente-segundamente) nos parágrafos de desenvolvimento são características padrão de modelos prontos encontrados na internet.

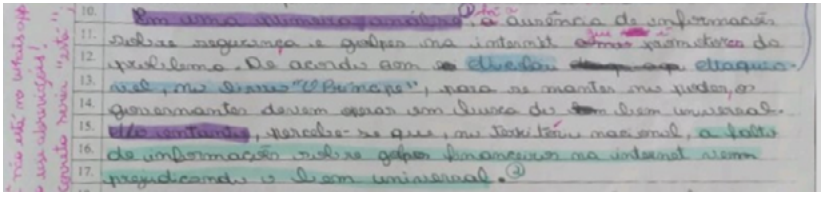
46 Transcrição do texto da imagem: "Sendo assim, medidas devem ser tomadas para resolver a questão do ingresso de pessoas trans na Universidade. Para isso, o Governo, em parceria com o MEC, deve financiar projetos de inclusão de pessoas trans nas Universidades, com a criação de cotas para pessoas trans. Dessa forma, a ação iniciada no presente será capaz de modificar o futuro da sociedade brasileira".

Imagem 7 - Parágrafo escrito pelo Discente B[47]



Fonte: Acervo das oficinas.

Imagem 8 - Parágrafo escrito pelo Discente B[48]



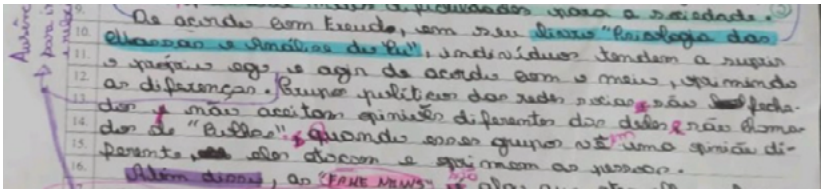
Fonte: Acervo das oficinas.

Ademais, na Imagem 9, foi possível observar, no desenvolvimento do tema "Opiniões políticas nas redes sociais", que o discente B não fez uso de conectivos para iniciar o parágrafo e nem os períodos do seu texto. Esse fator influenciou fortemente a sua pontuação na competência 4, pois a ausência de conectivos expressa a falta de coesão textual no parágrafo.

47 Transcrição do texto da imagem: "Em uma primeira análise, é notório que o poder público não cumpre o seu papel enquanto agente fornecedor de direitos mínimos. Embora a elaboração da Constituição Federal seja baseada no sonho do bem estar social para todos os indivíduos, incluindo as pessoas trans, isso não acontece de forma efetiva, uma vez que o preconceito é recorrente".

48 Transcrição do texto da imagem: "Em uma primeira análise, a ausência de informações sobre segurança e golpes na internet como promotor do problema. De acordo com Nicolau Maquiavel, no livro "O Príncipe", para se manter no poder os governantes devem operar em busca do bem universal. No entanto, percebe-se que, no território nacional, a falta de informações sobre golpes financeiros na internet vem prejudicando o bem universal".

Imagem 9 - Parágrafo escrito pelo discente B[49]



Fonte: Acervo das oficinas.

Dessa forma, enquanto o Discente A alcança recorrentemente a pontuação máxima de 200 pontos, o Discente B atinge, em sua maioria, o nível 4, ficando com 160 pontos na Competência 4, alcançando a pontuação máxima em poucas redações. Esse fator mostra, mesmo com uma evidente padronização do gênero textual identificada nas redações do Discente B, como a necessidade do uso diversificado de mecanismos linguísticos pelos alunos não é seguida. Assim, uma vez que o Discente A demonstra ter assimilado as estratégias ministradas na oficina ao construir uma fórmula própria e autoral de estruturação textual e argumentação, utilizando um amplo repertório de conectivos interparágrafos e intraparágrafos, alcança uma nota maior que o discente B. Essa diferença nas notas de alunos que possuíam frequência semelhante, acesso ao mesmo material e às mesmas aulas e correções é explicada pela ausência de uma variedade de recursos coesivos nas redações do Discente B. Portanto, visto que o discente optou por seguir o padrão fornecido por modelos prontos em suas redações, sem apresentar marcas de autoria e mesmo sendo orientado acerca da ausência de mecanismos linguísticos corretos por meio das correções das autoras, não houve progressão significativa em sua pontuação na Competência 4.

49 Transcrição do texto da imagem: "De acordo com Freud, em seu livro "Psicologia das Massas e Análise do Eu", indivíduos tendem a suprir o próprio ego e agir de acordo com o meio, oprimindo as diferenças. Grupos políticos das redes sociais são fechados e não aceitam opiniões diferentes das deles, são chamados de "Bolhas", quando esses grupos vê uma opinião diferente, eles atacam e oprimem as pessoas.".

SUMÁRIO

Desse modo, as contraposições apresentadas evidenciam a influência positiva e a importância das competências do ENEM na avaliação dos alunos. A Competência 4 do ENEM, ao avaliar a adequação do uso dos conectivos na redação e seguir o princípio da BNCC, considera não apenas a coesão textual, mas também a capacidade do aluno de articular ideias de forma coerente e bem estruturada. Assim, caso o aluno traga, por exemplo, ideias sem coesão e conectivos que não cabem no contexto apresentado, não alcançará uma boa nota na competência 4 do ENEM. Logo, a habilidade de utilizar uma variedade de conectivos reflete, diretamente, na pontuação do discente.

O gênero textual "Redação do ENEM", derivado do tipo textual dissertativo-argumentativo, porém acrescido de modificações, como a proposta de intervenção, requisito da Competência 5 do ENEM, se prova um ótimo exemplo de como os gêneros do discurso são, citando Bakhtin (2003), "relativamente estáveis", visto que o gênero se molda à função social que deve atender no momento – no caso da Redação do ENEM, avaliar as competências textuais adquiridas pelos alunos nos anos de escolaridade.

Sendo assim, Marcuschi (2011), ao retomar essa ideia de gênero relativamente estável de Bakhtin (2003), evidencia a própria estaticidade, ainda que relativa, do gênero textual como fator que propicia a identificação de padrões seguidos e utilizados na execução do gênero em questão.

A partir disso, foi possível observar, nas redações examinadas, que tanto o Discente A quanto o Discente B utilizaram de estratégias que os possibilitaram identificar os padrões de coesão sequencial necessários para conseguir uma boa pontuação na Competência 4 do ENEM. No entanto, foi perceptível, devido ao acompanhamento de correção semanal dos textos feito pelas discentes ministrantes do projeto, que a assimilação de Discente A acerca do uso dos conectivos se deu de forma gradual, tornando seu sequenciamento

SUMÁRIO

de ideias mais fluido e beneficiando sua argumentação no texto. Em paralelo, a utilização de uma estrutura de modelo pronto pelo Discente B anulou a função coesiva dos conectivos, sendo eles aplicados de forma inadequada ou não contabilizada pelo ENEM em seu texto. Por conta disso, visto que modelos prontos propõem uma estrutura de "preencher lacunas", seus textos tiveram o fluxo de argumentação afetado, evidenciando a ausência de assimilação dos elementos do tipo textual.

Além disso, a diversificação do repertório de conectivos também é um fator a ser ressaltado. A utilização de recursos de coesão sequencial variados no processo de escrita possibilita inferir que o autor do texto compreende os efeitos de cada recurso utilizado (como conectivos de comparação, adição, oposição etc.) na formulação de seu argumento. Dessa forma, observou-se, como demonstrado na Tabela 1, que o amplo repertório de conectivos utilizado pelo Discente A atesta que a função desses elementos na estrutura foi compreendida por ele, o que resultou em uma argumentação mais robusta. Já a ausência de variedade conectiva para estabelecer relações de contraste, complemento etc. nos textos do Discente B trouxe um aspecto superficial à sua argumentação, resultando em generalização e senso comum.

Tabela 1 - Repertório de conectivos utilizados por discentes

Discente A	Discente B
No entanto; Isso; Visto que; Dessa forma; Diante desse cenário; Todavia; Consequentemente; Diante dos fatos apresentados; Além disso; Entretanto; Uma vez que; Por consequência; Então; Portanto; Sendo assim; Assim; Logo; Por conseguinte; Com isso; Desse modo; Nesse sentido; Porém; Sob tal perspectiva; Trazendo para a sociedade brasileira; Diante disso; Sob tal análise; Sobretudo.	Contudo; Dessa forma; Além disso; Portanto; Para isso; Dessa maneira; Sendo assim; Desse jeito; Pois; No entanto; Isso; Ademais.

Fonte: dos autores.

SUMÁRIO

Portanto, a análise dos textos dos dois discentes permite concluir que o Discente A adquiriu um melhor desenvolvimento na estrutura textual, construindo a sua própria argumentação, trazendo marcas de autoria e utilizando uma variedade maior de conectivos, sem utilizar um modelo pronto e padronizado – estratégia adotada pelo discente B –, alcançando nível 5 e nota máxima na Competência 4 durante o projeto (pontuação detalhada nas redações do Anexo). Já o discente B, com o uso pouco diversificado de conectivos, alcançou o nível 4 em algumas redações e não conseguiu garantir a nota máxima na competência (pontuação detalhada nas redações do Anexo).

Dessa forma, como resultado da análise, fica evidente que mesmo com a identificação de elementos padrão no texto e a possibilidade da criação de "modelos prontos", propiciada pela "estaticidade relativa" do texto, a Matriz do Exame Nacional do Ensino Médio, ao demandar autoria e desenvolvimento da opinião do aluno no texto dissertativo-argumentativo, dá ênfase, por meio da Competência 4, à necessidade do conhecimento funcional dos recursos de coesão sequencial no texto.

Assim, o uso desses conectivos não tem sua funcionalidade resumida à necessidade de sua aplicação no texto, expressa pela competência em questão, mas reconhece a eficácia de um texto coeso, os efeitos que o uso de conectivos causa no encadeamento de ideias da argumentação e o emprego de um repertório diversificado desses mecanismos linguísticos como uma ferramenta para enriquecer o texto. O uso consciente e eficaz desse recurso é necessário na articulação do ponto de vista a ser defendido pelo aluno, visto que sua criticidade e posicionamento é avaliada pelo ENEM por ser fruto do processo de escolarização, sinalizando a capacidade da educação básica de formar de cidadãos dotados de opiniões.

SUMÁRIO

5. CONCLUSÃO

Em suma, levando em consideração a análise dos textos apresentados, conclui-se que há diferenças não apenas nas notas dos discentes na competência 4 do ENEM, mas também na construção dos sentidos da argumentação. No que tange aos aspectos da evolução da escrita, o Discente A, construindo sua própria linha de raciocínio ao apresentar as ideias defendidas, mostra que segue o que é proposto pela BNCC e, focalizando na competência 4, também consegue utilizar os mecanismos de coesão sequencial, de maneira adequada e fluida, em diversos contextos e em diferentes propostas temáticas, apresentando marcas de autoria, diversidade vocabular e, de forma clara, coesão textual.

Em contrapartida, o Discente B, ao recorrer aos modelos prontos como uma forma de estratégia para a escrita argumentativa, acaba não desempenhando uma argumentação coesa e não evoluindo na sua escrita durante a oficina, pois não consegue utilizar conectivos nos parágrafos e, quando faz uso desses termos no seu texto, independente do tema, acaba cometendo inadequações e/ou repetições vocabulares, fator que influencia a ausência de sequenciação lógica das ideias propostas na redação, visto que os mecanismos de coesão presentes nas suas redações apresentam falhas, contribuem para a falta de organização do texto e expressam ausência de autoria e conhecimento dos elementos que compõem o tipo dissertativo-argumentativo.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In:* BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

CAVALCANTE, M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999.

KOCH, I. V. **As Tramas do Texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

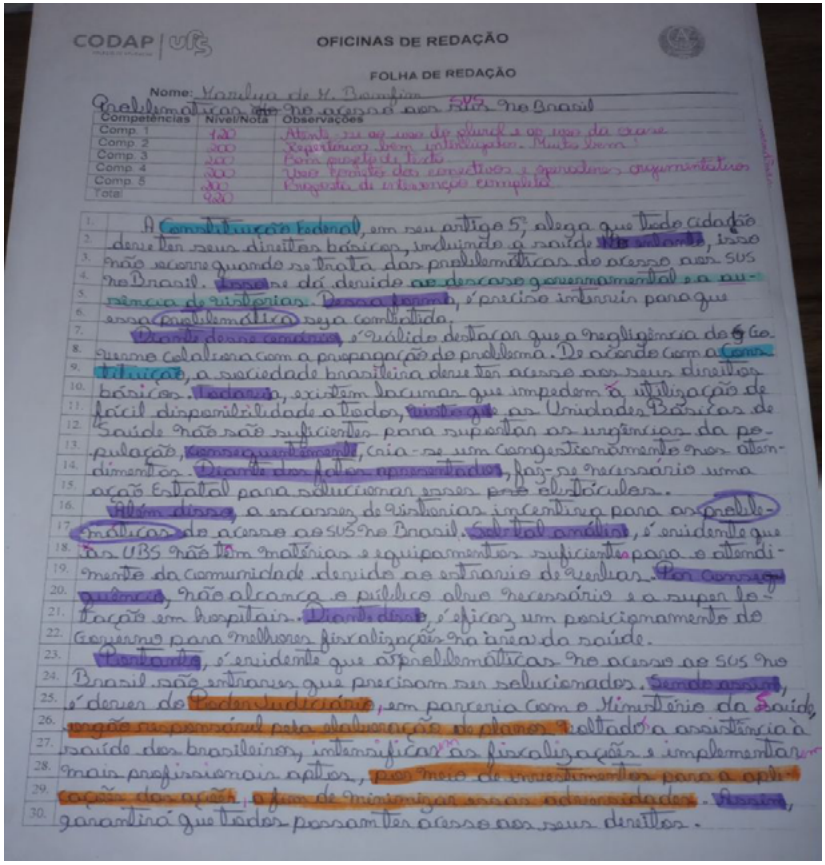
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A Redação do Enem 2023**: cartilha do participante. Brasília: INEP, 2023.

SUMÁRIO

ANEXOS

Redação 1 (com pontuação) - Discente A



CODAP | UFS

OFICINAS DE REDAÇÃO

FOLHA DE REDAÇÃO

Nome: Karoline de K. Brandão

Problemáticas no acesso ao SUS no Brasil

Competências	Nível/Nota	Observações
Comp. 1	160	Atenta ao uso da crase e ao uso da vírgula.
Comp. 2	200	Repertório bem interligado. Muito bem!
Comp. 3	200	Bom ponto de vista
Comp. 4	200	Uso bom dos conectivos e gerundismo argumentativo
Comp. 5	200	Proposta de intervenção completa!
Total:	960	

A Constituição Federal, em seu artigo 5º, alega que todo cidadão deve ter seus direitos básicos, incluindo a saúde. No entanto, isso não ocorre quando se trata das problemáticas do acesso ao SUS no Brasil. Isso se dá devido ao descaso governamental e a ausência de políticas. Dessa forma, é preciso intervir para que essa problemática seja combatida.

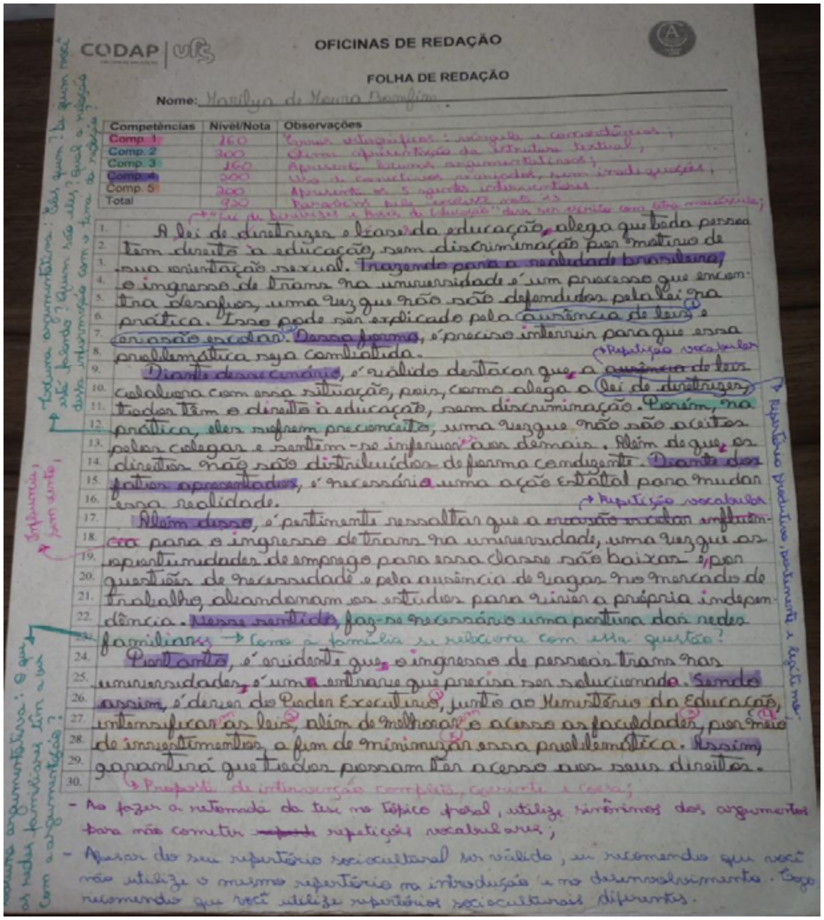
Diante desse contexto, é válido destacar que a negligência do Estado corrobora com a propagação do problema. De acordo com a Constituição, a sociedade brasileira deve ter acesso aos seus direitos básicos. Todavia, existem barreiras que impedem a utilização de fácil disponibilidade a todos, visto que as Unidades Básicas de Saúde não são suficientes para suprirem as urgências da população, consequentemente, cria-se um congestionamento nos atendimentos. Diante dos fatos apresentados, faz-se necessário uma ação Estatal para solucionar esses problemáticos.

Além disso, a ausência de políticas incentivos para as problemáticas de acesso ao SUS no Brasil. Sob tal ótica, é evidente que as UBS não têm materiais e equipamentos suficientes para o atendimento da comunidade devido ao entrave de verbas. Por conseguinte, não alcança o público alvo necessário e a superlotação em hospitais. Diante disso, é fica um posicionamento do governo para melhores fiscalizações na área da saúde.

Portanto, é evidente que as problemáticas no acesso ao SUS no Brasil não entraves que precisam ser solucionados. Sendo assim, é dever do Poder Judiciário, em parceria com o Ministério da Saúde, ação responsável pela elaboração de planos voltado a assistência à saúde dos brasileiros, intensificar as fiscalizações e implementar mais profissionais aptos, por meio de investimentos para a aplicação das ações, a fim de minimizar essas adversidades. Assim, garantirá que todos possam ter acesso aos seus direitos.

Fonte: Acervo das oficinas.

Redação 2 (com pontuação) - Discente A



CODAP | UFS

OFICINAS DE REDAÇÃO

FOLHA DE REDAÇÃO

Nome: Marilya de Moura Bomfim

Competências	Nível/Nota	Observações
Comp. 1	160	Erros ortográficos: vírgula e concordâncias;
Comp. 2	200	Ótima apresentação da estrutura textual;
Comp. 3	160	Apresente lacunas argumentativas;
Comp. 4	200	Uso de conectivos variados, sem inadequações;
Comp. 5	200	Apresenta os 5 agentes interventivos.
Total	920	Parabéns pelo excelente nota

A lei de diretrizes e bases da educação, alega que toda pessoa tem direito à educação, sem discriminação por motivo de sua orientação sexual. Trazendo para a realidade brasileira, o ingresso de trans na universidade é um processo que encontra desafios, uma vez que não são defendidos pela lei na prática. Isso pode ser explicado pela ausência de leis e evasão escolar. Dessa forma, é preciso intervir para que essa problemática seja combatida.

Diante desse cenário, é válido destacar que a ausência de leis colabora com essa situação, pois, como alega a lei de diretrizes, todos têm o direito à educação, sem discriminação. Porém, na prática, eles sofrem preconceito, uma vez que não são aceitos pelos colegas e sentem-se inferiores aos demais. Além de que os direitos não são distribuídos de forma condizente. Diante dos fatos apresentados, é necessária uma ação estatal para mudar essa realidade.

Além disso, é pertinente ressaltar que a evasão escolar influencia para o ingresso de trans na universidade, uma vez que as oportunidades de emprego para essa classe são baixas e, por questões de necessidade e pela ausência de vagas no mercado de trabalho, abandonam os estudos para viver a própria independência. Nesse sentido, faz-se necessário uma postura das redes familiares. → Como a família se relaciona com essa questão?

Portanto, é evidente que o ingresso de pessoas trans nas universidades é uma entrave que precisa ser solucionado. Sendo assim, é dever do Poder Executivo, junto ao Ministério da Educação, intensificar as leis, além de melhorar o acesso às faculdades, por meio de investimentos, a fim de minimizar essa problemática. Assim, garantirá que todos possam ter acesso aos seus direitos.

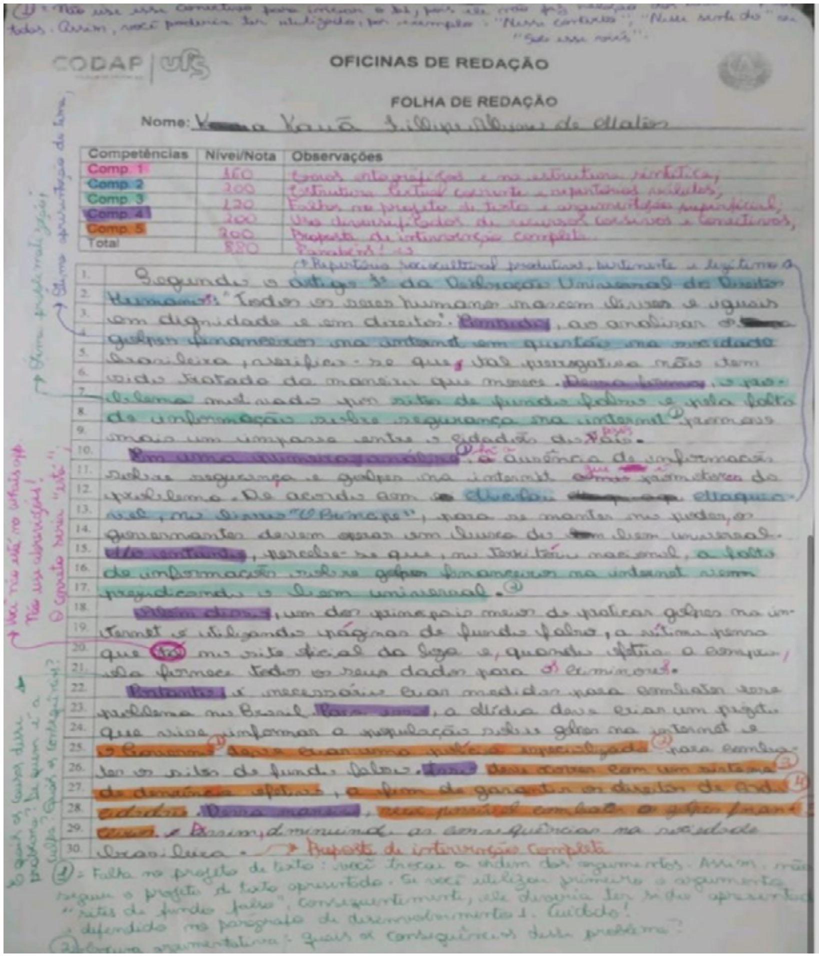
→ Proposta de intervenção completa, coerente e coesa;

- Ao fazer a retomada da tese no tópico frasal, utilize sinônimos dos argumentos para não cometer repetições vocabulares;
- Apesar do seu repertório sociocultural ser válido, eu recomendo que você não utilize o mesmo repertório na introdução e no desenvolvimento. Logo recomendo que você utilize repertórios socioculturais diferentes.

Fonte: Acervo das oficinas.

SUMÁRIO

Redação 3 (com pontuação) - Discente B


CODAP | UFS

OFICINAS DE REDAÇÃO

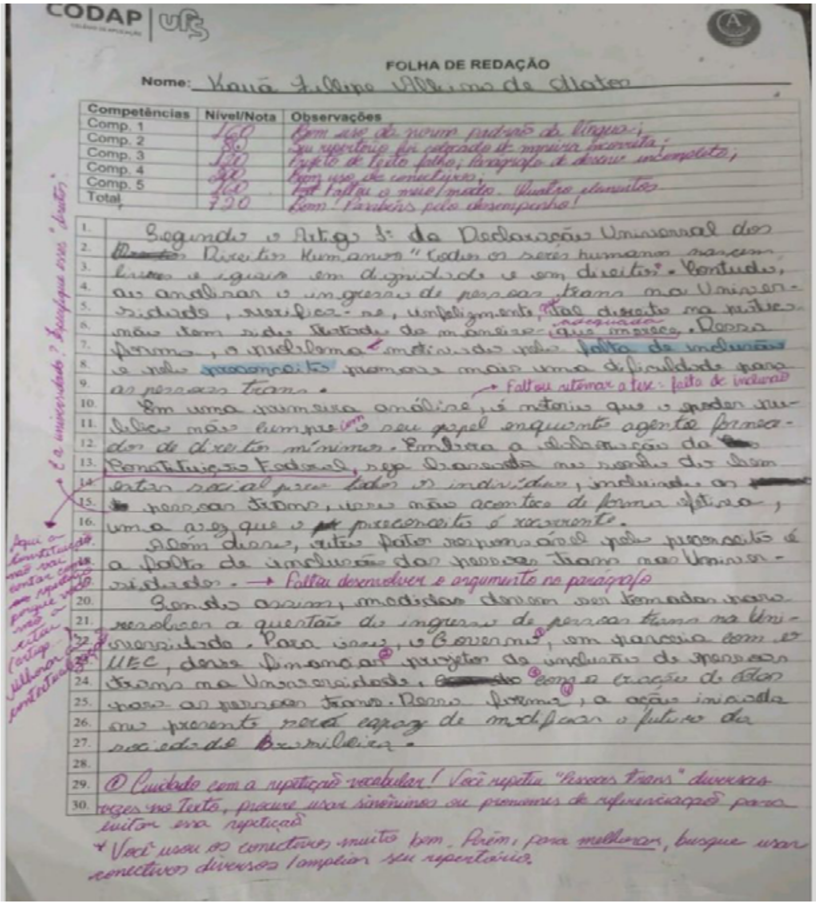
FOLHA DE REDAÇÃO

Nome: [illegible]

Competências	Nível/Nota	Observações
Comp. 1	160	Erros ortográficos e na estrutura sintática;
Comp. 2	200	Estrutura textual coerente e repertórios válidos;
Comp. 3	120	Falhas no projeto de texto e argumentação superficial;
Comp. 4	200	Uso diversificado de recursos coesivos e conectivos;
Comp. 5	200	Proposta de intervenção completa.
Total	880	Parabéns!

Fonte: Acervo das oficinas.

Redação 4 (com pontuação) - Discente B


CODAP | UFS

FOLHA DE REDAÇÃO

Nome: Kauã Fillipe [illegible]

Competências	Nível/Nota	Observações
Comp. 1	160	Bom uso da norma padrão da língua;
Comp. 2	80	Seu repertório foi colocado de maneira incorreta;
Comp. 3	120	Projeto de texto falho; parágrafo de desenv. incompleto;
Comp. 4	200	Bom uso de conectivos;
Comp. 5	160	Faltou o meio/modo. Quatro elementos.
Total	720	Bom! Parabéns pelo desempenho!

Segundo o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos". Contudo, ao analisar o ingresso de pessoas trans na Universidade, verifica-se, infelizmente, que tal direito na prática não tem sido tratado de maneira adequada. Dessa forma, o problema é motivado pela falta de inclusão e pelo preconceito, tornando mais uma dificuldade para as pessoas trans. → Faltou retomar a tese: falta de inclusão

Em uma primeira análise, é notório que o poder público não cumpre com o seu papel enquanto agente fornecedor de direitos mínimos. Embora a elaboração da Constituição Federal seja baseada no sonho do bem estar social para todos os indivíduos, incluindo as pessoas trans, isso não acontece de forma efetiva, uma vez que o preconceito é recorrente.

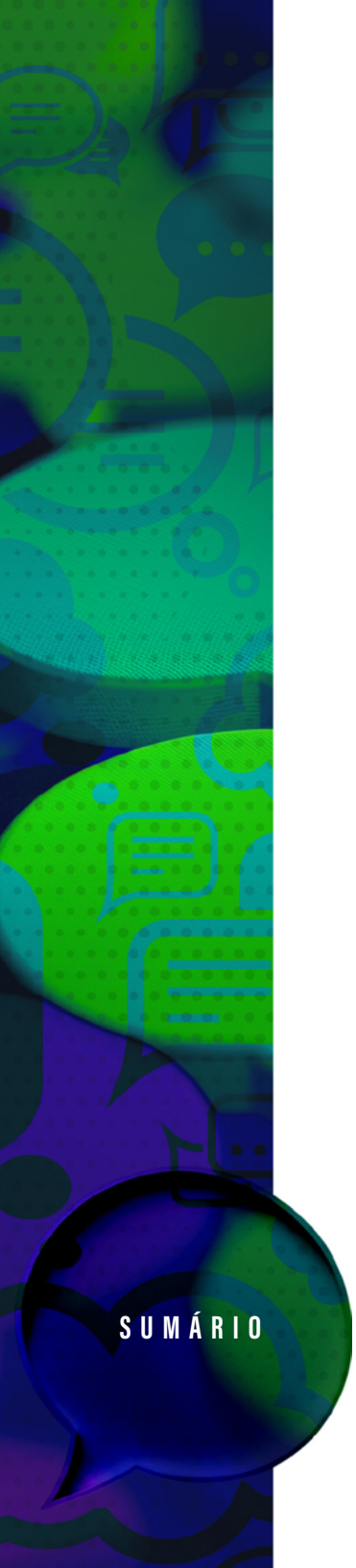
Além disso, outro fator responsável pelo preconceito é a falta de inclusão das pessoas trans na Universidade. → Faltou desenvolver o argumento no parágrafo

Sendo assim, medidas devem ser tomadas para resolver a questão do ingresso de pessoas trans na Universidade. Para isso, o Governo, em parceria com o MEC, deve financiar projetos de inclusão de pessoas trans na Universidade, com a criação de cotas para as pessoas trans. Dessa forma, a ação iniciada no presente será capaz de modificar o futuro da sociedade Brasileira.

① Cuidado com a repetição vocabular! Você repetiu "Pessoas trans" diversas vezes no Texto, procure usar sinônimos ou pronomes de referenciação para evitar essa repetição.

* Você usou os conectivos muito bem. Porém, para melhorar, busque usar conectivos diversos / amplior seu repertório.

Fonte: Acervo das oficinas.



SUMÁRIO

SOBRE OS ORGANIZADORES

Edvaldo Balduino Bispo

Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN. Pós-doutorado Sênior em Estudos de Linguagem pela UFF, com apoio da FAPERJ. Professor Associado da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), do qual foi coordenador de 2015 a 2019. Membro da ABRALIN e do GT Descrição do Português da ANPOLL, de que também foi coordenador (2016-2018). Editor-chefe da Revista do GELNE e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do grupo Discurso & Gramática (D&G)/UFRN, seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português e ao ensino de língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional de vertente norte-americana e da Linguística Funcional Centrada no Uso. É autor e coorganizador de livros e autor de vários capítulos e artigos científicos relacionados a esses temas.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5607-3407

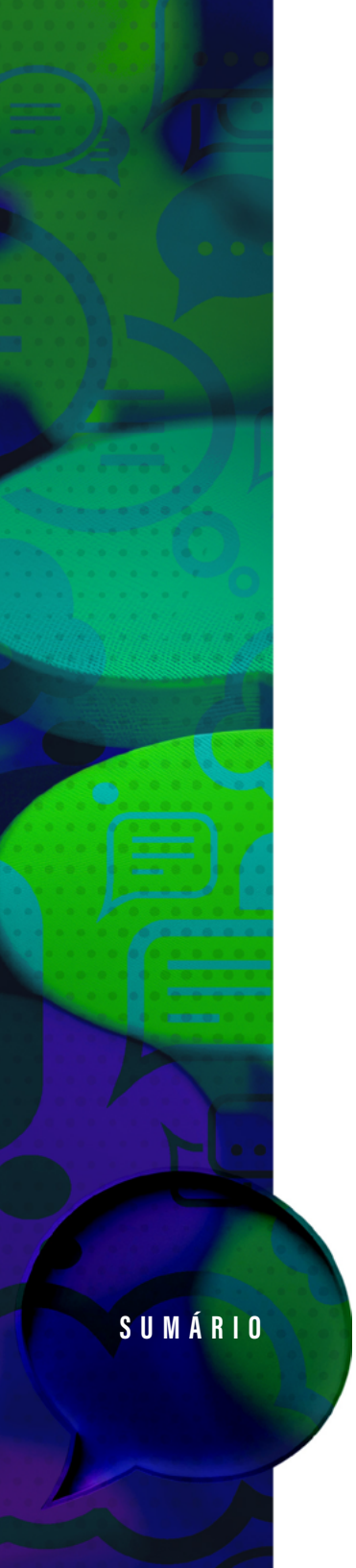
E-mail: edbbispo@gmail.com

Fernando da Silva Cordeiro

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor de Linguística/Língua Portuguesa, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas. Líder do Grupo de Estudos Língua em Uso da UFERSA e pesquisador do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem experiência em pesquisas com foco em fenômenos morfológicos e sintáticos do Português Brasileiro em perspectiva funcional e construcionista, bem como no ensino de língua portuguesa na educação básica. Entre suas áreas de interesse estão: Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções; Linguística Cognitiva; Ensino de Língua Portuguesa e Formação Docente.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6940-1994

E-mail: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br



SUMÁRIO

SOBRE OS AUTORES

Ana Clara Figueiredo Gonçalves

Licencianda em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022 - Atual). Também atua como monitora do Projeto de Extensão Ações de Combate ao Preconceito Linguístico (UFRJ, 2022 - Atual) e é extensionista no Projeto de Extensão Autonomia em Prosa (UFRJ, 2024-Atual). Ao longo de 2023, atuou como monitora bolsista da disciplina Fundamentos Linguísticos e em 2024 atuou como monitora bolsista da disciplina Produção de Textos em Língua Portuguesa.

ORCID: https://orcid.org/0009-0002-4697-8779

E-mail: anaclarafigueiredo@letras.ufrj.br

Éccia Alécia Barreto

Graduada em Letras e Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Sergipe. Foi bolsista de Iniciação Científica no período de 2008.2 a 2009.1, bolsista de Iniciação à Extensão, na área de Língua Portuguesa, no período de 2009.2 a 2010.1 e bolsista de Iniciação à Extensão no período de 2010.2 a 2011.1, na área de Análise do Discurso. De 2011.2 a 2012.1 foi bolsista de Iniciação Científica. Foi membro do Grupo de Estudos "Linguagem, Interação e Sociedade - Gelins". Tem interesse pela investigação de fenômenos de variação e mudança linguística, tais como categorias verbais - com ênfase em *continuum* de gradiência aspectual - e questões metodológicas de coleta e constituição de bancos de dados sociolinguísticos. Desde 2016, é professora efetiva do Colégio de Aplicação - UFS.

ORCID: https://orcid.org/0009-0009-1415-1911

E-mail: eccia@academico.ufs.br

Iasmin Brito da Silva

Graduanda em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Sergipe. Atuou como bolsista CAPES no Programa Residência Pedagógica nos anos 2022-2024 e como bolsista voluntária de Iniciação à Extensão do projeto "Oficinas de Redação" no CODAP/UFS no ano de 2023. Atualmente, é bolsista voluntária de Iniciação Científica no projeto "Identidades e experiências: o romance de mulheres latinas no contexto de língua inglesa", nas áreas de literatura feminista e decolonialidade, e integra o programa Idiomas Sem Fronteiras (Rede Andifes) como bolsista do núcleo de Língua Inglesa.

ORCID: https://orcid.org/0009-0008-2022-5801

E-mail: iasminbritos13@gmail.com

João Paulo da Silva Nascimento

Doutorando em Linguística (2023-atual) e Mestre em Estudos Linguísticos (2022) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). No presente, atua no Magistério Superior e na Educação Básica, respectivamente, como professor substituto de Linguística e Língua Brasileira de Sinais do Departamento de Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor permanente de Língua Portuguesa da SMERJ.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8392-4265

E-mail: jpn0401@gmail.com

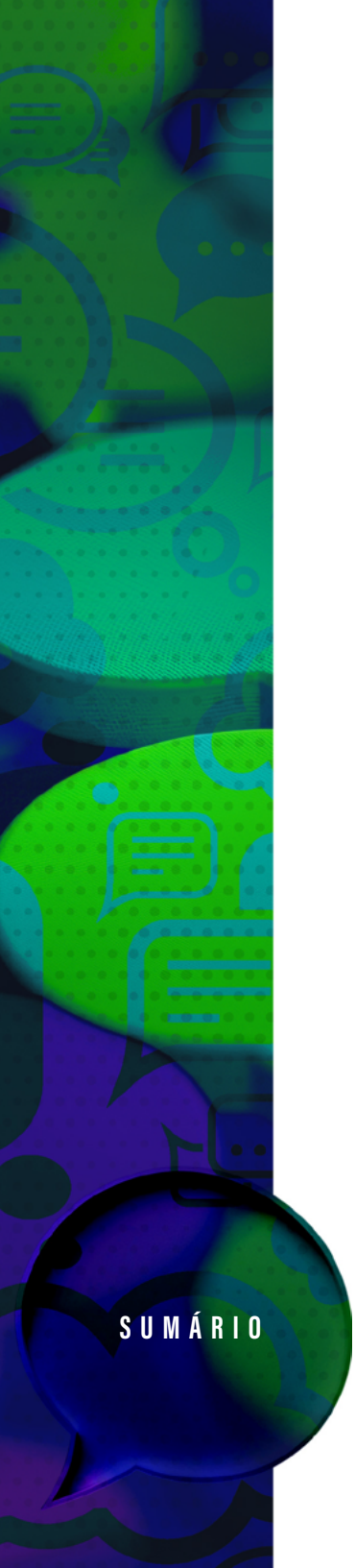
Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora do Grupo Discurso & Gramática (D&G/UFRN) e vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora (NUPACT/UFJF).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8864-8626

E-mail: lauriefmdallorto.work@gmail.com

SUMÁRIO



SUMÁRIO

Letícia Lorrany Santos de Santana

Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe. Atuou como bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência nos anos de 2020-2022 e como bolsista CAPES no Programa Residência Pedagógica nos anos de 2022-2024. Participou como bolsista voluntária de Iniciação à Extensão do projeto "Oficinas de Redação" no CODAP/UFS no ano de 2023.

ORCID: https://orcid.org/0009-0004-4245-3494

E-mail: leticiasantana3011@gmail.com

Letícia Rocha Farias Lima

Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Atuou na Iniciação Científica como bolsista CNPq, na área de Linguística Aplicada, nos anos de 2022-2023. Participou como bolsista voluntária de Iniciação à Extensão do projeto "Oficinas de Redação" no CODAP/UFS no ano de 2023. Atualmente, é pesquisadora na Iniciação Científica no projeto "Percurso de graduandos na apropriação do letramento acadêmico: Narrativas como lugar de reflexão", na área da Linguística Aplicada, como bolsista COPES-UFS. Membro do grupo de Pesquisa Língua(gem), Letramentos, Diversidade e Formação Docente.

ORCID: https://orcid.org/0009-0007-3608-935X

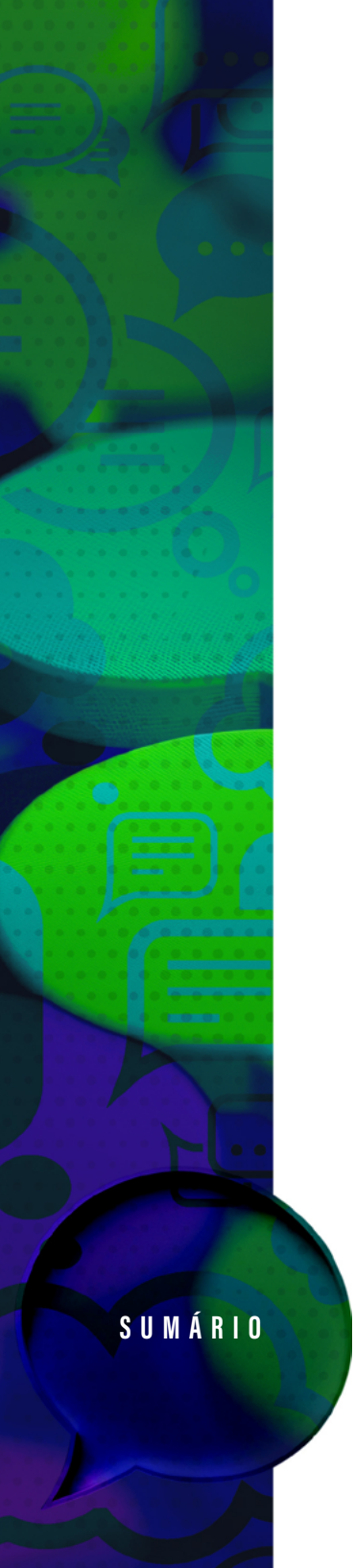
E-mail: leticiafarias795@gmail.com

Leyla Ely

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Graduada em Letras (português e espanhol) e Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó SC. Faz parte do Grupo de Estudo Discurso e Gramática e, atualmente, estuda as construções [vai que] e [supondo que] com base na Gramática de Construções Baseada no Uso.

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8221-5974

Email: leylaely@letras.ufrj.br



SUMÁRIO

Lydsson Agostinho Gonçalves

Doutorando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0875-7334

E-mail: lydssongoncalves@gmail.com

Manoela Amstalden Ambiel

Aluna de Licenciatura em Letras Português e Alemão na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista de iniciação científica pelo CNPq, pesquisando em linguística funcionalista pelo grupo Discurso & Gramática na subseção UFRJ.

ORCID: https://orcid.org/0009-0006-1237-2444

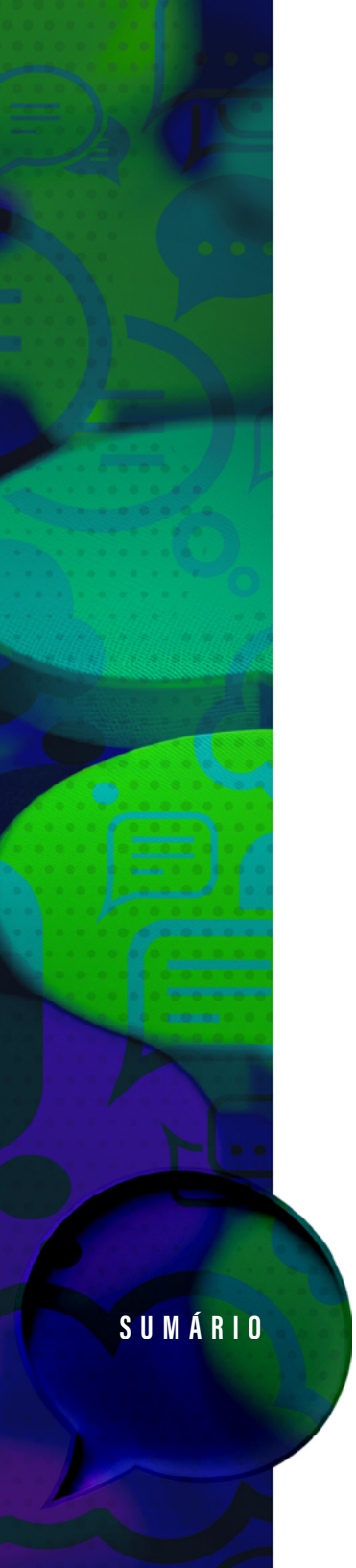
E-mail: manoelamstalden@letras.ufrj.br

Marcia dos Santos Machado Vieira

Doutora e Mestra em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Bacharela e Licenciada em Português-Inglês pela UFRJ. Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas. Está em estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Informática (PPGI) da UFRJ. É pesquisadora em Produtividade nível 2 do CNPq e Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. Coordena o Projeto brasileiro PREDICAR Formação e expressão de predicados complexos e predicações; o Projeto franco-brasileiro VariaR – Variação nas Línguas Românicas; o Projeto "inCorpora"; o Projeto brasileiro CAPES PrInt, do PPGLEV da UFRJ, intitulado Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa. Participa do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, com sede na UFRJ, que se vincula a sedes na UFF e UFRN. Coordena a Comissão Científica de Sociolinguística da ABRALIN.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2320-5055

E-mail: marcia@letras.ufrj.br



SUMÁRIO

Marcos Luiz Wiedemer

Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP), com doutorado sanduíche na Erfurt Universität (Erfurt-Alemanha) e Mestre em Linguística (UFSC). Está realizando estágio pós-doutorado na UFRJ/CNPq. Professor Associado de linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Procientista (Faperj/UERJ). É membro (pesquisador) do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFRJ) e do Grupo de Pesquisas Estudos Sociofuncionalistas (UFMS) e, juntamente com Manuela Correia de Oliveira (UERJ), lidera o Grupo de Pesquisa "Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas" (UERJ/UFF/IFRJ/UFRR/UFPE). Exerceu a função de Vice-Presidente da ANPOLL (2021-2023). É membro do Corpo de Embaixadores da Olimpíada Brasileira de Linguística. Coordenador do Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino (LABLETRAS/UERJ).

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0924-1030

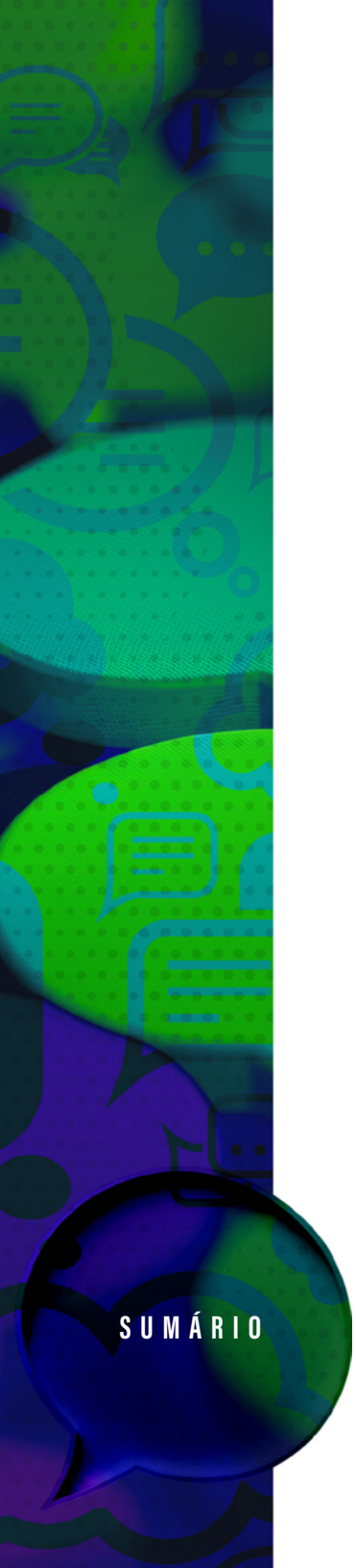
E-mail: mlwiedemer@gmail.com

Maria Angélica Furtado da Cunha (*in memoriam*)

Professora Emérita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professora Visitante da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília. Realizou dois estágios de pós-doutoramento na University of California, Santa Barbara, e um na Universidade Federal Fluminense. Membra do grupo de estudos Discurso & Gramática. Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre transitividade, estrutura argumental, gramática de construções e ensino de gramática sob o enfoque da Linguística Funcional. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3128-6852

E-mail: angelica.furtado@ufrn.br



SUMÁRIO

Maria Maura da Conceição Cezario

Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha no Departamento de Linguística e de Filologia e no Programa de Pós-graduação em Linguística. É bolsista do CNPq e Cientista de Nosso Estado da Faperj (2023-2025). É pesquisadora do Grupo de Estudo Discurso e Gramática e autora de vários livros e artigos sobre a linha funcionalista e construcionista.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1724-762X

E-mail: mmcezario@letras.ufrj.br

Miguel de Assis Bomfim

Aluno de licenciatura em Letras Português e Inglês na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista de iniciação científica pela FAPERJ, pesquisando em linguística funcionalista pelo grupo Discurso & Gramática na subseção UFRJ.

ORCID: https://orcid.org/0009-0003-4811-0372

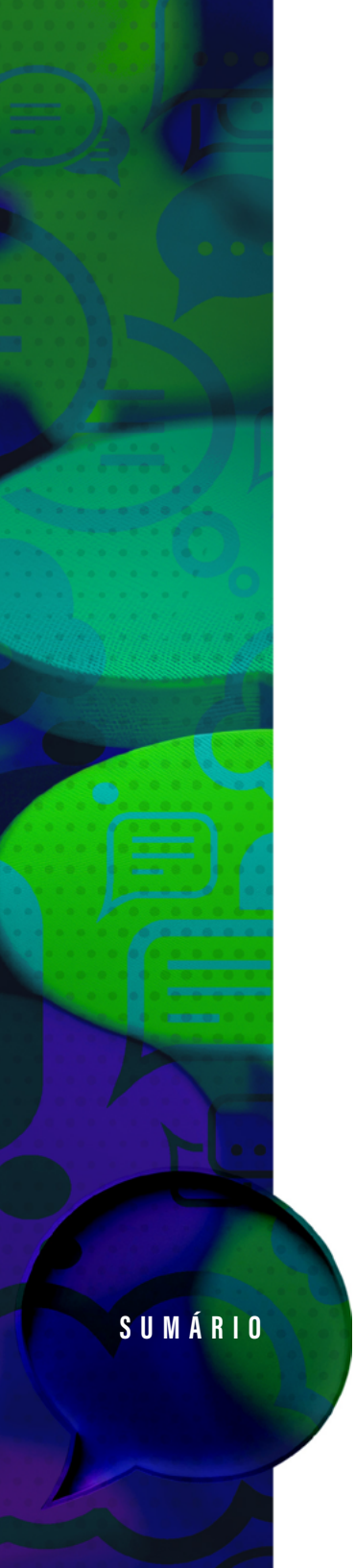
E-mail: miguelbomfim@letras.ufrj.br

Mizilene Kelly de Souza Bezerra

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Linguística Aplicada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Atuou como professora temporária na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2014-2017) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2018-2020), Campus Sobral. Membro do grupo de estudos Discurso & Gramática. Bolsista DS/CAPES.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1915-3037

E-mail: kelly.souza.b@hotmail.com



SUMÁRIO

Priscilla Mouta Marques

Possui graduação em Letras (Português - Literaturas) (1999), Mestrado (2008) e Doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui curso de aperfeiçoamento acadêmico na Universidade da Califórnia - Berkeley (2009). É Professora Adjunta de Linguística da UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição e pesquisadora do Grupo de Estudos Discurso & Gramática.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2301-7852

E-mail: priscillamouta@letras.ufrj.br

Roberto de Freitas Junior

Graduado em Português/Inglês pela UFRJ, com especialização em Língua Inglesa pela PUC-Rio, Mestrado e Doutorado em Linguística pela UFRJ e pós-doutorado pela Universidade de Birmingham. Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras/UFRJ. Professor permanente do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/FFP.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6237-1040

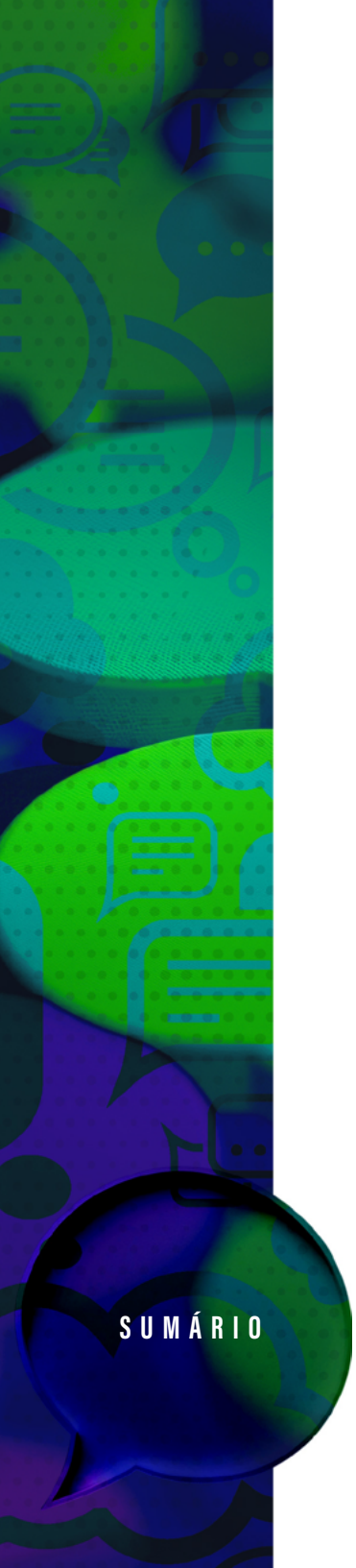
E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br

Sávio André de Souza Cavalcante

Doutor e Mestre em Linguística, com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC (PPGL/UFC). Professor Adjunto I da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com atuação no curso de Letras - Espanhol, no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Líder do Grupo de Pesquisa Funcionalismo, Texto e Ensino (FUNCIONAL-UECE) e pesquisador nos grupos de pesquisa Discurso e Gramática (D&G-UFRN) e Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF-UFC). Seu perfil científico se volta à Análise e Descrição Linguística, com especificidade em articulação de orações e usos de conectores na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5152-6924

E-mail: savio.cavalcante@uece.br



SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

A

aquisição 12, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 144

B

brasileiro 11, 12, 24, 35, 37, 53, 60, 61, 65, 67, 68, 69, 74, 83, 84, 85, 121, 131, 132, 193

C

coesão 13, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 180, 181, 182, 183, 184

condicionalidade 11, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 50, 51

construcional 10, 36, 37, 41, 42, 63, 71, 88, 92, 94, 102, 124, 127, 132, 134, 136, 138, 140

corpus 24, 26, 28, 31, 32, 34, 68, 69, 72, 73, 74, 85, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 120, 132, 137, 170

E

educação 12, 122, 123, 169, 182, 189

ensino 10, 12, 13, 40, 122, 123, 124, 125, 127, 131, 132, 134, 136, 137, 141, 143, 145, 158, 159, 166, 168, 184, 189, 194

experiência 20, 22, 24, 92, 93, 123, 125, 126, 127, 134, 153, 189

expressões 11, 21, 41, 52, 74, 75, 82, 84, 97, 99, 113

F

Figura 12, 71, 76, 106, 129, 130, 133, 135, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 161, 162, 165, 166

Funcionalismo 10, 16, 37, 86, 121, 146, 147, 148, 196

Fundo 12, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 165

G

gramática 35, 37, 39, 62, 63, 67, 71, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 90, 118, 120, 126, 127, 128, 129, 138, 142, 144, 147, 150, 194

L

Letras 11, 12, 37, 40, 54, 57, 58, 118, 121, 143, 146, 161, 165, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

LFCU 12, 16, 17, 18, 39, 40, 41, 61, 62, 63, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 136, 141, 142, 196

língua 10, 12, 13, 15, 17, 18, 31, 39, 40, 41, 42, 49, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 76, 84, 85, 86, 90, 93, 100, 118, 120, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 134, 135, 136, 139, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 154, 159, 168, 189, 191, 193

linguística 11, 12, 13, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 60, 62, 64, 70, 85, 86, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 131, 137, 143, 146, 147, 148, 165, 166, 169, 190, 193, 194, 195

Linguística Funcional Centrada no Uso 10, 11, 15, 16, 35, 39, 57, 61, 62, 84, 146, 147, 166, 189, 196

livros 158, 189, 194, 195

P

partícula 11, 42, 60, 61, 64, 65, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 85

percepção auditiva 10, 14, 15, 20, 21, 24, 25, 26, 31, 34, 35

português 11, 12, 15, 18, 24, 31, 35, 37, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 84, 85, 86, 97, 118, 120, 121, 129, 131, 132, 133, 136, 143, 189, 192

preposição 88, 94, 95, 96, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 114, 115, 116, 137

pronome 19, 21, 22, 26, 27, 29, 30, 34, 65, 67, 68, 86, 104

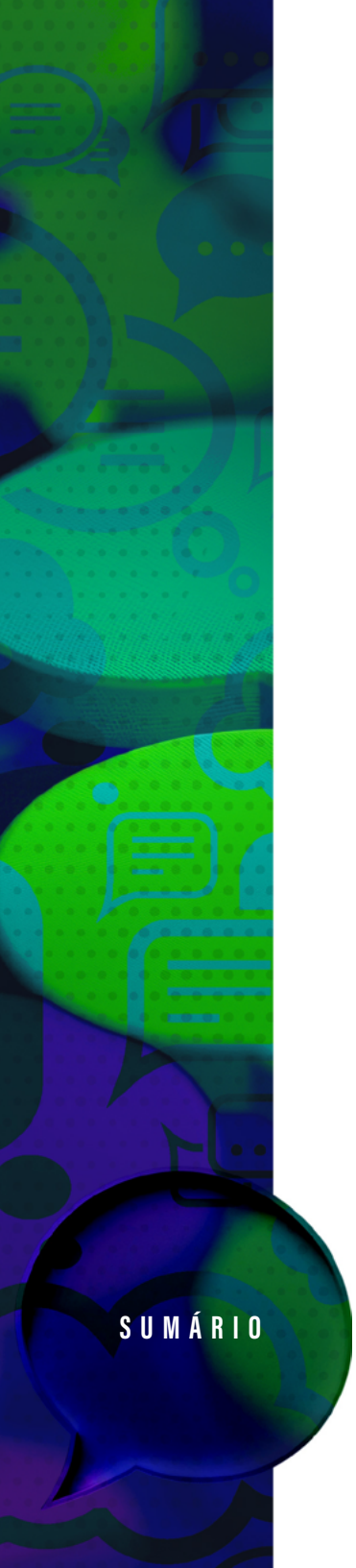
R

redações 13, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 177, 179, 180, 182, 183

S

semântico 10, 11, 15, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 35, 39, 43, 45, 47, 49, 54, 58, 66, 85, 92, 97, 100, 106, 110, 153

sintático 18, 39, 47, 49, 52, 65, 66, 76, 83, 100



SUMÁRIO

slot 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 103, 108, 126

subjetividade 17, 23, 24, 27, 28, 37, 45, 53, 151, 155

sujeito 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 61, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 108, 109, 111, 127, 151, 152, 153, 154, 158, 160

T

temporal 11, 74, 88, 89, 90, 91, 96, 101, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 151

texto 16, 17, 20, 28, 70, 116, 117, 120, 131, 156, 159, 160, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184

transitividade 77, 109, 160, 161, 194

V

verbo 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 42, 43, 51, 66, 68, 72, 77, 83, 88, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 117, 119, 153, 154, 158, 160

www.PIMENTACULTURAL.com

Língua em USO

funcionalismo linguístico e outros olhares teóricos

UFRN | PPG Pró-Reitoria de Pós-Graduação

pimenta cultural